





I. JOFFILY.

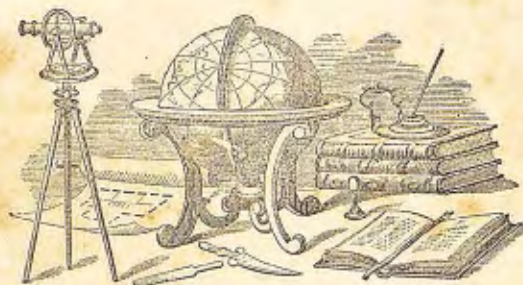
Charles Darwin

NOTAS SOBRE A PARAHYBA

POR

I. JOFFILY

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro,
e do Instituto Archeologico Pernambucano



RIO DE JANEIRO.

Typographia do «Jornal do Commercio» de Rodrigues & C.

1892



NOTAS SOBRE A PARAHYBA

Dr. José Duarte Dantas

ADVOGADO

Escriptorio Rua _____

1900

NOTAS SOBRE A PARANÁ



Dr. Irenéo Joffily nascéo a 15 de Dezembro de 1843, em territorio da antiga freguezia de Campina-Grande. E' descendente pela linha paterna dos primeiros povoadores dos sertões da Parahyba, os Oliveiras Ledos. Na povoação de Pocinhos, da mesma freguezia, onde passou a sua infancia, aprendéo as primeiras lettras. Em principio de 1856 foi cursar as aulas do collegio de Cajaseiras, que já era então o primeiro estabelecimento do ensino da provincia. Ali pouco tempo demorou-se : a aproximação do cholera-morbus, que do littoral, em marcha devastadora seguia para o centro, obrigou-o a refugiar-se no sertão dos Inhamuns, (Ceará), onde conservou-se até o mez de Dezembro de 1856, quando voltou para Parahyba, não encontrando mais seu pai, o tenente-coronel José Luiz Pereira da Costa, uma das primeiras victimas do flagello.

Em 1857 seguiu para o Recife, (Pernambuco), onde estudou todos os preparatorios exigidos para matricula na Faculdade de Direito, vindo a conseguir o titulo de bacharel em 1866. Voltando para a sua provincia, servio no anno seguinte o cargo de promotor publico nas comarcas de S. João do Cariry e de Campina-Grande. Neste anno levou a effeito segunda viagem pelo interior, atravessando a Parahyba e o Rio-Grande

do Norte até Fortaleza, capital do Ceará. Em 1868 foi nomeado juiz municipal de Campina-Grande e concluido o seu quadriennio, abriu escriptorio de advogado tomando ao mesmo tempo parte activa na politica. Em diversas legislaturas dahi por diante foi eleito membro da Assembléa Provincial, e deputado geral em 1889, no ultimo ministerio da monarchia. Em 1888 havia fundado a *Gazeta do Sertão*, periodico que exercêo grande influencia no interior da Parahyba, e do qual foi constantemente director até Maio do anno passado, quando forão violentadas as suas officinas pela força publica. A *Gazeta do Sertão*, sendo então o unico jornal que fazia opposição ao governador do Estado, foi a este que a opinião publica deo maior responsabilidade por tão brutal ataque, assim como por outros vexames e perseguições que soffrêo o Dr. Joffily; pelo que julgando-se sem garantias veio refugiar-se na Capital Federal.

Pessoas que sabião quanto elle era conhecedor da geographia de seu estado natal, lembrarão-lhe aqui que, aproveitando o ocio forçado que a politica local lhe fizera, escrevesse, embora succintamente, o que aprendera nas viagens, ouvira de pessoas competentes, ou apanhara em livros, que esclarecesse e augmentasse o pouco que até então era conhecido sobre a Parahyba.

Embora não tivesse aqui apontamentos, prestou-se a faze-lo sem falsa modestia como sem pretensões, e em Setembro do anno passado sahio o primeiro artigo da serie no *Jornal do Commercio*. Outros lhes succederão rapidamente, e forão tão favoravelmente recebidos pelo publico fluminense que, á instancia de

amigos e apreciadores, resolveu-se o autor a reuni-los em volume que agora sahe á luz.

Deve dizer-se que na Parahyba, a impressão foi differente. O *Jornal do Commercio*, annunciando a publicação do trabalho, disse sem a menor malicia que aquelle estado ainda não tinha historia escripta, que Varnhagen, o mais instructivo e completo dos nossos historiadores, poucas paginás, se não poucas linhas, lhe consagrara, que quanto á geographia achavamo-nos hoje tão adiantados como em 1817, quando Ayres do Casal publicou a sua basilar *Chorographia Brasilica*. Estas palavras não forão bem aceitas nas terras parahybanas. Um cidadão de Campina Grande protestou que o estado não precisava do Dr. Irineo para torna-lo conhecido. O Dr. Maximiliano Lopes Machado escreveu a proposito uma serie de artigos em que não aceita uma proposição emittida, não reconhece um só ponto esclarecido, não perdoa uma só observação aventureira, por mais innocente. Um trecho destes artigos, de que vimos quatorze no *Estado do Parahyba*, bastará para que se veja o tom em que são escriptos. Disse o Dr. Joffily que as cartas de Candido Mendes e de Homem de Mello representam muito diversa do que é a configuração da Parahyba. O Dr. Irineo falla por sua conta, escreve o Dr. Machado; conta o que vio por impressões recebidas em logares que visitou como *touriste*; não cita uma autoridade, o nome de um profissional que descobrisse as grandes curvas das extensas linhas de divisão de Sul ao Norte. As impressões não dão autoridade a factos e por mais que nos mereça o Dr. Irineo, não levará a mal si lhe dissermos

que aquelles dous respeitaveis nomes estão muito alto no dominio das sciencias para serem sacrificados á vaidade de quem ainda não começa a penetrar nelle.»

Comprehende-se bem que quem escreve estas linhas não tem que intervir nesta discussão, mesmo porque o Dr. Maximiniano Machado sem o querer fez o maior elogio das paginas que vão seguir. Effectivamente encontram-se aqui impressões de turista, cousas vistas, notações directas. Havia antes alguma cousa que satisfizesse a taes exigências? Não havia com certeza, e nisto consiste o valor principal das *Notas sobre a Parahyba*, que occuparão um lugar ainda vasio, isto não só quanto á parte geographica: tambem quanto á parte historica. Geographia, disse um dos seus maiores mestres, o genial Oscar Peschel, digno rival de Humboldt e Ritter, quer dizer medição; medição não existe nestas *Notas*. Geographia moderna e scientifica, a que ensinão e escrevem um Albrecht Penckt ou um Alex. Supan, não existe aqui, nem se póde ainda escrever no Brasil se não para algum ponto de São Paulo, Rio ou Minas mas ha informações abundantes e fidedignas para a discripção dos centros populosos, para o aspecto geral, os costumes, as occupações, a distribuição dos habitantes. E tambem quanto á historia, não é menos valiosa a contribuição agora offerecida, e será este o nosso manancial emquanto o illustrado critico não nos der a sua *Historia da Parahyba*, trabalho consideravel em que trabalha ha alguns annos.

Não visão estas linhas fazer um estudo a respeito das *Notas sobre a Parahyba*; entretanto seja permitido refirir-me a certos pontos.

O autor insiste, e com razão, sobre uma parte do interior ter sido povoada desde a primeira metade do século XVII, só mais tarde pondo-se em contacto com o littoral. Commum a Pernambuco, Rio-Grande do Norte, Ceará e Piauhý, este facto ainda não foi tomado na devida consideração em nossas historias, e entre-tanto é um dos mais interessantes de toda ella. Foi effeito da ausencia de rios navegaveis entre o S. Francisco e o Parnahyba, da contravertencia dos affluentes do S. Francisco com os do Parnahyba, Jaguaribe e Piranhas, da disposição particular do chapadão do Parnahyba, da natureza do terreno quasi exclusivamente proprio para a creação do gado, esta mercadoria que se transporta. E a colonisação de tão vasta zona foi obra principalmente de gente da Bahia, especialmente da opulenta casa da Torre, cuja historia, escripta á luz dos documentos, tão instructiva poderia ser. Este movimento colonizador do sertão chegcu ao maior auge em fins do século XVII, quando finalmente foi aberto o caminho por terra entre a Bahia e o Maranhão, que até então, reduzidos a communicações por mar, ficárão segregados durante quasi metade do anno, em consequencia do systema particular dos ventos que domina na costa NE. do Brasil.

As notas sobre os boqueirões são igualmente instructivas. Já Ayres de Casal e Monsenhor Pisarro se havião referido a elles, mas sem entrar em minudencias que agora temos. E' este um estudo que ha de contribuir muito para esclarecer a nossa ethnographia, nos pontos que se relacionão com as migrações das antigas tribus. Os tres boqueirões do Norte de Goyaz—

Duro, Taguatinga e S. Domingos, explicão-nos ainda hoje a direcção de suas estradas, o grupamento de seus povoados, e com certeza, quando melhor conhecermos as tribus que alli existirão ou existem, ver-se-ha que um delles foi ponto de passagens obrigadas. Do mesmo modo o povoamento de parte de S. Paulo e de Minas só se tornará intelligivel a quem tiver presente ao espirito que na Mantiqueira ha lugares inacessiveis, e tão bem outros em que a passagem como que se impõe. Um facto pertencente á historia da Parahyba fica agora melhor comprehendido com o que conhecemos de boqueirões.

Sabe-se que os Indios que fallavão a lingua geral pertencião a duas levas principaes : a dos Tupiniquins e a dos Tupinambás ; tinham ambas diversos nomes locais, que para a Parahyba são Tabajaras, pertencente á tribu dos Tupiniquins, tambem chamados Tupinaes (Tabajara quer dizer inimigo, era o nome que os Tupinambás davão a seus advesarios consanguineos) e Potygares (pertencentes á tribu dos Tupinambás, chamados Tamoyos, Tamuyas, isto é inimigos, pelos Tupiniquins de S. Vicente). Piragibe, chefe tupiniquim, morava nas margens de S. Francisco, informa-nos frei Vicente do Salvador; mas desavindo-se com os Portuguezes por causas que o venerando Frade relata, ausentou-se de S. Francisco e foi para a Parahyba, onde foi tão infenso ao principio e tão util depois aos colonisadores portuguezes. Como teria elle passado do sertão de Pernambuco para o da Parahyba ? Quasi póde affirmar-se com certeza, que seguindo o Moxotó, transpondo o boqueirão de Carnoyó, descendo então

para as aguas do Parahyba, até chegar ao theatro da guerra.

Outro ponto ainda que merece reparo é o que diz respeito aos Carirys. Julgo que o escriptor mais antigo que trata dos Indios Carirys pelo seu nome é o delicioso Fernão Cardim no Tratado dos Indios do Brasil, escripto em 1584, publicado pela primeira vez em inglez no anno 1625, exactamente o mesmo em que fallecia este illustre jesuita, que foi o mestre do padre Antonio Vieira, e depois em portuguez, nesta cidade, em 1831. Muitas noticias sobre os Carirys contém no seculo XVII os escriptos de Elias Herckman e Roulox Baro, e devião conter os de Jacob Raabi, que com elles conviveu, e que só conhecemos por um extracto de Marcgrav. Por cerca de 1650, o jesuita João de Barros aldeou alguns que ficavão mais proximos da Bahia; carmelitas francezes aldearão outros no S. Francisco e na Parahyba, e depois outros forão sendo aldeados alhures.

Temos um catecismo e uma grammatica kiriris, do padre Mamiani; a relação da missão de frei Martin de Nantes, uma das paginas mais interessantes escriptas por missionarios, obra que se tornou rarissima (Dufossé annunciou a ha poucos annos por 600 francos) mas felizmente reimpressa modernamente; temos ainda um catecismo cariry devido a frei Bernardo de Nantes.

Quando, em 1867, Martius lançou em suas *Beitraege* os primeiros alicerces da ethnographia brasilica, não podia esquecer os Carirys e de facto não os esqueceu. Determina com bastante exactidão sua zona, desde o rio

S. Francisco até o Curú ou Acaracú no Ceará, descreve seu aspecto geral, as differentes aldeas que forão reduzidas, aponta sua procedencia do Norte. O que elle fez está bem feito, e os documentos que posteriormente forão divulgados, muito poucas modificações trazem-lhe ; elle enganou-se quando dá os Carirys embrenhados em serras e só indo ao littoral como que forçados, asserção que não é exacta como veremos adiante ; nega que elles usassem de massa nas guerras, quando a verdade é que elles a usavão, como depõe Elias Herckman, que os conversou compridamente.

Na classificação a que sujeitou as tribus do Brasil, Martius collocou os Carirys no grupo Guck ou Coco, denominação que escolheu por que a esta fórma se reduz a designação de tio em um certo numero de linguas, e tio era um dos mais importantes membros da familia precolombiana. Contra esta classificação protestou o saudoso Baptista Caetano, no prologo á reimpressão da grammatica kiriri de Mamiani feita pela Bibliotheca Nacional, e mais tarde, em 1886, derrocou-a definitivamente o illustre Dr. Carlos von den Steinen, que por um série de descobertas capitaes na bacia do Xingú gravou bem fundo o seu nome na ethnologia do Brasil.

Descobrimdo o bacahiry, lingua do grupo Carahyba, que se conserva pura entre o alto Tapajóz e o Xingú, provou peremptoriamente que os Carahybas nada tinham de commum com os Tupis, como pensarão D'Orbgny, Martius e Baptista Caetano, e ao mesmo tempo formulou novas bases para classificação mais rigorosa. Por outro lado o estudo de dialectos do Amazonas tendo ficado mais simples graças a esta descoberta, reconheceu outro grupo, a que deu o nome de Nu-Aruack, denominação tirada do pronome pessoal da

primeira pessoa—Nu, tão característica daquellas linguas, e sobre o qual já na era de 50 o inglez Latham chamou attenção, e do nome da nação Aruak, (aruakis ou aruã), a primeira das tribus deste tronco com que os Europeos entrarão em contacto.

A constituição do grupo Nu-Aruak dissolveu o grupo Guck ou Coco de Martius, e ergueu-se, portanto, a questão dos Carirys. O illustre explorador confessa que não a resolveu. «Nem uma tribu me deu mais trabalho que a dos Kiriris-Sabujas... Apresentão um enigma altamente singular, que entretanto não consegui resolver. Os Kiriris tinhão se espalhado da Bahia para o Norte por grande parte do sertão; com os Sabujas, seus proximos parentes, forão convertidos no meiado do seculo XVII. Que os Kiriris emigrarão do territorio de N. O. parece resultar dos caracteristicos ethnologicos que Martius reuniu; distinguão-se dos povos visinhos pela agricultura desenvolvida, tinhão os tecidos, a ceramica dos indios do Amazonas. E a lingua? Relação cognata com os outros Guck não se dá; o velho Hervas chama a attenção para certas semelhanças com a lingua dos Moxos, Baptista Caetano julga ter demonstrado um parentesco com os Tupis, algumas coincidencias com os Massacaras e Camecan são incontestaveis; não sei a qual destas possibilidades me acoste e não conheço melhor. Algumas palavras de cultura precisamente coincidem com os Tupis da costa oriental, —o grupo das palavras decisivas parece-me em geral indicar o tupi, mas em todo caso inclina antes aos dialectos do Ucayale e do alto Amazonas » (*Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1883 p. 301/302.)

Depois que escreveu estas linhas, nada publicou o illustre professor da universidade de Marburg que adiantasse o estado da questão. Em um nutrido estudo publicado o anno passado nas *Petermann's Mittheilungen* pelo Dr. Paulo Ehrenreich, diz este illustrado ethnographo, membro da segunda expedição exploradora do Xingú, que os Carirys ainda continuão sem classificação. Documentos já conhecidos de Martius, combinados com outros que elle não conheceu, se não esclarecem o grupo a que pertencem os Carirys, ministão ao menos algumas informações que poderão ser de algum proveito. :

Vinhão da parte do Norte os Carirys: temos o testemunho seguro do catecismo de Bernardo de Nantes, que diz claramente: não acrediteis que viestes de uma lagoa do Norte,—tradição que o Dr. Carlos von den Steinen parece descobriu tambem entre os Parecis de Matto Grosso.

Dividião-se em dous grupos principaes: Dzabucua e Kippea, aquelles habitantes do rio S. Francisco e d'ahi por diante até o Ceará, talvez até o litoral de Piauhy, si, como parece provavel, pertencião a elles os Tremembés, de que tanto nos fálão as chronicas do Maranhão; estes habitantes da Bahia: os primeiros vulgarmente chamados Carirys, os segundos Kiriris.

Occupavão o littoral da Bahia antes que a elle chegassem os Tupiniquins. Já o saudoso Baptista Caetano parece ter vislumbrado isto, porque, explicando a palavra *Quirimure*, nome da bahia de Todos os Santos antes do descobrimento, dá como interpretação possivel pousio dos Kirey. E que esta explicação é a verda-

deira comprova-se com o testemunho de Gabriel Soares de Sousa. Diz este que a Bahia era primeiramente povoada por Tapuyas, quando chegaram os Tupiniquins que os repelliram para o interior. Vieram depois os Tupinambás, que por sua vez repelleram os Tupiniquins ou Tupinaés. Um dos galhos dos Tupinambás, apertado entre os Tupiniquins e os Tapuyas, transpoz o rio S. Francisco e ficou se chamando Amoipiras. Ora, sabendo-se que os Amoipiras habitavam no S. Francisco entre as fronteiras da Bahia e Pernambuco, entendendo-se até o Piahy, e procurando-se saber quaes eram os Tapuyas que habitavam nesta secção, vemos que eram os Carirys — ou antes Kiriris, como os chamavam na Bahia. Nada o prova melhor do que as aldeas fundadas depois de 1650 pelo padre João de Barros, que foram as de Canabrava, Sacco dos Morcegos, Natuba, e Jurú, como diz Hervas (*Catalogo de las lenguas*, Madrid, 1800, I p. 153/).

Succederia o mesmo na costa adiante da Bahia? E' o que parece certo: no littoral da Parahyba vê-se pela descripção de Elias Herckman como estão envolvidos a cada instante no littoral; em outro ponto nos diz que era costume delles descenderem todo o anno ao littoral na estação do cajú, de Novembro a Janeiro, por ser pouca esta fructa no sertão. E no littoral do Ceará com certeza ainda existiam ao descobrir-se o Brasil, porque Gabriel Soares em 1557 dá como limites entre os Tapuyas e os Potiguares o rio Jaguaribe. Isto sem levar em conta que os Tremembés são provavelmente Carirys.

Não tinham, pois, a repugnancia pelo littoral que lhes attribue Martius; nelle ficarão emquanto se poderão sustentar. Diz Martius que elles não tinham a

massa de guerra, mas Herckman descreve-nos «uma arma feita de páo brasil, plana e aguda de ambos os lados, no meio um pouco grossa e levantada, na frente tem a largura de uma mão grande e é muito penetrante, com a qual arma tomando elles alguém não se levantará mais do chão.»

Além do arco e da flecha, tinham uma arma de arremço, que nos é descripta quasi nas mesmas palavras pelo *Dialogo das Grandezas do Brasil*, escripto em 1618, e por Herckman, que escrevia em 1639. Diz aquelle, que não os chama Carirys, mas simplesmente Tapuyas : «a sua frecha é o seu verdadeiro arado e enchada, a qual tambem não usão juntamente com o arco como faz o demais gentio, porque com ella tomada sobre mão, com a encaixarem em uns canudos que no dedo trazem, fazem tiros tão certos e com tanta força que causa espanto, de modo que quasi nunca se lhe vai a caça a que lanção a flecha por esta via.» E o viajante hollandez diz : «Usão tambem do arco-e setas e geralmente de azagaias, com que podem fazer muito damno entre os seus inimigos, porquanto lanção-nas com muito acerto. Para isto servem-se de umas madeiras leves, que em comprimento fazem iguaes á metade das azagaias; abrem em ditas madeiras um rego onde collocão as azagaias e as atirão com tal velocidade que não encontrando nem um osso atravessão o corpo d'um homem nũ. Usão ainda de pequenos machados de mão com uns cabos compridos, como arma contra seus inimigos.»

Attribue-lhes Martius agricultura adiantada, mas nisso parece haver exagero. Diz o autor do *Dialogo das grandezas do Brasil*: «Estes Tapuyas vivem no sertão e

não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nellas e nem mesmo plantão mantimentos para sua sustentação, porque todos vivem pelos campos e de mel que colhem das arvores e as abelhas lavrão na terra, e assim da caça que tomão em grande abundancia pela flecha se sustentão e para isto guardão esta ordem : vão todos juntamente em cabilda assentar seus ranchos na parte que melhor lhes parece, alevantando para isso algumas choupanas de pouca importancia e d'ahi vão buscar o mel e caça por roda, por distancia de duas ou tres leguas. E enquanto achão esta comedia, não desamparão o sitio, mas tanto que ella lhe vae faltando logo se mudão para outra parte, aonde fazem o mesmo; e desta maneira vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sitios, sem se cansarem em lavrar e cultivar a terra».

Elias Herckman não é menos affirmativo : « levão uma vida inteiramente bestial e descuidosa, escreve. Não semeião, não plantão, nem se esforção por fazer alguma provisão de viveres ».

Estes testemunhos são muito peremptorios ; entretanto não parece que sejão absolutamente exactos. Os Carirys devião ter alguma agricultura, inferior aliás á dos Tupis ; e devião te-la, porque suas redes erão de algodão, e o fumo occupava lugar importante em suas observações cultuaes — tão importantes que Badzé era ao mesmo tempo o nome da herva e de um dos seus deuses. Provavelmente quem se aproxima da verdade é Gal riel Soares que diz a proposito dos Maracás, que parecem pertencer ao grupo cariry : « São estes Tapuyas muito folgazões e não trabalham nas roças como os Tupinambás, nem plantão mandioca, nem cômem sinão legumes, que as mulheres lhes plantão, e gran-

geão em terras sem mato grande a que poem o fogo para fazerem suas sementeiras ; os homens occupão-se em caçar, a que são muito affeiçãoados.» E ainda a proposito de outros Tapuyas visinhos destes : «Não costuma este gentio plantar mandioca, nem fazer lavoura sinão de milho e outros legumes : porque não têm ferramentas com que roçar o mato e cavar a terra, e por falta della quebrão o mato ás mãos, e ás arvores grandes poem fogo ao pé donde está lavrando até que as derruba e cavão a terra com páos agudos para plantarem suas sementeiras, e o mais do tempo se mantêm com fructas silvestres e com caça, a que são mui affeiçãoados.»

Pintavão-se de urucú e genipapo, furavão o labio inferior e os lobulos das orelhas, pondo naquelle uma pedra de côr e nestes ossos. Tinhão redes e sabião nadar—o que os destaca absolutamente do grupo Gé. No parto, as mulheres erão sujeitas a um jejum violento, o que os destaca dos Tupis. Andavão nús, mas os homens scrvião-se de um atilho e as mulheres de folhas de arvores.

Outros assumptos poderião ainda ser tratados a proposito do interessante livro de Dr. Irinéo Joffily ; mas não são estes o lugar e a occasião. Sendo dos que mais se empenharão para que escrevesse os artigos aqui reunidos, julgou o seu autor que eu deveria fazer este prologo. Era uma distincção que não podia recusar, e tal o unico motivo por que aqui apparece o nome de

J. CAPISTRANO DE ABREU

6 de Agosto de 1892.

NOTAS SOBRE A PARAHYBA

I

LITTORAL,—LIMITES.

A Parahyba occupa a parte mais oriental do continente sul-americano, sendo o cabo Branco a sua ponta mais saliente. O seu littoral é de 30 leguas, pouco mais ou menos, desde a foz do rio Goyanna até á do Guajú.

Principiando do Norte em direcção ao Sul, os pontos mais notaveis de sua costa são :

Ao rio Guajú, que tem a sua foz na parte da costa chamada bahia dos Marcos; segue-se a barra do Camaratuba; depois a bahia da Traição, excellente porto, e um dos pontes do littoral brasileiro que primeiramente foi assignalado pelos europêos. Duas leguas mais ao Sul desemboca o rio Mamanguape, entre duas pontas de arêa, estando na de Coqueirinhos, a do Norte, a povoação do mesmo nome; em seguida estão as barreiras de Miriry, conhecidas de longe pela côr vermelha, e assim chamadas pelo pequeno rio Miriry, que ali tem a sua foz.

Adiante está a populosa praia de Lucena, e entre a ponta deste nome e a de Mattos achia-se a larga embocadura do rio Parahyba; e em seguida a foz do pequeno rio Jaguaribe e a bahia de Tambaú, formada pela saliencia do cabo Branco.

Diz Mouchez que, esta bahia se achando pouco

mais ou menos sobre o paralelo da cidade e na distancia apenas de quatro milhas, os navios que não quizerem entrar no rio, mas sómente communicar com a cidade, podem ancorar em Tambaú e desembarcar-se na praia diante da povoação ao abrigo do recife. O ancoradouro tem de 8 a 10 metros, fundo de arêa, e fica a uma milha do recife.

Temos adiante o cabo Branco, com uns trinta metros de elevação. Não é uma ponta de arêa, como erradamente tem-se escripto: o cabo é formado de uma especie de calcareo macio (giz), assentando em rocha muito dura, ao nivel do mar, descoberta nas marés baixas em grande distancia.

Diz ainda Mouchez que a costa ao Sul do cabo Branco, em uma extensão de 8 a 10 leguas, é a parte mais oriental da America do Sul. Ao Norte do cabo a costa é baixa e formada por praias, emquanto que ao Sul são collinas mais elevadas que formão o primeiro plano e terminão do lado do mar por barreiras bem apparentes, de que o cabo Branco é a ultima ao Norte.

Seguem-se a linda praia da Penha; barra do rio Gramame; Jacuman; praia do Tambaba, bem conhecida pela constante agitação do seu mar; barras dos pequenos rios Graú e Bucatú, barra do Abiahy; Pitimbú, outr'ora conhecido pelo nome de Porto Francez; ponta de Coqueiros ou de Taquára, e Pontinha ou Guagirú, do lado septentrional da foz do rio Goyanna, extrema do Estado.

*

Estendendo-se de Este a Oeste pelo interior das terras até 110 leguas, onde limita-se com o Ceará, a

Parahyba em todo o seu comprimento confronta com Pernambuco, ao Sul e com o Rio-Grande, ao Norte.

As extensas linhas de divisão com esses dous ultimos Estados vão até ao meio mais ou menos rectas; mas ahi formão duas grandes curvas, de modo que a Parahyba tem configuração muito diversa da que lhe dão o senador Candido Mendes de Almeida e o Barão Homem de Mello nos seus mappas geographicos; como tambem outros que se têm occupado do assumpto, entre os quaes dous parahybanos.

*a configura-
ção não é per-
feitamente
de uma vi-
sta sem o
brago.*

Os limites com Pernambuco, partindo da foz rio Goyanna, afastão-se logo do curso desse rio, procurando a villa parahybana de Pedras de Fogo e a cidade pernambucana de Itambé, uma só povoação ou localidade, differentes apenas em nome e na categoria administrativa, e séde de duas comarcas, uma em cada um dos Estados a que pertencem.

Em seguida serve de linha divisoria a estrada até á povoação de Serrinha, tres leguas adiante, tambem pertencente aos dous Estados, e onde principia a cordilheira, que, em direcção ao centro, vai sempre limitando-as.

Esta serra, que vai elevando-se á proporção que interna-se, sempre teve nos mappas mais antigos os nomes de Imburanas e Carirys; mas vulgarmente é conhecida por outros nomes, dados ás diversas secções em que o povo a divide. Nesta linha divisoria encontram-se successivamente a povoação de Pirauá, a villa de Umbuseiro e a povoação de Matta Virgem, communs aos dous Estados limitrophes.

Deste ultimo ponto continuão os limites sempre

de Este a Oeste pela dita serra até aos confins da comarca de Cabaceiras, quando de repente tomão o rumo de Sudoeste e logo o de Sul, sendo formados pela serrania conhecida pelos nomes de Moças, Jacarará e Jabitacá, divisoria das aguas do rio Parahyba das do Capiberibe, Moxotó e Pajehú.

De novo mudão os limites de rumo; seguindo por algum espaço o de Oeste; tomão o de Noroeste até ás proximidades da villa parahybana do Teixeira, constituindo todo o triangulo que acabamos de delinear o territorio da comarca de Alagôa do Monteiro, que se acha assim encravado no Estado de Pernambuco.

E' onde a Parahyba adquire maior largura, cerca de 56 leguas, largura que fica logo reduzida a menos de metade na altura da villa do Teixeira, em direcção ás de Patos e de Santa Luzia de Sabugy.

A serra continúa dividindo as aguas do rio Parahyba e depois as do Espinháras ou Pinháras e Piancó, tributarios do Piranhas—das do Pajehú, affluente do S. Francisco; passando a linha divisoria, que toma logo o rumo de Sudoeste, perto da villa de Princeza, distante cinco leguas pouco mais ou menos da cidade pernambucana de Triumpho, outr'ora Baixa-Verde.

Os limites com o Estado do Ceará são formados tambem por uma serra, contraforte da do Araripe, a qual com diversos nomes, entre os quaes é mais conhecido o de serra do Bóna, divide as aguas do Piranhas das do Jaguaribe. Aqui a Parahyba readquire grande largura, não inferior a cincoenta leguas, a partir da villa da Princeza em direcção ao municipio do Catolé do Rocha.

Os limites com o Rio Grande do Norte não são naturaes, são convencionaes e em geral incertos e confusos. Os dois Estados geographicamente formão uma mesma região, aos quaes são communs diversos rios e serras.

No tempo de colonia as duas capitánias dividião-se por uma linha traçada em rumo quasi recto de Este a Oeste, do littoral ao mais remoto sertão ; pertencia então á Parahyba toda a ribeira do Seridó, territorio de quatro municipios, Acary, Jardim, Caicó e Serra Negra ; mas, tendo sido desligada esta importante parte do territorio parahybano para ser incorporada á provincia, hoje Estado vizinho, a linha divisoria, a partir do municipio de Cuité ao de Catolé do Rocha, fórma grande curva por inclinar-se para Sudoeste, concorrendo assim para a grande estreiteza que tem o territorio parahybano, como já fizemos notar.

Encravado, pois, como se acha, na Parahyba, todo o territorio componente da ribeira do Seridó, não podia haver razão nem ha que justifique semelhante mutilação, não só contraria aos limites naturaes que ali existem entre os dois Estados, como tambem ás relações commerciaes dos habitantes.

Para este resultado fortemente concorreu a influencia politica de um só homem representante da então vizinha provincia, contra a nullidade de diversos que representavão a Parahyba.



II

SERRAS.—RIOS.

Todas as serras da Parahyba prendem-se a um systema, o da Borborema, que, atravessando-a em meio, de Nordeste a Sudoeste, forma tres regiões bem distinctas : a do littoral, comprehendendo os terrenos de catingas, que estende-se até 25 leguas ; a dos Carirys Velhos e Brejos, vasto planalto da Borborema com 25 até 40 leguas ; e, além da vertente occidental deste planalto, o valle do Piranhas propriamente dito, e de seus numerosos affluentes.

A principiar do littoral as serras mais conhecidas são ao Norte : — Raiz (Cupaóba), Araruna, Cuité, que dão nomes aos respectivos municipios, e Caxêxa ; Bodopitá, que se estende da comarca de Campina á do Ingá, e onde é situada a nova villa de Fagundes ; Caturité, Carnoyó, Bonita, Branca ou Matinoré, Mogiquy, Carneira, Teixeira, Pico, Jabre, Pinhara, Negra, Commissario, Santa Catharina, Boqueirão, Bonga e Luiz Gomes ; além da cordilheira já mencionada, que estabelece os limites com o Estado de Pernambuco.

Na serra do Jabre, entre o municipio de Teixeira e o de Piancó, está o pico mais elevado da Parahyba.

De cima da serra do Teixeira, no lugar Tendó, onde estivemos, é imponente a vista para o Jabre. Distando o nosso ponto de observação umas dez leguas da magestosa montanha, apresentou-nos ella o

aspecto do Itatiaya, quando, ha doze annos, o avis-támos em viagem desta capital para S. Paulo.

Não queremos dizer com isto que a sua altura sobre o nivel do mar seja igual, ou muito approxima-da á da montanha mineira, considerada como o pico mais elevado do Brazil ; referimo-nos á sua con-figuração ou aspecto geral. O Jabre dista da capital do Estado 70 leguas e nunca foi medido.

A serra do Pico está parallela á estrada que da villa do Batalhão segue para a de Patos ; o seu nome vem de uma enorme rocha granitica semelhante ao Pão d'Assucar e de maiores proporções talvez, que se eleva da chapada da serra.

Em principio de 1889, achando-nos a negocio na villa do Batalhão, empregendemos com o Rv. vigario C. Ramos uma excursão á serra, distante 3 leguas da referida villa.

O accesso é difficil e até perigoso, e se conseguimos alcançar o cimo, foi depois de grande esforço, e sempre animado e por vezes amparado por meus dois guias, intrépidos sertanejos. O nosso companheiro não alcançou mais que meia montanha e ahi deixou se ficar extenuado de forças.

Quando nos firmámos em pé em cima da immensa mole granitica, grandioso espectaculo se nos apre-sentou em todos os quatro pontos cardeaes. Avistámos ao Sul terras de Pernambuco, e do Rio Grande, ao Norte ; e em um raio de 20 leguas estava debaixo de nossas vistas grande numero de serras, destacando-se de todas ellas pela sua grande elevação, o Jabre, ao Poente.

O Caturité é o terceiro pico de que vamos nos occupar. Fica no municipio de Bodocongó, na distancia de umas oito leguas da cidade de Campina Grande, donde se avista perfeitamente na direcção do Sudoeste. Fizemos tambem a ascensão deste monte ; eleva-se sobre a serra do mesmo nome e é coberto de densa vegetação, o que de algum modo facilita a subida, porque nos galhos e troncos dos arbustos e arvores, tivemos de nos segurar sempre, para poder-nos firmar em um terreno pedregoso e talhado em linha quasi perpendicular.

No cimo em fórma de cupola, ha um espaço com doce declive para as extremidades, e no meio levanta-se altaneiro jucá, cobrindo com as suas ramas todo elle. Uma extensissima linha branca, traçada de Oéste a Este, passando ao pé da montanha, chamou logo a nossa attenção ; era o rio Parahyba, ou antes, as areias do seu leito, inteiramente descoberto por ser tempo de rigoroso verão.

Descortina-se vastissimo horisonte ; ao Sul até a serra de Taquaritinga, no Estado de Pernambuco, e correndo de Este para Oeste, a cordilheira que o vai dividindo da Parahyba. No primeiro plano do grandioso quadro têm-se debaixo das vistas as serras de Carnoyó, Bodopitá, Corredor ou Puxinanan e Jequitaia até a elevada esplanada, onde é situada a cidade de Areia, 17 leguas ao Norte.

O nome Caturité, segundo uma tradição ou lenda, pertenceu a um illustre chefe indigena, que ahi sustentou o ultimo combate contra a raça invasora. E parece assim ser, porque *catu* e *été* são palavras tupis que significação qualificativos honrosos.

Dos tres picos descriptos, o Caturité é o que nos parece menos elevado, por achar-se a respectiva serra em uma depressão de terreno, que póde considerar-se valle do Parahyba; e distante umas 25 leguas de extremidade occidental do platô da Barborena, para onde o terreno insensivelmente sóbe. Não temos dados para conhecer nem calcular approximadamente a altura sobre o nivel do mar de nenhum dos tres.

*

Dos rios é incontestavelmente o Parahyba do Norte o mais importante, não sómente pela extensão do seu curso como também por serem todas as suas aguas do territorio do Estado. Nasce na serra de Jabitacá, na comarca do Monteiro, com o nome de rio do Meio, por correr entre dous de igual força, o da Serra á direita e o Sucurú á esquerda. Depois de banhar a villa do Monteiro, recebe perto da povoação de Santa Anna do Congo esses dous rios, e dahi em diante é conhecido vulgarmente pelo seu verdadeiro nome.

Banha depois a povoação de Carauhas, passa a uma legua de distancia da villa de Cabaceiras, e quatro leguas mais abaixo córta a serra de Carnoyó, na povoação de Boqueirão.

Em seguida banha successivamente as seguintes villas e povoações : Bodocongó, Natuba, Guapaba, Dous Riachos, Salgado, Guarita, Itabayanna, Pilar, Itaipú, Espirito-Santo, Batalha Santa Rita, Parahyba (capital) e Cabedello em sua foz.

O seu curso é de cerca de 80 leguas, e até á distancia de 20 de sua embocadura no Oceano, atravessa

terrenos pedregosos e aridos com forte declive para o mar.

Correndo muito approximado aos limites com Pernambuco, a ponto de, na freguezia de Natuba, em alguns lugares, banhar o pé da serra que divide os dous Estados, não tem o rio Parahyba pela margem direita nenhum affluente importante, a não ser o rio da Serra, já perto de suas cabeceiras, como fizemos ver. Entretanto, mencionamos sempre os riachos de Santo Antonio na comarca de Cabaceiras, de Natuba e Guapaba, perennes, na comarca do Umbuseiro; Una, perto da povoação de Itaipú; Tibiry e o Sanhauá, que banha a capital.

O seu mais poderoso tributario pela margem esquerda é o Taperoá, que, vindo da serra do Teixeira, passa pela povoação de Desterro e villa de Batalhão, e, depois de incorporar o Matinoré, o Mucuitú, o Santa Rosa e outros menores banha as villas de S. João do Cariry e Cabaceiras, reunindo-se com o Parahyba uma legua abaixo desta villa, depois de um curso de mais de trinta leguas. Depois seguem-se pela mesma margem Bodocongó, Parahybinha, Cayuararé e Ingá, todos tres com as nascenças na comarca de Campina Grande; Gurinhen, Gargaú, perto de sua foz, e diversos ribeiros.

O Mamanguape nasce na lagôa Salgada, comarca de Campina-Grande, e, descendo a Borborema, por estreitas e profundas grótas, passa pela villa de Alagôa Grande do Paó, pelas povoações de Mulungú, Aracagy, S. João e pela cidade do seu nome, lançando-se no Oceano 6 leguas além, uma ou duas ao sul da bahia da Traição, depois de um curso de 30.

O Mamanguape recebe todas as aguas da zona denominada Brejos, e com seu principal affluente, o Araçagy, tem origens communs. São ainda affluentes pela margem esquerda o Urucú, Mandahú e outros riachos perennes. Pela margem direita é seu principal tributario o Zumby. Todos descem da Borborema.

O Camaratuba nasce na serra da Raiz ou Cupaóba e lança-se no Oceano ao Norte da Bahia da Traição, depois de umas 15 leguas de curso.

O Curimataú nasce na comarca de Campina-Grande, passa uma legua arredado da povoação de Pocinhos, duas da cidade de Bananeiras, banha a povoação de Caiçara, e quatro leguas abaixo deixa a Parahyba e entra no Rio-Grande do Norte, onde banha as villas de Nova-Cruz e Cuiteseira e cidade de Canguaretana; lançando-se sete leguas além, no Oceano, formando o porto denominado Cunhaú, depois de 50, approximadamente, de curso. O seu leito é extremamente pedregoso e atravessa terrenos muito seccos.

Seguem-se o Guajú, que limita o Estado com o do Rio Grande do Norte; o Garamame; Abiahy; Miriry e outros de curso mais reduzido. Todos elles correm de Oeste a Este.

Vamos tratar agora de outro systema hydrographico da Parahyba, constituido pelo Piranhas e por seus numerosos affluentes, os quaes têm os seus cursos em direcção inteiramente diversa, isto é, de Sul a Norte,

Das tres regiões em que a Borborema divide o Estado é esta a mais vasta. O platô apresenta suave

declive para as suas fraldas orientaes, para onde se dirigem todos seus cursos d'agua; mas é alcantilado nas occidentaes, quando se desce para o *Alto-Sertão*, como é vulgarmente chamada a parte extrema do Estado.

O Piranhas nasce no municipio de S. José, na serrania que divide a Parahyba do Ceará, e depois de cêrca de 40 leguas de curso no territorio parahybano, penetra no Rio-Grande do Norte, onde banha as cidades de Assú e Macáo, situada quasi em sua foz.

Os seus principaes affluentes são: pela margem esquerda o Peixe que, correndo por extensas varzeas, cobertas de carnaúbaes, banha a villa de S. João e cidade de Souza, reunindo-se depois ao Piranhas, entre esta cidade e a de Pombal, com umas 20 leguas de curso; e o de Porcos, na comarca de Catolé do Rocha, ribeira bem conhecida pela excellencia de suas pastagens.

Pela margem direita recebe o Piancó, que nasce além da villa da Conceição, passa pelas de Misericordia, e Piancó e cidade de Pombal, em cujas proximidades tem lugar a sua junção com o Piranhas, ao qual é superior em curso; o Espinharas ou Pinháras, que na Parahyba banha a villa de Patos e no Rio-Grande do Norte a de Serra Negra; e o Seridó, que nasce na lagôa de Quixeré, tambem commum aos dous Estados com os seus tributarios Quinturaré, Acauã, Cupauá e Sabugy.

*

Tratando de serras e rios da Parahyba não devemos esquecer os boqueirões, que são soluções de continuidade naquellas, motivados pela acção das aguas destes.

Seguindo-se do litoral para o interior do Estado, encontra-se o primeiro boqueirão na distancia de perto de 40 leguas : é o que fórma o rio Parahyba na serra Carnoyó, na comarca de Cabaceiras, onde é situada a povoação do Boqueirão. Presta-se admiravelmente a immenso açude ou deposito d'agua, talvez de capacidade mais de dupla do de Quixadá, no Ceará, e exigindo despezas inferiores.

Pela imprensa já chamámos á attenção do governo para este assumpto, que constitue um grande beneficio ao Estado e particularmente para aquella região tão flagellada pela secco.

O segundo boqueirão é o do Seridó, o qual, embora já seja no Estado do Rio Grande do Norte, dista apenas uma legua dos limites com a Parahyba, á qual já pertenceu esse territorio. E' interessante, porque o córté na serra é feito quasi verticalmente, de modo que, quando o rio está cheio, impossibilita a passagem dos viandantes, que ahi só têm como estrada o leito do rio, quando secco.

O terceiro boqueirão é o da serra de igual nome, formado pelo rio Piranhas, abaixo da villa de S. José. Ha ainda um quarto formado pelo rio Piancó, na serra de Curema, entre a villa de Piancó e a cidade de Pombal.

Uma curiosidade natural, tambem solução de continuidade de uma serra, se não póde considerar-se propriamente um boqueirão, merece comtudo especial menção.

No municipio de Santa Luzia do Sabugy, da fralda occidental de Borborema, destaca-se a serra da Bocaina ; é formada por immensa rocha granítica,

que se estende por leguas, e em toda a sua extensão a montanha tem o cimo dividido em duas partes, poucos metros separadas uma da outra. O córte apresenta admiravel regularidade em toda a sua extensão, descendo as paredes a uma grande profundidade e em linha perfeitamente vertical.

Não podemos deixar de considerar semelhante córte ou *bocaina* senão como o resultado de um terremoto; e esta opinião parece ficar comprovada com o que se diz geralmente do poço de Mucuitú, existente a poucas leguas de distancia.

O poço Mucuitú, nascença do rio do mesmo nome, tributario do Taperoá, fica collocado entre altas seras, formando muitos caldeirões, e tendo grande profundidade. (Diz o povo que é insondavel.)

Diversas pessoas dignas de fé nos affirmarão que têm ouvido sahir dessa cavidade estrondos, que repercutem a leguas de distancia. E' este um facto geralmente acreditado, e nunca contestado, o qual tem dado azo a que muitos habitantes dos lugares vizinhos tenham feito a seguinte observação: sendo periodicos os estrondos, não anno em que não se ouvem, ha máo inverno.

Como quer que seja, o que parece certo é que estes e outros signaes que porventura existão nas cumiadas occidentaes da Borborema, nunca explorados por nenhum homem de sciencia, demonstrão que em época mais ou menos remota fez-se sentir alli a acção do fogu subterraneo.

III

ORIGENS.

A Parahyba era habitada, ao tempo do seu descobrimento, por diversas tribus pertencentes a duas raças indigenas distinctas: tupy e cariry.

A primeira era alli representada pelos Tabajaras e Potyguaras, que occupavão todo o seu litoral até umas vinte leguas para o interior; a segunda, mais ou menos numerosa, dominava territorio muito mais vasto, talvez superior a dous terços da antiga capitania, desde o platô da Borborema, a que deixárão o seu nome, até os limites com o Ceará, Rio-Grande do Norte e Pernambuco, cujos sertões erão igualmente habitados por tribus dessa raça, assim como o da Bahia (rio S. Francisco).

Das duas tribus tupys tratárão alguns escriptores, ainda que perfunctoriamente. Os Tabajaras erão estabelecidos entre a margem direita do rio Parahyba e os limites meridionaes da extincta capitania de Itamaracá, mais ou menos.

O seu nome indica que tinham vida sedentaria, isto é, vivião reunidos em tabas ou aldéas; e erão de costumes doces. A alliança que firmárão com os portuguezes foi de grande proveito a estes; porque por diversas vezes salvárão os seus nascentes estabelecimentos de Iguarassú e Olinda da furia dos Cahetés, indomaveis e antropophagos.

Os Tabajaras, pela sua fidelidade e constancia na prestação de auxilio aos seus alliados européos, constituirão-se um dos factores da prosperidade que em pouco tempo alcançou a capitania de Pernambuco.

Simão de Vasconcellos e outros mencionão com honra os nomes de tres representantes dessa tribu: Itagibe de — *braço forte como a rocha* · Piragibe, — *lesto como o peixe*, e Tabira.

Os Tabajaras facilmente fundirão-se na raça branca, chegando mesmo com o seu sangue a mesclar o da familia dos donatarios da capitania de Pernambuco.

Todas as aldéas, estabelecidas ao sul do cabo Branco, forão de indigenas dessa tribu; devendo a elles sua existencia as villas do Conde ou Jacóca e Alhendra e povoações de Taquara e outras.

Os Potyguaras tinhão como limite meridional do extenso territorio que dominavão, a margem esquerda do Parahyba, occupando, portanto, metade do litoral do dito Estado e dahi se estendendo sem solução de continuidade até a Ibiapaba (Ceará).

Era uma das tribus mais populosas da raça tupy; e uma das que mais salientárão-se nesses difficeis tempos em que o Brazil dava os primeiros passos na vida civilisada. Um seu filho, entre outros, alcançou merecida fama o celebre Poty ou Camarão, nome portuguez que adoptou; o qual tão importante figura foi na guerra hollandeza.

Por muitós annos forão alliados dos francezes, os quaes tinhão na foz do Parahyba e na bahia da Traição feitorias; e oppuzerão tenaz resistencia ao estabelecimento do dominio portuguez.

De Potyguaras erão os diversos aldêamentos estabelecidos antes da invasão hollandeza, ás margens dos rios Mamanguape e Camaratuba e na bahia da Traição, dos quaes desapparecêrão uns, e outros servirão de nucleos ás actuaes cidades de Mamanguapê e villa da Bahia da Traição, onde ainda hoje se vê prevalecendo o seu sangue na maioria da população.

A luz da historia desaparece agora inteiramente a respeito da outra raça que habitou o interior da Parahyba, os Carirys.

Até o fim do dominio hollandez affirmava-se apenas a sua existencia, mas erão pouco conhecidos a sua lingua, usos e costumes, o que prova que, até a metade do seculo XVII, a exploração do territorio da capitania não excedia de vinte leguas para o interior.

O Hollandez E. Herkman em sua interessante monographia sobre o Parahyba falla dos Carirys, como de uma raça numerosa, dividida nas seguintes nações: *Carirys*, cujo rei se chamava Kerioukeiou; *Cariryvasys*, tendo como rei Karú-Potó; *Cariryjous*, era a terceira nação; os *Tairiryus*, era á quarta; da qual Janduy era rei de uma parte e Caracará de outra. Habitavão uma região elevada e muito fria.

Essa região é a Borborema: e quando se considera que ella em alguns pontos distancia-se apenas 20 leguas do oceano, e que a Cupaoba, um seu contraforte, avança ainda encurtando mais a distancia, é para admirar quanto foi demorada a colonisação do interior da capitania.

O citado escriptor apenas assignala *curraes* em terrenos mais ou menos approximados aos que são hoje

occupados pelas povoações de Itaipú e Araçagy e villa do Pilar, nas margens do Parahyba e do Mamanguape, dose leguas quando muito para o interior.

Convém notar que a palavra *curraes* empregada pelo illustrado traductor da interessante obra de Herkman, deve-se talvez entender, não como situações permanentes ou fazendas de criação, mas simplesmente como cercas em lugares desertos com o fim de prender momentaneamente o gado transviado dos engenhos, e do qual fazião, necessariamente, boa presa os selvicolas.

Ignora-se a origem, a verdadeira significação da palavra cariry—ou kiriry, nome dessa raça, não passando de conjectura o que a tal respeito diz Baptista Caetano, na sua introdução á Grammatica do padre Mamiani, o mais importante monumento dessa familia americana.

Não nos propomos agitar; quanto mais resolver questões linguisticas, para que não temos competencia; o nosso fim é sómente escrever uma memoria ou antes, dar *uma breve noticia* da Parahyba do Norte; informando sobre o seu estado actual e sobre as suas origens, terreno este nunca investigado por nenhum escriptor e no qual penetramos quasi ás escuras, apenas allumiado pela vacillante luz, resultante das referencias de alguns documentos que temos colligido, e aos quaes, ainda assim, só podemos recorrer de memoria.

Entretanto, releve-se que aventuremos uma conjectura. E' opinião vencedora que procedêrão da Asia os primeiros povoadores deste continente, quer o seu trajecto se fizesse pelo estreito de Behring, quer pelas

ilhas do Pacifico ; uma prova desta asserção é a densidade da população desde o Mexico até o Chile, e o seu adiantado estado de civilisação em relação ás costas do Atlantico.

Sendo assim, do littoral do Grande Oceano procedêrão por sua vez os povoadores de todo o continente. As correntes migratorias, transpostos os Andes, virão diante de si as aguas e os valles dos dous grandes rios sul-americanos, conductos naturaes para essas erupções humanas da idade de pedra; e por elles seguirão até se estabelecerem; e assim permanecêrão seculos, separadas por grande distancia e esquecidas uma da outra, as duas familias irmãs. A tupy, estacionada no Sul, tornando-se muito numerosa, avançon para o Norte, occupando as terras devolutas; e o mesmo praticou a cariry, em sentido inverso, de Norte para o Sul; até que encontrarão-se, chocando-se como desconhecidas, como inimigas; sendo o immenso campo da luta desde as margens do S. Francisco até as do Parnahyba.

Portanto, parece que não têm razão os que allegão que os Carirys são uma raça anterior aos Tupys, na posse do territorio brasileiro; e explicados tornão-se os pontôs de contacto que encontrou Baptista Caetano nas suas linguas.

Esta hypothese que vimos de enunciar não passa de um parenthesis, que aqui fechamos.

Os indigenas que habitavão o platô da Borborema erão chamados especialmente Carirys-velhos, talvez por terem sido conhecidos e catechizados antes dos Carirys-novos, habitantes do fertil territorio a que dei-

xaráo o nome, no Estado do Ceará. Dividião-se em diversas tribus, sendo a dos *Sucurús* uma das mais populosas. Occupavão estes todo o territorio hoje comprehendido nas comarcas de Alagôa do Monteiro, S. João do Cariry até Teixeira, e a serra de Orobá, municipio de Cimbres, do Estado de Pernambuco; mas o centro dos seus dominios era a ribeira, a que derão o nome, *Sucurú*.

Seguião-se os Cariryrs propriamente ditos, vulgarmente tambem conhecidos pelo nome de Bultrins, conservado em uma data de sesmarias de terras, que foi concedida como patrimonio de uma de suas aldeias, na comarca de Campina-Grande. Dominavão os fertéis terrenos da dita comarca e vizinhas, principalmente da serra do Bodopitá até a dos Cariryrs; e delles era composta a missão do padre M. de Nantes e a do Pilar.

Os Ariús ou Areás e Pegas occupavão os rios Pinháras, Sabugy, e alto Piranhas.

Os Icós, do Ceará, estendião o seu dominio a uma parte da capitania da Parahyba, o rio do Peixe; e talvez Piancó fosse o nome da sub-tribu habitante da ribeira assim denominada que em alguns documentos é chamada tambem Curema. Os Payacús, e talvez Caicós, dominavão em toda a fronteira com a capitania do Rio-Grande do Norte, desde o serra de Cuité ou aproximações, até a ribeira do Apody, parecendo que os Payacús tocavão tambem ao Ceará.

E' de suppor que os Cariryrs conhecidos pelos nomes de seus chefes ou reis—Jandiys e Caracarás—habitassem entre os rios Curimataú e Trahiry occupando as serras de Araruna, Caxêxa e outras; e é talvez do nome desse segundo rio que se derivasse o de Trariryôu, que lhes dêo Herkman.

Havia ainda a tribu dos Canindés, cujo territorio não podemos precisar.

Esta nomenclatura não tem bases muito seguras, porque as provas, em que apoiamos a existencia de duas ou trez dessas tribus, não são robustas. Assim diversos documentos fallão nos—*tapuyos-Pegas*—que offerecêrão forte resistencia aos bandeirantes; e, como esta palavra não seja cariry nem tupy, parecendo ser portugueza, temos duvida se ella applica-se a uma tribu distincta, ou se foi dada pelos portuguezes ás diversas que se levantárão contra o seu dominio além das fraldas occidentaes da Borborema. Entretanto a cidade de Pombal principiou por uma aldeia de indios Pegas, e desta tribu era composta outra aldeia no Rio Grande do Norte.

Indicámos como limites ás duas raças indigenas que habitarão a Parahyba o sob-pé da Borborema, á umas 20 leguas do oceano; porque, além do testemunho de Herkman, uma prova, que nos parece robusta, se offerrece em favor da nossa asserção: os nomes dos rios, serras, lagóas, etc., nessa linha imaginaria que traçámos.

Paó, nome da lagoa, a cujas margens está situada a villa de Alagôa-Grande; *Bruxaxá*, *Cayararé*, *Bodopitá*, *Puxinanan*, *Bodocongó*, *Quixeré*, *Quixody*, etc., são nomes cariryrs, segundo deprehendemos da grammatica do padre Mamiani, pela rapida leitura que della fizemos.

E' verdade que, no meio desses nomes, apparece um ou outro indicando ser da lingua tupy, como *Caturité*, pico da serra do mesmo nome, ou de *Bodocongó*,

de que já tratámos; mas esta palavra teria talvez variado de pronuncia, podendo ser que a troca do *t*, por *c* da segunda syllaba, *Cacuritê*, como o povo pronuncia, a approxime mais do cariry que do tupy.

Os indigenas da Parahyba, estavam na idade de pedra polida; os tupys erão pescadores, os carirys vivião de caça que era abundantissima, quer nas immensas mattas dos Brejos e dos frescos terrenos das serias, quer nos vastos taboleiros e varzeas dos sertões.

Os seus machados de silex (*pedras de corisco*, como chama actualmente o povo), variados e bem trabalhados, como se evidencia de umas amostras que, ha annos remettemos ao Museu desta cidade; os seus productos de ceramica e tecidos de caruá são uma prova de que os seus conhecimentos industriaes já tinham sahido dos primeiros rudimentos.

Entre os diversos artefactos de pedra e argilla, parecendo destinado a adorno, que temos colligido, existem alguns, que semelham—*muyrakitans*—segundo o juizo que formamos do que sobre elles tem escripto o illustrado Dr. Barboza Rodrigues.

Os Caryris erão de estatura média, robustos, côr acobreada, nariz grosso, rosto redondo e cabeça *chata*, typo ainda hoje da maioria dos sertanejos dos Estados da Parahyba, Rio Grande e Ceará. O cabello preto, grosso e aspero trazião pendente sobre o pescoço; mas para diante era curto, não passava das orelhas. Andavão nus, menos nas occasiões das festas ou quando ião á guerra; porque então cobrião-se com pennas de araras, papagaios, e maracanans.

A sua religião consistia em uma especie de culto

que prestavão ao espirito do mal ; e para este fim tinham feitiçeiros *pagés ou carahybas*—, tidos por elles em grande veneração. Erão muito obedientes ao seu rei ou chefe ; e o distinctivo deste estava no cabello, cortado, formando corôa e nas unhas dos dedos pôlegares que trazião compridas ; o que ninguem mais usava senão elle. (*).

Erão muito velozes no correr ; vencerião um cavallo. Usavão de arcos e setas ; de uma especie de espada de madeira rija, de dous gumes, assim como de azagaias, e de machados de pedra com os cabos compridos. Encontrando qualquer rez por mais bravia que fosse, a alcançavão e matavão.

Diz Herkman que as mulheres erão muito bonitas de cara ; e que os meninos começavão a andar quando tinham nove ou dez semanas ! Nesta idade os lançavão logo n'agua para aprenderem a nadar ; o que todos fazião com perfeição.

Attingião á uma idade muito avançada, que se computava em 150, 160 até 200 annos e não podendo mais andar, erão carregados em redes ; e emquanto mais velhos maiores honras lhe tributavão.

Attribuimos a este povo os tumulos e toscas urnas funerarias que se tem encontrado ; e destas possuímos uma que o Rv. Vigario C. Ramos descobriu no municipio de Alagôa do Monteiro.

Para visitar uma das mais faladas necropoles dessa raça, abrangendo uma grande furna na serra da Canastra, nos limites da comarca de Arêa com a de

(*) Herkman—Rolox Baro.

Campina Grande, tivemos de arriscar a vida; por estar ella em posição quasi inaccessible, a centenares de metros de altura.

Não podemos explicar o motivo que teve a tribu que habitou aquelle sertão, para esconder alli os ossos dos seus maiores.

Dentro daquelle immenso e singu'ar *ossuario*, o percorremos em todos os sentidos, pisando o pó fino que os seculos tinham accumulado em seu sólo granítico, procurando nas paredes, cheias de riscos amarelados, um signal que explicasse o mysterio.

Representaria elle a época colombiana, ou se remontaria até origens da humanidade, ao *homem das cavernas*?

Esses vestigios, que talvez servissem de senda luminosa a um sabio, em nada satisfizerão á r.ossa curiosidade de simples *touriste*.

Apezar da devastação exercida por visitantes ignorantes e sem amor á sciencia, que nos precederão em diversas épocas, lançando os craneos de serra abaixo, ainda encontramos um inteiro e diversos outros ossos, que remettemos ao Musêo, por occasião de sua exposição anthropologica.

IV

CONQUISTA DO SERTÃO

Já erão passados mais de 80 annos, depois de iniciada a colonisação da Parahyba do Norte, isto é, depois da fundação de sua capital, quando forão dados os primeiros passos para catechese dos Carirys. Grande p rte desse prazo havia sido consumido na guerra hollandeza, na qual tomara a capitania parte muito activa, por vêr á frente do exercito restaurador um seu filho, Vidal de Negreiros, o principal heróe brasileiro nos tempos coloniaes.

A missão da nação Cariry mais proxima da capital teve o nome de Pilar, (é hoje villa) a 12 leguas de distancia e outro tanto, pouco mais ou menos, da Borburema, do territorio dos Bultrins, dos quaes era ella composta. O missionario ou missionarios encarregados da catechese terião chegado até lá, convencendo-os de que deixassem a serra e viessem formar a sua aldêa á margem esquerda do rio Parahyba.

Se á esta aldêa é que refere-se o padre Martin de Nantes, o que não é provavel pela distancia de 50 leguas em que elle a colloca da capital, a sua fundação data de 1670 a 1671.

Dado com proveito esse primeiro passo por iniciativa da capital, para colonisação do interior da ca-

pitania, seguiu-se o segundo, mais ousado. Avançaram provavelmente os apóstolos da fé pelas margens do rio Ingá, e vencidos os numerosos obstaculos das vertentes orientaes da Borburema, de onde elle desce, ganhárão o planalto e no centro dessa região fria, ignorada dos holandezes, em uma verdejante collina, ao pé de grande campina, fundárão a segunda aldêa dos Carirys, no seu proprio territorio, dando-lhe o nome de Campina-Grande (hoje cidade).

Este marco da civilisação, plantado sobre a desconhecida serra, exerceu poderosa influencia no governo e povo da capitania; descortinavão vastissimos horizontes, ao Poente, Norte e Sul, e tinham diante de si uma região povoada de numerosa gentildade e cheia de mysterios. A curiosidade, ou antes, a ambição de riqueza, foi a alavanca do movimento; e como em diversas capitánias do Brazil, foi a Parahyba por sua vez tomada da febre de descobertas.

Com o auxilio do governo, formárão-se duas fortes bandeiras e partirão á *conquista* do sertão.

O capitão-mór Theodosio de Oliveira Ledo, comandante de uma dellas, chegando á missão do Pilar, teria seguido sua viagem acompanhando o rio Parahyba até o *boqueirão* da serra do Carnoyó, onde fez demorado acampamento, fundamento da actual povoação de igual nome; se ella já não estivesse fundada, como faremos notar adiante.

Para alcançar este ponto, já em pleno sertão, Oliveira Ledo teria necessidade de repellar por muitas vezes os Carirys, principalmente além de Natuba, onde

o Parahyba passa apertado entre serras; fazendo prisioneiros, que era o fim principal dessas *entradas*.

Deste modo, á palavra consoladora do missionario, á paz por elle prégada aos miserõs indigenas, succedia a guerra com seus horrores.

Continuando a sua descoberta, o capitão-mór achou-se na junção do rio Parahyba com o Taperoá, e seguiu pelo valle deste, ao Norte, até que entre o riachão Timbaúba e o de Santa Clara encontrou as hostes Carirys, (provavelmente os Sucurús) embarcando-lhe a passagem. Uma carta de data de sesmaria refere-se ao combate ou batalha que ahi teve lugar, dizendo que—os Tapuyas forão derrotados, soffrendo grandes perdas

A bandeira avançou sempre, desceu a Borburema, ao Poente, e chegou a Piranhas.

Não podemos precisar o anno em que teve lugar o que acabamos de narrar, assim como o itinerario da outra bandeira, dirigida pelo capitão-mór Luiz Soares que supponmos ter sido pelo Norte.

O que é certo é que em 1697 Oliveira Ledo já era capitão-mór das Piranhas e Piancó, como se vê de um interessante documento existente na Bibliotheca Publica desta cidade, cujo extracto damos em seguida:

« O capitão-mór da Parahyba, Manoel Soares da Albergaria, em carta de 14 de Maio deste anno (1699) dá conta a V. M. em como no 1º de Dezembro de 1697 fôra áquella cidade o capitão-mór das Piranhas e Piancó, Theodosio de Oliveira Ledo, e o informara do estado em que se achavão os sertões daquelle districto, despovoado pelas invasões que tinha feito o gentio

barbaro Tapuya ; e que era conveniente que estes se tornassem a povoar com gados, curraes, etc., para o que lhe era necessario que elle o ajudasse com alguma gente e munições para nas ditas Piranhas fazer arraial; —que trouxera consigo uma nação de Tapuyas, chamados Ariús, que estão aldeados juntos dos Cararys, onde chamão a Campina Grande, e querião viver como vassallos de V. M., e reduzirem-se á nossa santa fé catholica, dos quaes era o principal um Tapuya de muito bôa traça e muito fiel, chamado Cavalcante, os quaes forão com o dito capitão-mór e 40 Cararys e 16 indios que tirára das aldeias e 10 soldados daquella praça, mandando-lhe concertar as armas e dando-lhe 4 arrobas de polvora e bala, 40 alqueires de farinha e algumas carnes; e partindo no 1º de Janeiro do anno passado, fôra com o dito capitão-mór um religioso de Santo Antonio, a quem particularmente encommendára, a conversão daquelle gentio, e pela carta inclusa do dito capitão-mór, seria presente a V. M. o bom succeso que Nosso Senhor foi servido dar-lhe ; e que estava esperando pelo capitão-mór para fazer outra entrada; e lhe constava se ião juntando muitos gados para irem povoar as Piranhas, onde se devia fazer o arraial para segurança dos povoadores. »

Ao tempo que partião da capital da Parahyba as duas bandeiras de descoberta e conquista do interior da capitania, (ou antes) penetravão em Piancó parte remota e ignorada do seu sertão, outros bandeirantes paulistas e bahianos.

Este importante facto da historia da Parahyba, geralmente ignorado, até por homens de letras,

acha-se baseado em provas robustas, directas e indirectas.

O autor da *America Portuguesa*, Rocha Pitta, tratando da guerra dos Palmares, diz:

« O paulista Domingos Jorge, mestre de campo dos paulistas... de Piancó, onde tinha a sua estancia, marchou com a sua gente, que seria mil homens... »

O anno não vem indicado; mas, segundo Varnaghen, os mais *sanguinolentos* combates dessa guerra tiveram lugar em 1695; portanto, deve-se dar como provado que Domingos Jorge já estivesse occupando o Piancó desde antes de 1690; porque estava estabelecido com estancia ou fazenda de creação, podendo reunir um corpo de mil homens; o que é admiravel.

Além disto, em 1674, Domingos Jorge e Domingos Affonso Mafrense já tinham descoberto e invadido o Piahy, transpondo a serra dos Dous Irmãos. Mafrense lá ficou fundando fazendas que as possuio até fallecer; Domingos Jorge, porém, não se demorou.

Não teria elle, de volta ás margens do S. Francisco, tomado depois a direcção da Parahyba, descobrindo a ribeira do Piancó?

Que o dominio dos paulistas foi duradouro não sómente em Piancó, como tambem em grande parte da ribeira de Piranhas, prova uma carta régia datada de 15 de Dezembro de 1700, ordenando ao ouvidor da Parahyba que mandasse pôr em liberdade na sua aldeia os Tapuyas Payacús que forão captivados pelo mestre de campo dos paulistas, Manoel Alvares de Moraes Navarro, residente a esse tempo no Assú; providencia que foi estendida aos Payacús e Icós, do Ceará.

São provas indirectas : as datas de sesmarias de terras que obtiverão a casa da Torre, da Bahia, e Christovão da Rocha Pitta, da familia do historiador. E essas fazendas que a opulenta casa da Torre fundava na Parahyba, não erão mais do que a continuação do seu extenso dominio, como se vê do seguinte trecho de uma carta do governador de Pernambuco, escripta em 1700, ao rei de Portugal:

« A casa da Torre, os herdeiros de Antonio Guedes de Brito e Domingos Affonso Sertão, moradores na jurisdicção da Bahia, erão senhores de quasi todo o sertão de Pernambuco. »

Partindo pois de pontos tão oppostos e distantes, alto S. Francisco e littoral da Parahyba, os bandeirantes, convergindo para o sertão da capitania, ali se encontrarão por acaso. Na sua exploração e occupação não terião encontrado grandes difficuldades ; derrotarão por toda parte os indigenas, reduzindo sem duvida a captiveiro, os que conseguirão tomar.

Forão fundadas as primeiras fazendas de creação, e em poucos annos ellas se multiplicarão por todas as ribeiras ; a producção do gado era espantosa nessas immensas pastagens virgens, de panasco e mimoso.

Entretanto as tribus Caryris, embora dizimadas cruelmente pela guerra, não estavam domadas ; refugiarão-se nas serras, e de seus esconderijos vendo, a todo momento, as ribeiras percorridas livremente pelos seus perseguidores, liberdade de que não podião gozar, concertarão um *levante* geral.

Diversos documentos alludem a essa confederação das tribus Caryris, e aos estragos causados pela guerra

que movêrão á raça branca. O levante dos Tapuyas (assim é denominada a guerra nos actos officiaes daquelle tempo) foi geral e tão bem combinado, que o governador e capitães-móres do interior, apanhados de surpresa, não poderão nos primeiros momentos repellir os indios em suas correrias por todo o sertão. Nessa extremidade deu-se a defecção dos Sucurús se elles combinárão no levante, como é de suppor.

Como já fizemos vêr, os Sucurús occupavão o sul da capitania, concentravão-se nesse triangulo formado pelas serras Jacarará e Jabitacá até o rio de seu nome, territorio hoje da comarca de Alagôa de Monteiro e visinhas; e d'ahi fez o governo remover a tribu ou grande parte della para o norte da capitania, na fronteira do Rio Grande, afim de oppôl-a aos indomaveis Janduys, que estavam devastando os estabelecimentos de agricultura e criação, que devião existir ao norte da Cupaóba até a actual serra do Cuité. O acampamento ou aldeia dos Sucurús foi entre o rio Curimataú e o Araçagy.

A guerra durou annos, (*) deixando cruentos signaes por todo o sertão. Finda ella, pouco a pouco a industria creadora foi readquirindo a antiga prosperidade; Oliveira Lendo fundou o arraial de Piranhas, que mais tarde devia ser elevado á villa, com o nome do celebre ministro de D. José I; a população augmentou, levantárão-se muitas capellas, sendo creadas em seguida as freguezias de Piancó, Campina Grande, S. João de Cariry e Caicó, então pertencente á Para-

(*) Vide doc. n. 1.

hyba. A raça indigena submetteu-se inteiramente, e sem maiores obstaculos entrou francamente a capitania na senda do progresso.

São oito as aldeias carirys, mencionadas nos documentos publicos: aldeia dos Icós Pequenos, (Souza); aldeia dos Pegas, (Pombal); aldeia de N. S. do Rosario do Curema; aldeia de S. José do Panaty, (Piancó); aldeia de S. João do Brejo de Fagundes; aldeia de N. S. da Conceição de Campina Grande; aldeia do Pilar; aldeia de Santa Thereza e S. Antonio da Bôa Vista, das tribus Sucurús e Canindés; não fallando na primeira de todas, a do Boqueirão, no rio Parahyba.

Desse interessantissimo periodo da historia parahybana, não ha infelizmente uma chronica, uma memoria si quer, que faça menção dos combates e dos nomes dos chefes indigenas, directores do movimento; mas são abundantes as referencias em diversos requerimentos dos bandeirantes, pedindo graças ao governo pelos serviços prestados contra os *ferozes Tapuyas*, *no seu levante geral*.

Mais infelizes do que os Tamoyos, cujos heroicos feitos forão immortalisados pela musa de Magalhães, os guerreiros Carirys, que obrarião prodigios de valor iguaes, senão superiores aos seus irmãos do sul, jazirão em perpetuo esquecimento.

Dessa época dos bandeirantes até o levante das tribus Carirys, que chamaremos tempos heroicos do Sertão, foi Oliveira Ledo a principal figura; pôde-se dizer que todo esse periodo está nelle personificado.

Era elle brasileiro, filho da Bahia, segundo presumimos pela seguinte tradição referente a um seu pa-

rente : « O capitão Paschoal de Oliveira Ledo, morador na cidade ou capitania da Bahia, raptou uma moça de familia importante. Perseguido tenazmente até a margem direita do S. Francisco, para escapar foi obrigado, com a sua amada, a lançar os cavallos ao rio e passal-o a nado. Alcançada a margem esquerda, seguirão pela ribeira do Moxotó até ás suas nascentes e passarão para a capitania da Parahyba, vindo pousar entre os rios Taperoá e o Parahyba, onde depois os seus descendentes fundarão a povoação de Cabaceiras, hoje villa. »

Por esta tradição nunca contestada, se póde ver ou collegir : 1º que já era conhecido e explorado todo o territorio percorrido por Pascoal de Oliveira ; 2º que elle, vindo refugiar-se na Parahyba, procurava a protecção de seu parente, o capitão-mór Theodosio de Oliveira Ledo.

A existencia do capitão Pascoal de Oliveira está bem comprovada por diversos documentos, entre os quaes duas ou tres datas de sesmarias, que lhe forão concedidas em Cabaceira e Campina-Grande.

Demais o ponto onde se diz que refugiou-se Pascoal, fica á distancia de tres legoas pouco mais ou menos de Boqueirão, povoação que sempre despertou-nos certo interesse historico, principalmente agora que temos diante de nós a preciosa obrinha do Padre Martin de Nantes.

A aldeia em que este esteve, distava 50 leguas da cidade da Parahyba e 70 da do Recife ; portanto, não podendo ser Pilar, acreditamos que fosse Boqueirão, embora não seja exactamente essa a distancia que o se-

para daquellas capitaes; mas é natural a quem viaja, abrindo caminho para passar, como succedeu ao padre M. de Nantes, calcular as distancias para mais.

O modo como descreveu a solidão que atravessou, onde « as arvores estavam sem folhas, como se fosse em França, em tempo de inverno, » só pôde adaptar-se á uma região sertaneja, ou de creação, segundo o sentido em que é empregado lá este termo.

Além disto, na citada obra ha outra passagem interessante, que diz :

« Essa aldeia foi descoberta em 1670, por um portuguez chamado Antonio de Oliveira, que, procurando pastagens proprias para criar gado, encontrou no rio Parahyba..., »

Esse Antonio de Oliveira era provavelmente da familia de Theodosio de Oliveira, se não era seu pai porque diversos descendentes deste tiverão aquelle nome, talvez em memoria do seu antepassado.

Ha ainda poucos annos, vimos em Boqueirão as ruínas de um edificio que o povo chamava convento, onde antigamente morarão religiosos, segundo a tradição.

Portanto, talvez a missão ou aldeia mais antiga dos Carirys seja a do Boqueirão, que, communicando-se sómente com Pernambuco, vivia isolada da Parahyba.

Theodosio de Oliveira deixou immensas propriedades a seus filhos; só nas ribeiras do Parahyba e Piranhas elles chegarão a possuir cerca de cincoenta leguas de terras. Ainda hoje nas questões de terras no sertão da Parahyba, ouve-se sempre o povo empregar a expressão—datas dos Oliveiras—como a mais robusta

prova do direito territorial. Forão as sesmarias possuídas por Theodosio e seus filhos, consideradas de maior valor pela prioridade da concessão.

Deixamos agora este terreno ainda não bem esclarecido das —*origens parahybana*s—, passando para outro onde a observação faz afastar qualquer conjectura ou hypothese.

Mas é tão interessante esse periodo de formação da sociedade parahybana, que não podemos deixar de consignar aqui um pedido ao seu futuro historiador—de investigal-o com todo o criterio e força de vontade.



V

FLORA

A flora parahybana divide o Estado nas seguintes secções :

a) littoral, comprehendendo os taboleiros adjacentes ;

b) catingas ;

c) brejos ;

d) sertão ;

Todas as suas praias são orladas de coqueiros, e em algumas são tão numerosos que contão-se por muitos milhares. E' esta a agradável perspectiva que se apresenta a todos que as vêm do mar.

Deixando a costa, encontrão-se logo os terrenos alagados, onde cresce o mangue, nas embocaduras de todos os rios, até onde sobe a maré ; principalmente no rio Parahyba, em que existem grandes matas dessa madeira, que é geralmente applicada á construcção de casas e para combustivel.

Nos terrenos mais elevados, argillosos ou arenosos, existião as primitivas mattas, compostas de todas as madeiras communs a essa parte do Brazil, como se póde ver de um manuscripto da Bibliotheca Nacional, do qual é muito interessante o seguinte trecho :

« S. M. annualmente podia poupar a inutil despeza que faz o Governador de Pernambuco com os

transportes das madeiras daquella cidade (Parahyba) para a do Recife ; que, seguramente, avulta á quantia de tres a quatro mil cruzados, o que não aconteceria se alli fossem em direitura os paquetes de S. M. ; além de que concorre motivo de mais attenção como é, que os navios que demandão a mesma agua do rio Parahyba, em Pernambuco carregão no Poço, distante do Recife perto de uma legua, onde se não póde carregar a toda hora e muitas vezes em varios dias, e alli se faz uma grande despeza com a sua ancoragem, porque se amarrão com duas boas amarras pela prôa, e dous bons viradores pela popa e assim mesmo continuadamente arrebetando, o que não succede no rio Parahyba porque, além de ser pacifico, as suas correntes são limitadas e alli se amarra... de pias-saba, modicas naquellas terras por serem as partes onde se constroem, além disto a brevidade com que se carregão os navios por estar proximo o ancoradouro á cidade e onde se póde carregar a toda hora do dia.

« Para construcção de charruas e paquetes de S. M. como para os da Marinha desta cidade, offerece a Parahyba as melhores qualidades de madeiras, como são : a secupira, o páo de arco, o vinhatico, o amarello, o cedro, o gitahy, o angelim amargoso, o angelim doce, a peroba, para aduelas ; o louro, o jatobá, a sapucaia, para cintas (?) ; a sapuqueirana, para mastreação e aduelas, a cabraiba ; e forão estas qualidades tão dignas da real attenção que S. M. houve por bem dar mercê de tenente da infantaria paga de Olinda, ao constructor Antonio Manoel Prata, pelo descobri-

mento que fez das ditas madeiras, que em muita quantidade se acha naquelle paiz do Parahyba e com menos despezas que as que vêm das Alagôas; presentemente na Parahyba ha tres côrtes de madeiras, porém alli ha capacidade para muitos mais, como igualmente alli se podem construir navios, com mais facilidade que em Pernambuco, como se praticou no tempo da companhia e presentemente se fez ver pelo concerto que se fez no paquete de S. M. em 96 (?)

« Haverá cousa de cincoenta annos que o governo da Parahyba é subalterno ao de Pernambuco, isto tem motivado a que esta capitania não tenha ido a maior augmento, porquanto os seus generos como são algodão e assucar são superiores aos de todas as mais Americas, como se vê nas alfandegas desta cidade, e não fica logar ao governador de poder animar o commercio, como igualmente, o poder fiscalizar sobre os interesses da real fazenda, como presentemente se verificou, no anno de 1796 (?), que pondo-se em praça a arrematação dos gados pertencentes á administração das ribeiras de S. M., havendo naquella Parahyba pessoas de solidos estabelecimentos, como fosse Amaro de Barros Lima e Manoel Teixeira, do Rio Grande, que lançarão a 6\$600 por cada cabeça de gado vaccum e a 7\$000 por dita de cavallar, não forão acceitos esses lances nem as utillissimas representações que fez o governador da Parahyba, á junta de Pernambuco, respondendo-se-lhe que já estava arrematado e que se fazia inutil toda representação, o que, sempre, em contrario, succedeu nas arrematações da Parahyba, com as ultimas decisões da junta e muito

mais quando se via a clara diminuição dos preços, em que arrematou as ditas ribeiras, José de Allemão Sisneiro, de 4\$200 o vaccum e 5\$200 o cavallar... »

No principio deste seculo só do rio Meriry para o Norte (um terço do littoral parahybano) existião ainda quarenta e seis mattas, algumas das quaes com a extensão de cinco leguas, como se lê de uma «Relação,» publicada na *Revista do Instituto Historico e Geographico*, em 1844.

Apezar de barbaramente estragadas pela ignorancia dos agricultores, vêm-se ainda hoje bellos specimens dessas mattas em algumas propriedades, como a do Abiahy e outras.

Além das especies referidas no documento acima citado, muitas outras ahi abundavão, principalmente o páo-brazil, de que os francezes por muitos annos fizeram activo commercio com os Potiguaras, antes da occupação da Parahyba pelos portuguezes; e o cajueiro, cujo fructo era apreciado pelos indigenas a ponto de contarem o tempo por *cajús*, tão anciosos esperavão cada anno o seu apparecimento.

Os taboleiros do littoral são os terrenos por excellencia da mangabeira. Compondo-se de areia alva e sem consistencia em razão da pequena quantidade de humus que contém, só permittem uma vegetação relativamente acanhada e pouco variada em suas especies, comquanto o sub-solo conserve sempre frescura. A mangabeira é arvore preciosa, não sómente pelo fructo, como pela excellente borracha que della se extrahe.

A estrada que liga a capital do Estado á cidade de

Mamanguape (12 leguas) é, na maior parte, traçada nesses taboleiros arenosos, cortados pelos estreitos e sombrios valles de dous ou tres ribeiros, dos quaes é mais importante o Jacuipe, bem conhecido pela pureza de suas aguas e pelas patativas que crião as mattas de seu valle.

« Boas aguas, terras fracas, » costumão dizer os agricultores da Parahyba; e esses terrenos offerecem um exemplo; porque filtrão uma agua tão crystalina, que qualquer objecto de pequeno vulto cahindo no leite do riacho, ainda mesmo que a agua tenha um metro ou mais de profundidade, é visivel da superficie.

Os taboleiros acompanhão todo o littoral do Estado, com mais ou menos largura, divididos sempre pelos valles dos rios e riachos que os atravessão e onde a vegetação muito differe, em razão da sua maior uberidade; facto de que depois nos occuparemos, quando tratar da industria agricola.

A segunda zona ou secção é a das catingas, que ao Oeste chega ao pé da Borborema, estendendo-se ao Noroeste pelo valle do Curimataú até os limites dos municipios de Araruna com o de Cuité, mais ou menos, e ao Sudoeste acompanha o valle do Parahyba até a barra do Bodocongó e por este rio acima até proximidades da cidade de Campina Grande.

A catinga é zona secca, em diversas partes tanto como o sertão e com vegetação identica. Mas em geral os seus terrenos (os argillosos) são muito ferteis e bem aproveitados para cultura de todos os cereaes e principalmente do algodão; cultura esta que anniquilou as

mattas de que erão cobertos, transformando-os em vastos campos, proprios para a criação. Estabelecendo a transição do littoral para os brejos e para o sertão, a sua flora varia, participando da de qualquer dessas zonas, conforme a sua proximidade.

Pode-se comprar os brejos a um oasis com vinte leguas de comprimento e dez de largura, cercado de todos os lados pelo sertão e catinga.

Viajando-se na ferro-via Conde d'Eu, chega-se a um ponto onde dá-se repentina mudança de vegetação, é a estação de Araçá, limite da primeira secção florestal. Os terrenos dessa pequena chapada, de clima doce e salubre, são mais ou menos frescos, o que demonstra o viço de sua vegetação.

Dahi tem-se a Oeste e Noroeste vasto horisonte fechado pela serrania da Borborema. Debaixo das vistas está o territorio intermedio, que se affigura inteiramente differente; na verdade, um kilometro além, tudo se transforma: as arvores sem folhas, o sólo resequido, tudo se apresenta com o tristonho aspecto do sertão em tempo de secca.

Nesse ponto tem a catinga dez leguas de largura, se acompanharmos a via-ferrea até a cidade de Guarabira, collocada ao pé da serra, constituindo a porta mais importante dos brejos ao Norte, assim como é ao Sul a villa de Alagôa-Grande.

O terreno dessa terceira secção é todo accidentado ou montanhoso, composto, em geral, de barro vermelho ou de terra preta ou rôxa, com o sub-sólo argilloso; e nas baixas on varzeas, de massapê, proprio para todas as especies de cultura.

Todo elle era primitivamente uma só e immensa matta de gigantescas arvores de todas as especies, que tomavão os raios do sol aos profundos valles e grotas onde correm os seus ribeiros. Essa região tornando-se cedo o centro agricola de antiga capitania e provincia, os continuados roçados fizeram desapparecer as antigas florestas, onde o pirauá, a massaranduba, o camucá, pitombeira, a guararema, o páo-sangue, a jurema, a gameleira, o cumarú, o jaracatiá, macahyba, pindoba e diversas outras palmeiras attestavão com as especies acima descriptas a fertilidade do seu sólo.

Raros são os restos das primitivas mattas; o que se vê são capoeirões ou mattas em formação, que rebentarão nos terrenos deixados em pousio por agricultores previdentes; e algumas destas de trinta e mais annos já apresentam imponente aspecto, tal é a força vegetativa do sólo.

Ha, porém, outras propriedades que já precisam de lenha, até para o uso ordinario dos seus moradores, por estarem em constante cultivo todos os seus terrenos: isto, porém, succede nos sitios de menores dimensões.

Vamos entrar agora na grande região das cactaceas, o sertão; mas, antes, devemos assignalar um territorio denominado — *agreste* — que estabelece a passagem do centro da agricultura, os brejos, para o centro da criação, o sertão.

O *agreste* é uma facha de tres a quatro leguas de largura, ao occidente dos brejos, que se estende desde o municipio de Campina-Grande até o de Bananeiras, passando pelos de Alagôa-Nova e Arêa. E' um

territorio arenoso, em geral, apresentando-se em algumas partes coberto de uma vegetação rasteira, em que predomina o cumaty (myrtacea), arbusto que dá um pequenino e saboroso fructo; e em campos proprios para criação, onde nascem a ipecacuanha e outras hervas medicinaes.

Em outras partes, porém, a vegetação é densa e mais opulenta, formando bellas mattas, onde, com muitas das arvores já mencionadas, floresce a jaboticaba, a quina, ameixa, murta, ubaia, araçá, etc., e a baunilha entrelaça-se em todas ellas; tornando-se o terreno proprio para agricultura.

E' no agreste e na catinga que as duas industrias, criação e agricultura, estão sempre em conflicto, apezar das leis municipaes que prescrevem os limites da acção de cada uma e das penas pela sua infracção.

Deixando o agreste, enfrenta-se logo o sertão do Cariry, assim chamado todo o territorio cujas aguas correm para o rio Parahyba, ao Sul; e com o rio Curimataú, outra ribeira, ao Norte.

Tudo alli é novo; em alguns logares vêm-se singulares *florestas* de facheiro, mandacarú, palmatoria, onde cria-se a cochonilha, e chique chique; em outros, grandes partidos de macambira, cujo ingresso vedão os seus espinhos, semelhantes a anzoës.

As quatro primeiras especies, ás quaes devemos juntar duas outras rasteiras, a cumbéba e corôa de frade, são todas revestidas de uma couraça de espinhos agudissimos, e têm o amago muito aquoso, sendo por isto de proveitoso alimento ao gado vaccum nos annos mais seccos.

A macambira é muito semelhante ao ananaz, excepto no fructo, me parecendo por isto dever ser collocada na mesma familia das bromeliaceas. E' planta utilissima, principalmente depois da secca de 1877, quando principiou a ser usada como alimento pelo povo.

A gomma ou farinha é extrahida do pedunculo de suas folhas e tida como muito nutriente; hoje é geralmente usada no sertão com toda a confiança, mesmo em annos regulares, fazendo já em certos lugares concurrencia á farinha de mandioca, quando esta sobe de preço. Não nos consta que esse producto tenha sido sujeito a qualquer exame chimico, afim de serem conhecidas precisamente as suas propriedades; o que, a ser exacto, revela a maior incuria por parte do governo.

Convém rectificar aqui o engano do Dr. Moreira Pinto na sua *Geographia das Provincias do Brazil*; a « macambira não é herva aquosa, isentando o gado que della se alimenta de procurar a bebida; » ao contrario, a massa que se contém na *cabeça* da macambira causa sede ao gado que della se sustenta exclusivamente, obrigando-o a procurar a bebida dispendiosamente. O que diz o distincto corographo, só póde applicar-se a qualquer uma das cactaceas mencionadas, principalmente ao facheiro e mandacariú.

O umbuseiro merece menção especial; é arvore propria dessa região, onde até nos lugares mais seccos e pedregosos dá-se perfeitamente. O seu fructo agri-doce é muito estimado; em suas raizes, no scio da terra, formão-se bulbos aquosos, que são verdadeiros

reservatorios, em que a arvore se provê da necessaria frescura, para florescer em tempo certo, no mez de Dezembro que é a força do verão.

Adornada com suas flôres pequenas e brancas, semelhando jasmims, fórma um verdadeiro contraste no meio dos demais vegetaes, despidos inteiramente de suas folhas e como que lançados em lethargo pela extrema secura do sólo. Os mais tenros dos seus bulbos aquosos são apreciados como excellente refrigerante: o povo dá-lhes o nome de—*raiz de imbú*. Nas varzeas crescem as quixabeiras e juazeiros, também arvores fructíferas de grande proveito para o gado pelas suas ramas.

Nas margens dos rios ergue-se alterosa a caraúbeira do meio de moitas de mufumbo e jaramataia. Nos *cerrados*, onde o sólo é mais poroso, apparece o caruá por baixo do moróró, páo-leite e barriguda, estimada pela finissima lã que produz. Por toda parte existem a baraúna, aroeira, angico, catingueiro, pereiro, maniçoba, imburana, camarú, etc.

Muda muito de aspecto o alto sertão, isto é, o que está além da Borborema. Exceptuando os terrenos contiguos ás serras e os valles dos rios e riachos, em geral os campos e taboleiros são muito mais abertos, apparecendo no meio das grandes pastagens de panasco quasi que sómente uma especie de arbusto, a jurema preta, de que os indigenas fabricavão a inebriadora bebida com que celebravão os seus mysterios.

Inteiramente diverso é o aspecto do sertão do rio do Peixe, em razão dos extensos carnaubaes das varzeas e campinas, de que é na maior parte composto,

da majestosa oiticica, da favelleira e do marizeiro. Estas especies não existem no Cariry, carecendo entretanto aquelle sertão de outras especies proprias deste.

E' muito commun nos terrenos mais frescos das serras o catolé, pequena palmeira apreciada pela sua noz, assim como o balsamo e outras madeiras de lei.

VI

FAUNA

A fauna parahybana não apresenta nenhuma especialidade propria, os seus animaes são os mesmos dos Estados vizinhos, já os que vivem nas mattas e terrenos frescos, já os que são especiaes aos adustos taboleiros e varzeas do sertão.

Entre os mammiferos conta tres qualidades de jaguares ou onças, preta, pintada e vermelha ou suçuarana; maracajá, duas especies de outros gatos silvestres; duas de veados, garapú e capoeiro: quatro de tatús: verdadeiro, china, bóla e péba; caitetús, capivára, preguiça, tamanduás, coelho, mocó, paca, cotia, coaty, guaxini, preá, punaré, raposa, maritacaca ou gambá (*mephites suffocans*), macaco, sagui, etc.

Reptis: — Cobra de veado ou giboia, salamandra, caninana, verde, sipó, surucucú, papa-ovo, jararaca e a terrivel cascavel. Chelonios, saurios e batrachios: — Jacaré, jaboty, tejuassú e outros lagartos, camaleão, rãs e diversas variedades de sapos, entre os quaes o venenoso cururú, de grande força magnetica.

Fauna ornithologica: urubú rei (raro), dito commum, caracará, gavião, acauã, aráras, papagaios, jandaias, maracanã, perequitos, coruja, bacuráo, e outra especie de ave noctivaga, denominada oitibó, araponga, annún, preto e branco, aza branca, rebaçan

(pomba de arribação) dita cascavel (assim chamada por emitir, quando vôa, um som semelhante ao chocalhar do cobra cascavel), juruty, codorniz, nhambú, agachadeira, jacú, ema, seriema, diversas especies de pica-páo e beija-flôres, andorinhas, sanhassú, sabiá, patativa, curió, papa-capim, canario, xexéo, garaúna, concliz, gallo de campina, tetéo, maçarico, saracura, colhereiro, garça, sccó, pato, patury, marreca, galinha d'agua, mergulhão, gaivota, jaçanan, etc.

Fauna ichthyologica. Peixes de agua doce: curimatã, jundiá, piáo, piranha, acará, trahira, branco, mussú, cangaty, potyassú e piaba. Destes a piranha é especial da ribeira a que dá o nome; curimatã e trahiras são os mais abundantes; existem por toda parte. Os de agua salgada são bem conhecidos e deixamos de mencional-os para não tornar-nos fastidioso.

Fauna entomologica. Diversas especies de abelhas como irapué (que significa —*mel redondo* da configuração de sua colmeia, adherente aos mais elevados galhos das arvores), urussú (domesticada), jandahira, tubiba, jaty, moça branca, mandaçaia e mosquito; vespas mellíferas (formão suas colmeias nos troncos e galhos das arvores e debaixo da terra), inxú, inxuy e capuxú; diversas especies de maribondos, como: mumbuca (fabrica uma cera medicinal), sanharó e outros.

Deixamos de mencionar a grande variedade de outros insectos, concluindo com os tres seguintes, por julgal-os dignos de séria attenção: a cochonilha, o bicho de seda e a formiga cerifera.

A cochonilha é um pequeno insecto que dá bel-

lissima tinta escarlata; apparece na planta cactacea vulgarmente denominada palmatoria, á que está adherente, envolto em uma pellicula ou antes pennugem branca, bem visivel.

A respeito do bicho da seda, citaremos as palavras do engenheiro Dr. Francisco Retumba, parahybano de notavel intelligencia e illustração, na flor dos annos roubado pela morte aos serviços da patria; palavras que constão de seu relatorio apresentado em 1886 á presidencia da Parahyba :

« E' igualmente necessario não perder de vista a industria da seda. Nos sertões desta provincia o bicho de seda abunda consideravelmente. Informarão-me na cidade de Arêa que existia ahi perto um bicho de seda especial, de tamanho descommunal e muito productivo. Prometterão-me alguns desses animaes e espero, na minha volta, leval-os para a capital. »

A formiga cerifera é um insecto preto, a cêra que produz é alva, mesclada de uns pequeninos pontos vermelhos escuros, envolvendo como uma capa a parte do galho da arvore onde se estabelece. O pereiro é a arvore onde sempre temos visto o tal insecto.

Sobre a fauna parahybana julgamos ainda dignas de menção as seguintes noticias :

As pombas de arribação, ou rebaçans, como são vulgarmente conhecidas, apparecem todos os annos, nas catingas, no fim do inverno, em bandos innumeraveis, pousando nos campos de capim-milhan, de cuja semente se nutrem.

Milhares de pessoas as perseguem, matando a tiros de espingarda e até a pauladas, colhendo ao

mesmo tempo os ovos, postos a granel sobre a terra. Os animaes carnivoros, por sua vez, entre elles reptis venenosos, como a cascavel, causão grandes estragos nesses cardumes de aves; mas é tal a quantidade que, parece, não diminuem de numero, até que arribão para outros logares.

Nos annos seccos, quando o povo soffre fome, as rebaçans são para os sertanejos durante uma quinzena pouco mais ou menos, o que para o povo judéo no deserto forão as codornizes.

As suçuaranas abundão em todo o sertão, havendo dellas duas variedades mais potentes e ferozes,—maçaroca e lombo preto; entretanto, quasi nunca atacão o homem se não forem por este perseguidas; as onças, preta e pintada, vão rareando.

O mais terrivel inimigo de todo o vivente ahi é a cobra cascavel, que, não obstante a guerra sem treguas que soffre do homem e até de certos animaes como a cauã e outros, parece augmentar. Originaria do sertão, os brejos, e o littoral não a possuem nos primeiros tempos; mas hoje todo o Estado acha-se inçado desses reptis. Cada anno são mais numerosas as suas victimas, principalmente durante as primeiras aguas, nas limpas dos roçados e no fim do inverno. Esse monstro tem, entretanto, uma utilidade; os escrophulosos curão-se comendo a sua carne.

A respeito dos peixes se nota um habito, que chamaremos providencial, sem o que diversos rios e riachos do sertão já se acharião, ha muito, delles privados.

Alli, todos os rios são seccos, apenas conservão du-

rante o verão poços nos quaes se concentão os peixes. Ha annos em que as chuvas não dão siquer para que elles corraõ; succedendo que os poços desaparecem inteiramente dos riachos, e nos rios ficão reduzidos a poucos, os de maior profundidade.

Um affluente do Parahyba, por exemplo, de 10, 15 e mais leguas, perde em uma secca todos os seus peixes; se a secca se prolonga, o grande rio fica reduzido, em um espaço de 20 a 30 leguas do seu curso, á meia duzia de pequenos depositos de agua, distanciados 4 ou 5 leguas um do outro.

Ahi, nesses viveiros, se concentra toda a vida ichthyologica de uma extensa região, por mezes ou annos; até que, apparecendo as chuvas geraes, se irradia por toda ella, subindo pela veia de agua até os pontos extremos, regados pelos correços.

Convém notar a impetuosidade das enchentes e o modo porque se fazem. O amplo e arenoso leito de um rio, inteiramente secco, é repentinamente tomado por uma enorme onda, um macaréu, diante do qual nada resiste: é a *cabeça* d'agua, é o rio que *desce* em razão de alguma trovoadas em suas cabeceiras, as vezes a 10 e a 20 leguas de distancia.

Essa onda, ou enchente, quando é grande mede tres e quatro metros de altura, indo de uma a outra margem do rio. A torrentosa corrente, parecendo rodar, volvendo sobre si mesma, ou *embolando*, na linguagem sertaneja, avança com tal rapidez que nunca deixa de apanhar incautos, fazendo victimas.

Se a trovoadas é bem *calculada*, isto é, quando pelo relampago que se vê ao longe algum

pratico determina com precisão o lugar da chuva, os habitantes ribeirinhos tomão as suas precauções e dão aviso a jusante por toda a ribeira.

Quando, porém, a enchente é fraca, isto é, a agua tem um metro de altura pouco mais ou menos, as areias absorvem-n'a toda, e a corrente torna-se morosa parando afinal. O rio *cançou*, dizem os sertanejos em sua linguagem figurada.

A agua das primeiras enchentes é sempre turva ou barrenta e grossa pelos detrictos vegetaes e animaes que acarreta em grande quantidade; e tudo isto não obsta que o peixe vença a corrente com espantosa velocidade, bastando poucas horas para percorrer grandes distancias, penetrando em todos os pequenos conductos que vêm dar á grande arteria de onde partem.

Na cidade de Campina vimos grandes curimatãs, de meio metro de comprimento, subirem pela tenue corrente do riacho, que desagua no açude, até quasi encalharem e serem pescadas, ou mais propriamente apanhadas por pessoas do povo quê se achavão de espreita.

Além disso a vitalidade de certos peixes é maravilhosa; a trahira e o acará, ainda depois de secca a agua de um poço ou açude, conservão-se vivos por alguns dias dentro da vasa ou lama, emquanto existe humidade.

Como se explica semelhante portento? E' que essas especies, só desovando nas aguas novas e correntes, são levadas por um singular instincto a subir até ás suas fontes, deixando por toda parte myriades

de germens que inção de peixes todos os depositos d'agua, grandes e pequenos, onde chegão.

E' assim que periodicamente se renova a fauna ichthyologica dessa região das seccas.

VII

FAUNA FOSSIL

De todos os Estados do Brazil é a Parahyba um dos que mostra possuir mais rica fauna fossil : falta-lhe apenas um Couvier ou um Lund que a explore. Bastaria talvez que scientificamente fossem examinadas as diversas jazidas de ossos fosseis que simples curiosos, como nós, têm assignalado em alguns municipios, principalmente nos districtos de Pocinhos e Bôa-Vista, da comarca de Campina-Grande.

A parte occidental dessa comarca é uma chapada na Borborema, que fórma um *divortium aquarum* : a Leste partem as aguas para os rios Araçagy e Mamanguape ; ao Sul e Sudueste para os rios Santa Rosa, Bodocongó e Ingá ; a Oeste e Sudeste estão as cabeceiras do Seridó e Santa Clara ; e finalmente ao Norte seguem as aguas para o Curimataú.

E' um territorio de umas 15 leguas em seu maior comprimento de Leste a Oeste, com umas 7 ou 8 de largura ; nelle, apesar de diversos serrotes, existem muitas explanadas, emergindo do sólo, por toda parte nos lugares exclusivamente arenosos, penhascos ou lagedos mais ou menos extensos.

E' principalmente nessa parte que abundão os tanques, ou cavernas obstruidas de areia, de pequenos seixos rolados e de ossos superpostos, por vezes envoltos na *piçarra*, que é uma terra durissima, especie de rocha em composição.

A descoberta das jazidas de fosseis foi e continúa a ser devida á imperiosa necessidade que sentem os habitantes desse territorio de agua potavel, visto como a que lhes fornecem as cacimbas nos rios e riachos é salgada ou salôbra, tal é a enorme quantidade de sal que contém o sólo desse planalto; phenomeno de que nos occuparemos depois.

Cavando ou desobstruindo esses tanques ou cavernas que existem ahi em tão grande quantidade, os sertanejos fazem dellas verdadeiras cisternas; duplamente vantajosas, não sómente porque nenhuma agua perdem pela infiltração, como tambem porque bastão pequenas chuvas para enche-las, encaminhando-se para esses depositos as aguas pluviales, que cahem sobre os lagedos, de que se achão sempre circumdados.

Existem tanques das maiores dimensões e de grande profundidade. Conhecemos alguns de mais de duzentos metros de comprimento, ainda obstruidos: o de Puxinanan entre a povoação de Pocinhos e a cidade de Campina tem talvez o duplo desta extensão. Os lugares onde têm sido descobertos esses fosseis, são entre outros os seguintes: Campo-Formoso, Açude de Pedra, Curimataes, O'ho d'Agua, Lagôa da Telha, Navalha, etc.

A respeito dos fosseis encontrados nesse ultimo lugar, seja-nos permittido transcrever da — *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, n. 36 de Janeiro de 1890 — luminoso parecer da commissão especial nomeada para examinar alguns fragmentos que offerecemos áquella illustrada e patriotica sociedade.

« Em carta de 22 de Julho do anno passado, nos communicou o Sr. I. Joffily, nosso distincto consocio residente na cidade de Campina-Grande, provincia da Parahyba do Norte, o seguinte :

« Ainda por seu intermedio offereço ao nosso Instituto um curioso specimen desses fosseis, encontrados na catanga do Navalha desta comarca.

Na excavação de um grande tanque, a dous metros abaixo da superficie do sólo, foi encontrada uma grande jazida de ossos, os quaes adherião tão fortemente á *piçarra* (especie de rocha em composição) que foi impossivel tirar-se inteiro qualquer um delles.

Neste bloco que remetto parece distinguir-se uma parte da mandibula do animal e diversos dentes aos lados, tudo encrustado na *piçarra*. Outros iguaes ou de maior peso ficão.

« Esta parte da nossa provincia que constitue o planalto da Borborema, e particularmente esta comarca, offerece uma especialidade, e são os numerosos tanques de todas as dimensões que existem por toda a parte, onde é raro não encontrarem-se jazida de fosseis.

« V., como parahybano e que residio muitos annos nesta cidade, muito bem sabe conhecer o que nós chamamos aqui tanques, etc. »

« Cumprindo a incumbencia com que nos honrou o distincto collega, apresentámos ao Instituto o seu inestimavel mimo e aquelle por sua vez nomeou uma commissão para estudal-o e só hoje, póde ella dar conta de tão ardua tarefa, com certeza cheia de grandes defeitos por falta de competencia.

« Como vistes, porém, o fossil foi encontrado a

dous metros de profundidade em um tanque que se escavava na catinga do Navalha.

Chama-se catinga, as terras fechadas ou cobertas de carrasqueiros, approximados ao sertão ou ás terras abertas.

«Está aquelle logar a deis leguas convencionaes ao noroeste da cidade de Campina Grande e faz parte do territorio da comarca. E' uma vasta solidão impene-travel por quasi todos os lados, onde vegetão com exuberancia cactos de folhas carnudas e eriçadas de espinhos que golpeião ao menor descuido.

Dahi lhe vem o nome de *Navalha*.

« Nota-se, prém, aqui por entre os cactos rasteiros dycotyledonias arborescentes, enredadas e cobertas de sabambaias (*polipodium leppdoterio*), deixando pender do alto dos arbustos subjugados por elles as suas compridas enredanças como madeixas de enorme cabelleira.

« O sólo formado de argilla, areia e calcareo, como são em geral os terrenos quaternarios ou diluvianos, apresenta-se fóra dalli coberto em algumas partes de lagedos graniticos mais ou menos extensos, que suppo-mos a face superior do cimo de algumas montanhas denudadas da cordilheira Borburema. Era em um recanto desse lugar melancolico que o major João Marinho Falcão, de grata memoria, tinha a sua excellente fazenda de gado. Na amavel companhia desse cava-lheiro observamos na face dos lagedos pequenos grupos de arbustos circundados de macambiras e corootás (*bromeliaceas*) que nos disse elle screm *tanques*; quer dizer, brechas e caldeirões, entupidos e cobertos de vegetação, os quaes, desobstruidos e cheios d'agua

pluvial, dão ás propriedades mais valor, porque em geral, a agua das fazendas é pesada e salôbra.

« Alguns desses tanques são de admiravel belleza. O lagedo, que principiou a decompôr-se lentamente pela acção chimica e mecanica da electricidade, do ar e agua em fôrma circular, mostra um pequeno collo, que disfarça depois para reentrar e formar ampla cavidade, que termina estreitando em fundo de jarra ; mais tudo isto tão symetricamente acabado, como se andasse ahi o compasso e o cinzel de artista perito.

« As brechas das fendas são mais ou menos longas e largas. Algumas ha de mais de vinte metros de extensão e grande profundidade.

« Vimos na fazenda Mumbuca, a poucas leguas daquella cidade, magnificos tanques, mostrando-nos o seu proprietario, coronel José Carlos de Medeiros, diversos ossos ahi encontrados de extraordinaria grandeza, entre os quaes uma omoplata, na qual podião duas pessoas tomar assento commodamente, e uma vertebra talvez da cauda do *megatherium*, que, segundo Buckland, servia para supportar em certas posições o peso do corpo do animal, resistente e de enormes proporções.

« A terra que se extrahe dos tanques, a principio de alluvião, transforma-se depois de alguma profundidade em cimento ferruginoso, duro e compacto, envolvendo ossos gigantescos de uma raça extincta.

« O fazendeiro nenhum interesse toma por isso ; o que deseja é vêr o tanque desobstruido e então a pá e a enxada que trabalham no começo, são depois substituidas pelo alvião e alavanca, applicados com

esforço em quebrar o cimento e separal-o aos pedaços, que são conduzidos sobre um couro, arrastado por bois, a logar distante.

«Eis ali o que chamão tanques os fazendeiros do Cariry; nada mais nada menos do que o desprezo inconsciente da historia desse periodo plioceno, com o qual bracejão homens illustres do velho mundo, para comprehendel-o e colher os saborosos fructos da sciencia e da verdade.

« O sabio naturalista brasileiro Manoel de Arruda Camara, encarregado pelo governo em 1796, do examc e investigação das nitreiras desta e da provincia da Parahyba, conseguiu desenterrar daquelles depositos e conduzir para Goyana ossos fosseis no intuito de organizar o esqueleto do animal que elle reconhecia ser o mastodonte.

« Infelizmente a morte arrebatou-nos essa gloria nacional, e os seus trabalhos mallográrão-se.

« O processo seguido na excavação dos tanques foi o mesmo adoptado no do Navalha, como bem se infere da carta do nosso consocio.

« Pelos exames feitos no fragmento remettido, ficou inteiramente descoberto ser parte de um todo, do qual foi separado violentamente. Não é por consequinte um *bloco*, como chama-lhe o nosso digno collega, que alli fosse ter pelos gelos fluctuantes de out:as regiões, mas simplesmente um pedaço arrancado da camada solida da jazida dos fosseis.

« Esse pedaço ou fragmento mede de extensão 0^m65 de largura 0^m42 e de espessura 0^m24. E' formado de argilla, arêa micacea, ossos, pedacinhos de rocha e

outras substancias geologicas, constituindo um todo resistente e de grande peso.

« Na face superior distingue-se uma volumosa porção do maxillar inferior de um animal gigantesco, de raça extincta. Nota-se na parte média um ponto branco e liso, onde se observa a porosidade das inserções do periosto, como succede nos ossos desseccados recentemente.

« Essa porção do maxillar tem de comprimento 0^m51 e de largura 0^m17, a contar do bordo alveolar ao bordo rombo.

« Os dentes estão fóra dos seus lugares, em desordem encrustados. São elles admiraveis pela belleza da fôrma, e, segundo a opinião do distincto cirurgião dentista P. Numa Pompilio, o phenomeno do maxillar e os que apresentam os dentes fracturados dão lugar a questões novas no dominio da histologia dos fósseis.

« Como vimos da carta do nosso consocio, os dentes de maior peso ficarão em seu poder. Os que aqui existem têm o comprimento de 0^m,20, e apresentam na superficie lateral externa dous sulcos profundos longitudinalmente parallelos, e na lateral interna um unico com a mesma disposição anatomica, porém, muito mais profundo. São desprovidos de esmalte, pesados e de grande consistencia; as raizes mantêm a mesma fôrma normal da porção livre que deve as extremidades, como a parte intermedia; conservão a mesma circumferencia e apresentam uma larga abertura interna occupada pela polpa matriz, séde da maior parte dos phenomenos biologicos para nutrição do orgão.

« As coróas mostram particularidades notaveis. No

centro existe um sulco transversal de 0^m02 de profundidade, em angulo recto reentrante cujo vertice corresponde ao sulco longitudinal da superficie interna e o espaço contido entre os dous parallelos da superficie externa de que já fallámos.

« Os bordos anteriores e posteriores são chanfrados, concorrendo a formar com as linhas lateraes do angulo recto central dous angulos agudos salientes, apresentando a corôa o aspecto de dous dentes de serrate, o que induz aquelle professor a affirmar que o animal era herbivoro. Além de que os dentes do maxillar superior, quando articulados, deverião infalivelmente coincidir com os do maxillar inferior e formar por justa posição uma especie de engrenagem.

« Uma curiosa observação faz elle, digna das cogitações dos entendidos.

« Diz elle:

« Observo em uma corôa desses dentes, fracturado ao nivel do cóllo, a polpa em estado fossil distincto das camadas concentradas da dentina e do cimento, pelo aspecto do seu tecido... com a intervenção dos raios solares apresenta a côr rosa que lhe é natural no periodo da vida.

« Ora, se esses dentes fazem parte dos fragmentos dos esqueletos, que pelo seu aspecto geral, parece devião ter passado ao estado fossil muito tempo depois da morte do animal, as polpas que são organizadas de tecido molle, e ricas de vasos circulados pelo sangue, não podião ser privadas da lei da decomposição; entretanto achão-se completas, occupando o seu lugar anatomico, como que o phenomeno de fossilisação se

tivesse dado no periodo da vida. Se por acaso se tratasse de calcificações parciaes da polpa, podia-se considerar uma condição devida á idade avançada do animal, o que todavia não deixava de ser um verdadeiro phenomeno physiologico ; porque taes calcificações são conhecidas apenas nos dentes dos vertebrados, de crescimento limitado. Nestes não é de estranhar não só a calcificação total da polpa, mas ainda a formação de exostoses da raiz pelo augmento de crescimento, como diariamente succede no homem.

« O illustre professor, combinando esse estado da polpa dentaria com o ponto branco que se observa na face exterior do maxillar, já em outra parte apontado, chama a attenção dos homens da sciencia para esse importante facto, digno de ser estudado pela sua novidade.

« Com effeito, o phenomeno da conservação da polpa dentaria e a côr de rosa do periodo da vida, que se manifesta á luz solar, como se ainda houvesse circulação nos vasos sanguineos, e o estado da fossilisação produzido pelo tempo depois da morte do animal, parecendo aquella resistir á lei fatal da decomposição, excitão a curiosidade e provocão o desejo de descobrir a razão desse estado apparentemente inverso á ordem natural.

« O bordo alveolar prolonga-se para a frente do primeiro dente primolar em uma extensão de 0^m,18, desprovido de dentes e curvo para baixo. Esta parte foi infelizmente partida ao meio no afanoso trabalho de destruição da camada fossil ; mas, pelo que se póde inferir, devia ter o mesmo comprimento da que existe e formar com ella um angulo de 24 a 30°.

E' muito provavel que na extremidade do mento houvesse quatro dentes incisivos, como é natural nos edentados.

« São esses os traços geraes do fossil que examinámos com auxilio das luzes do illustre professor acima nomeado, tendo a commissão a honra de receber uma carta sua, datada de 19 de Março do corrente anno, que ella reune, com permissão, a este parecer.

« Nella expõe as suas observações com toda lucidez e segurança, fundando-se nos preceitos da sciencia, na opinião de auctores celebres de anatomia dentaria, humana e comparada e de naturalista de grande nomeada.

« Concluimos com o illustre professor que a maxilla fossil de que se trata, é de *Megatherium*, animal dos mais extraordinarios que produziu a natureza no periodo plioceno. Edentado, tardigrado fossil, são enormes as proporções do esqueleto, medindo mais de quatro metros de comprimento, tres de altura e 1^m,67 de quadril, o que excede ao diametro da mesma parte do esqueleto na maioria dos elephantes. Pertencia á classe dos mammiferos, terceiro grupo dos monodelphos. Tinha a cabeça pequena em relação ao corpo, semelhante á do tamanduá, a cuja familia parece ter pertencido.

« Diz Buckland que a bocca era uma machina de potencia prodigiosa, e a cauda enorme e poderosa servia para supportar o peso do corpo em certas posições e tambem como instrumento de defesa, como acontece nos crocodilhos.

« A commissão, confrontando o fossil com a

maxilla do esqueleto daquelle animal, gravada nos quadros da importante obra de C. Orsigny (Diccion. Un. de Hist. Nat.) descobrio-lhe toda semelhança de fôrma e disposição, ora alargando-se, ora estreitando-se, na mesma ordem anatomica, com todas as suas inversões, até descrever o mesmo angulo obtuso, posterior ascendente.

«Ainda por este confronto concluiu a commissão ser o maxillar fossil de *Megatherium*.

«As camadas dos terrenos quaternários encontram-se em quasi todos os paizes do globo; as planicies e as superficies de certos planaltos attestão a sua existencia. Os mammiferos são os mais importantes animaes desses terrenos, mais corpulentos que os actuaes, como o leão, o urso e o boi. Nelles é que se têm encontrado restos dessa fauna extincta, e principalmente nas cavernas e brechas, onde muitos desses animaes se refugiárão pelo movimento das aguas do diluvio e ahi acabárão submergidos e misturados com os depositos calcareos e lodosos arrastados pelas aguas.

«Sendo assim, temos sob os olhos o resto de um animal anti-diluviano, uma reliquia desse cataclisma biblico, do qual todos os povos guardão memoria; uma reliquia sobre a qual têm passado cerca de quatro mil annos! Recife, 3 de Junho de 1839.—*Maximiano Lopes Machado*.—*João Baptista Rigueira Costa*. »

Já temos, portanto, uma prova da existencia do *Megatherium* na fauna fossil da Parahyba. Se não ha igualmente uma prova de que della fazia parte o

Palæotherium magnum—, possuímos, entretanto, o seguinte indício :

Da lagôa da Telha, outro tanque, a duas leguas de distancia da povoação de Pocinhos, forão tirados em 1888 muitos ossos, entre os quaes parte da maxilla superior de um animal,osso que pela configuração especial, fortaleza e tamanho nos parece ser do *Palæotherium magnum*, que, segundo Cuvier, tinha o focinho terminado por uma tromba musculosa e carnuda e cabeça enôrme, etc.

Na *Gazeta do Sertão* demos publicidade a esta descoberta ; apparecendo depois reproduzida no *Jornal do Commercio* do Rio, a noticia, acompanhada de algumas razões affirmativas, se bem nos recordamos.

No Olho d'Agua, meia legua de distancia do dito povoado, ainda está em principio o trabalho de excavação de um grande tanque, donde forão tirados em fragmentos muitos ossos, entre os quaes dous dentes com o peso de kilo cada um ; e pelo cóрте da terra vê-se a camada em que se achão na profundidade de dous metros da superficie, pouco mais ou menos.

Em uma fazenda, cujo nome não nos acode agora, mas sabemos que é pertencente ao major Francisco Cavalcante, da cidade de Arêa, forão extrahidos muitos ossos de um outro tanque. Podemos colher ainda em uma occasião que por lá passamos dous dentes de dimensões mais ou menos iguaes áquelles, os quaes com outros fosseis remettemos ao Muséo desta capital.

O Dr. A. H. de Souza Bandeira, de saudosa memoria, então presidente da Parahyba, chamou a atten-

ção do illustrado Dr. Ladisláo Netto para o assumpto; e este dignou-se escrever-nos por esse tempo, dizendo que « essa parte do paiz mostrava ser de grande interesse para a paleontologia, e que a respeito de sua exploração votaria especial cuidado, etc ».

Já são passados cinco annos pouco mais ou menos e ainda lá ninguem appareceu por parte do Muséo. Apenas registro o facto, sem querer nem de leve irrogar qualquer censura ao digno director do Muséo, que provavelmente não dispoz nem ainda dispõe de recursos para semelhante exploração.

Datão de muitos annos as primeiras descobertas de fosseis, e, apesar da ignorancia do povo, esses collosaes restos de uma fauna desaparecida fortemente o impressionão, aventurando os juizos que lhe suggere o meio em que vive.

Assim explicão os sertanejos :

« *Noutro tempo* todos os tanques erão cavados e esses *bichos*, apertados pela secca, indo beber, escorregavão na pedra, cahião dentro e ali morrião. »

Esta singela explicação do vulgo, que ouvimos desde a infancia, talvez seja em parte verdadeira.

Que essas cavernas ou tanques fossem abertos em outras épocas geologicas, parece não haver duvida, em vista dos depositos de que se achão obstruidos, os quaes indicão tambem terem sido para alli arrastados pela violencia das correntes, no periodo glaciario, de envolta com os ossos desses enormes seres da creação, fulminados por uma repentina e extraordinaria baixa de temperatura.

Mas é singular que quasi todos estes depositos ou

jazidas de fosseis sejam no planalto da Borborema, escasseando, se não faltão absolutamente, além dos seus limites orientaes e occidentaes.

Convém registrar ainda uma informação do proprietario da fazenda Navalha, homem ignorante, mas digno de toda fé. Declarou-nos elle que encontrou em um tanque, abaixo da camada de ossos, pequenos fragmentos de louça.

Seria engano? Ou mais uma prova da co-existencia do homem com o *Dinotherium*, o *Cervus-meg*, e o *Mastodonte*, e com todos esses gigantes das épocas terciaria e quaternaria?

Vê-se pois que a Parahyba offerece nesta especialidade vasto campo aos sabios, os quaes explorando-a conseguirão provavelmente que a sciencia avance mais um passo.

VIII

REINO MINERAL. — CURIOSIDADES

No reino mineral não offerece a Parahyba grande variedade, mas é notavel pela quantidade e qualidade do ferro. Em testemunho citamos as palavras de um distincto profissional, o mencionado engenheiro Retumba, que a percorreu em grande parte.

Assim se exprime elle em seu relatorio : « Tenho encontrado ferro sob differentes aspectos e em quantidade invencivel, abunda sobretudo o ferro magnetico de qualidade superior ao da Suecia e ilha d'Elba, etc.»

A mina de ferro mais proxima da capital, da qual dista 20 leguas, é a de Cachoeira de Cebolas, nas fraldas meridionaes da serra Bodopitá, no termo de Ingá, prolongando-se até o de Campina, onde tambem encontra-se esse metal no lugar Logradouro ; e por essa linha em direcção ao centro do Estado segue-se a abundante mina de Cabaceiras, onde tambem existe muita pedra iman, a do Batalhão, Alagôa do Monteiro e, além da Borborema, em diversos outros pontos.

Ao norte, nos limites com o Rio Grande, se nota a mesma quantidade, a principiar mais ou menos da serra da Caxexa para o interior.

O referido engenheiro, maravilhado por essas immensas jazidas de ferro, todas dando producto não inferior a 90 % propoz a fundação de uma fabrica : « Penso, disse elle, que se póde desde já fundar uma

fabrica para o preparo deste metal, sem grandes despesas, e com visiveis lucros para a empresa. »

Infelizmente uma idéa de tanta utilidade ainda não foi posta em pratica; e continuamos a importar da Europa uma mercadoria de que possuímos depositos inesgotaveis.

A exploração do ferro no sul do paiz já data de muitos annos; além da fabrica de Ypanema, Minas Geraes tem diversas, particulares. O Norte, porém, não possui ainda uma sequer.

Entretanto, qualquer empresa que se propuzesse a exploração, contaria com vantajosos lucros, havendo facilidade de transporte para centros commerciaes, como as cidades da Parahyba e Recife, se o prolongamento da ferro-via Conde d'Eu se fizesse pelo primitivo traçado, acompanhando o valle do riacho Cayuararé, ao sopé da mencionada serra.

O Piancó é o rio aurifero do Estado, e como tal é conhecido desde o fim do seculo XVII, quando foi descoberta e povoada essa ribeira. Os primeiros habitantes colhião o ouro depositado nas arêas do rio; sendo depois descobertas as minas conhecidas actualmente pelo nome de — Tasso —, que era o de seu explorador e concessionario, estas, apenas iniciada a mineração, foram abandonadas pela falta d'agua no lugar, em que estão situadas.

Ha ainda ouro em outros pontos do Estado, mas em pequena quantidade. Existe prata no Umary, da comarca de Souza.

Quanto a outros mineraes, refiro-me ainda ao mencionado engenheiro :

« Ha igualmente na provincia carvão de pedra, bem que a sua qualidade e quantidade estejam sujeitas a discussão. O aluminio abunda consideravelmente. Tambem tenho feito descobertas de chumbo. Encontrão-se igualmente marnes, cretaceos, pedras de cal, de fuzil, pedras finas, etc. »

Quando descrevemos o planalto da Borborema, na parte que particularmente constituia um *divortium aquarum*, fizemos notar a enorme quantidade de sal de que se achava saturado o seu elevado sólo, e dissemos que nos occupariamos depois desse phenome'o. E' esta a occasião.

Justamente no centro desse territorio está a lagôa Salgada, parecendo antes uma planicie de cêrca de dous kilometros de comprimento com largura quasi igual, tão diminuta é a depressão do terreno que fórma o seu leito. O sólo em um raio de umas duas leguas é completamente arenoso, é *agreste*, onde o vegetal predominante é o cumaty.

Essa lagôa, que serve de nascença ao rio Mamanguape, já mencionado, quando cheia, pouco mais de um metro de profundidade poderá alcançar, pelo que não conserva agua além do meio da estação secca. Desde que cessão as chuvas o seu sólo satura as aguas de uma tal quantidade de sal, que tornão-se logo imprestaveis para bebida do gado; e em pouco tempo desaparecem, deixando o lugar occupado por vasta camada de sal, de deslumbrante alvura.

« Mas esse sal, donde vem elle! » exclama o engenheiro Retumba. « Não ha duas explicações. A presença do sal nos taboleiros e nas montanhas do in-

terior desta provincia bem como de outras provém necessariamente da sublevação das aguas do oceano. Provavelmente data semelhante catastrophe da época quaternaria e sem duvida seus effeitos forão desastrosissimos.

« Deste modo facilmente se explicão as grandes e profundas cavernas, que são tão abundantes nos sertões desta provincia.

« Essa mesma catastrophe encarrega-se de nos justificar a existencia de ossadas immensas, que se achão espalhadas, quasi todas ao mesmo nivel, por toda a extensão de nosso territorio. »

O illustrado engenheiro figura a hypothese da sublevação das aguas do oceano para explicar a presença do sal nesses planaltos, assim como a existencia das grandes jazidas de ossos fosseis.

A theoria poderia ter bons fundamentos a respeito do primeiro phenomeno, embora, explicando a circumstancia da existencia do sal nos terrenos elevados, não explique a sua falta em oütros do mesmo nivel e mais baixos, e tambem o isolamento daquelles terrenos, em muitas partes circulados por tractos de terra, onde é completa a ausencia do sal.

A respeito dos fosseis não me parece ella prevalecer de modo algum; porque sómente a subita congelação nas zonas temperadas e torrida do globo; a morte na natureza; emfim, o periodo glaciario com todos os seus horrores é que pôde explicar cabalmente a existencia desses restos de uma fauna extincta nas cavernas da Borborema; comquanto seja nesses

terrenos salgados que mais numerosos se encontram os tanques ou cavernas de fosséis.

*

Outra curiosidade natural digna de nota é uma fonte thermal de agua sulphurosa, existente no municipio de S. João do Rio do Peixe.

A fonte, sem duvida, formava antigamente um brejo, donde proveio o nome da propriedade ou fazenda em que está, a qual por pertencer ao convento da Gloria, da cidade do Recife, é conhecida geralmente por — Brejo das Freiras.

Em uma varzea, ao pé de um pequeno serrote, é a thermal; a qual já tem servido de proveito a grande numero de pessoas. Ainda não a visitamos e ignoramos qual a temperatura d'agua; sabemos, porém, por informações de alguns banhistas, que supporta-se bem o gráo de calor e que ella apparece abundante em qualquer parte da varzea, onde se cave.

Consta-nos que o Dr. Fausto Meira, distincto clinico da cidade de Souza, já publicou uma noticia sobre essa fonte.

*

Ainda como curiosidades naturaes extstem em diversos lugares da Parahyba as *pedras do sino*, assim denominadas porque, sendo percutidas, dão som metallico.

Não sabemos se o som que emittem é motivado por formação especial da rocha; me parecendo que é

devido antes a qualquer concavidade do que a outra cousa: porque, aparentemente, as taes rochas são graníticas, communs em todo o sertão.

Affirma o illustrado conego Bernardo de Carvalho de Andrade que havia na serra do Teixeira uma dessas pedras, collocada sobre outra, formando uma trempe—; a qual perdeu o som depois que foi feita debaixo della uma fogueira. Naturalmente o calor deu lugar a qual quer deslocação ou modificação no nivel primitivo, e dahi a perda do som, do mesmo modo que perdeu a voz a celebre estatua de Memnon, no Egypto.

*

Julgamos merecer a mais séria attenção de todos os homens estudiosos o assumpto de que passamos a nos occupar referimo-nos aos lettreiros ou inscripções que se encontrão em grande numero de rochedos em toda a Borborema, ou antes em toda a Parahyba.

Já Ayres de Casal dá dessas inscripções a seguinte noticia:

« Na serra do Teixeira, que é uma porção da mencionada Borborema, ha umas inscripções com tinta vermelha, e caracteres desconhecidos dos homens do paiz vizinho, que com maior fundamento os reputão por obra dos Hollandezes ou Flamengos, como ainda lhes chamão; parecendo natural que sejam caracteres germanicos ou gothicos. »

E quasi 70 annos depois, o senador Pompêo, tratando da mesma inscripção, ainda menos diz, mostrando-se inteiramente incredulo: — « é provavel que sejam antes alguns veios oxidados de ferro, do que obra artificial », disse elle.

Mas semelhantes opiniões, baseadas sómente' em informações incompletas, desaparecem, não resistem ao mais simples exame desses caracteres, dessas inscrições, tão numerosas em todo o territorio parahybano, como vamos demonstrar.

Temos examinado alguns desses signaes e nunca duvidámos que aquellas linhas, traçadas com uma tinta vermelha, que tem resistido a seculos, deixassem de ser obra do homem ; concorrendo ainda mais para firmar este nosso juizo a gravura dos mesmos caracteres em rocha tão dura como o granito.

Quem não admirará esse trabalho paciente e ao mesmo tempo herculeo, pois que o obreiro provavelmente só tinha como instrumento um estylete da mesma rocha ?

A symetria e a combinação desses signaes não podem ser lançadas por conta do acaso : ellas exprimem com certeza pensamentos humanos ; são monumentos escriptos de uma raça que alli habitou.

O facto de não conhecermos a chave desses hieroglyphos não póde autorisar-nos a dizer que nada exprimem ; porque seria equiparar o estado actual da sociedade com o da idade média, para o qual a escriptura cuneiforme e os hieroglyphos do Egypto não passavão de pinturas que nada significavão.

Ouçamos o engenheiro Dr. Retumba, espirito culto, que, depois de acurado exame, chegou a formar sua opinião a respeito :

« E' para a escripta dos indios que venho chamar a attenção de todos os entendidos na materia ; a escripta, sim, pois os indios a possuem perfeita-

mente caracterizada. Eis o resultado de minhas observações nos sertões da Parahyba.

« Já antes de deixar a capital da Parahyba, me constava existirem no sertão grandes pedras cobertas de inscripções incompreensíveis. A esse respeito chamarão minha attenção para uma carta escripta pelo Dr. Ladisláo Netto ao Sr. Ernesto Rénan, em França, na qual o referido doutor pretendia provar ser apocrypha, uma inscripção que se havia encontrado na Parahyba e que, submettida á apreciação do sabio francez, fôra declarada ser de origem phenicia. Li o trabalho do Dr. Ladisláo Netto e deixei-me persuadir mais pela categorica affirmativa do nosso illustrado compatriota do que pela força dos argumentos que produzio em apoio della. Por outro lado comprehende-se facilmente que, a ter sido real a existencia dessa inscripção, não é, de modo nenhum, na Parahyba do Norte que se deve procurar vestigios della; sim, porém, na Parahyba do Sul, onde existem, com effeito, diversas localidades com o nome de Pouso Alto, que é, como se sabe, a denominação do-lugar onde se pretende ter sido achada a alludida inscripção. Todavia, julguei prudente não abandonar de todo o assumpto e, em qualquer parte onde chegue, vou procedendo a averiguações a respeito, já se vê, sem resultado satisfactorio. De todo, porém, não foi perdido o meu trabalho, pois me conduzio á descoberta de outras inscripções, que o povo chama lettreiros ou pinturas, as quaes, como já disse, são de subido valor. Consistem ellas em riscos e linhas rectas e curvas ás vezes combinadas, formando uma especie de hieroglyphos ou caracteres

diffíceis de se interpretar. Esses caracteres se encontram pintados em gigantescas pedras ou em serras altíssimas, quasi todos lugares de difficil accesso.

« Cada um dos caracteres que formão a inscripção se acha perfeitamente separado do carácter ou da letra seguinte, de modo a não existir confusão alguma.

« Encarnada é, em geral, a tinta de que se servião para pintar semelhantes inscripções, que, pela maior parte, são collocadas ao abrigo das chuvas. Foi em Gengibre, segundo a linguagem official, ou Belém na linguagem do povo, que pela primeira vez tive occasião de observar semelhante curiosidade; depois fui encontrando outras, outras e mais outras; afinal não ha parte nenhuma de sertão onde se não as encontre a cada passo.

« Dei-lhes a principio pouca importancia, sobretudo em face da credulidade popular, que, desde Gengibre até Pombal, é unanime em attribuir a origem dellas aos hollandezes ou flamengos, como dizem os sertanejos, que em grande parte estão firmemente persuadidos de que annuncião taes lettreiros a existencia de thesouro ou dinheiro enterrado.

.

« E' pois fóra de duvida que só aos indios se deve attribuir a autoria das inscripções a que me refiro. Prova-o exuberantemente o indelevel da tinta que tem podido tão fortemente resistir ao rigor dos seculos, pois só aos indigenas pertencia — ou pertence talvez ainda, o segredo das tintas e côres fixas.

« Como já disse, me parecerão, em começo, insignificantes os lettreiros de que se trata; mas, á

medida que adiantava a minha viagem, o interesse se me foi despertando. Notei bem depressa uma certa semelhança entre os caracteres de diferentes inscrições, algumas das quaes achavão-se a grandes distancias umas das outras; reparei que em um só lettreiro muitissimas vezes se encontrava o mesmo signal repetido; varias letras se me gravarão por tal fórma na memoria, que sem demora as reconhecia em qualquer parte; por fim fui obrigado a convencer-me de que os indios possuem uma escripta.

« Mas subio de ponto essa minha convicção quando posteriormente encontrei os mesmissimos caracteres, já não só pintados, porém gravados, clara e perfeitamente gravados, na rocha viva.

« Já não pairava mais duvida nenhuma em meu espirito: a evidencia patenteava-se. »

Depois de ter copiado integralmente a inscrição que existe na povoação de Pedra Lavrada, continúa o mesmo engenheiro:

« Ignoro se haverá quem possa comprehender o que significa a inscrição; o que é fóra de duvida, porém, é que se fôr devidamente feito o estudo comparativo de que acima fallei, entre as inscrições indígenas do Brasil e as que provavelmente devem existir em outros paizes da America e mesmo da Asia, não é de todo o ponto impossivel que o pallido raio de luz, que julgamos divisar ao longe, se torne algum dia gigantesco pharol a illuminar a estrada da verdade.

« Cumpre pois, quanto á Parahyba, que se cuide seriamente de colleccionar todas as inscrições que se encontrão a miudo em nossos sertões: abafe quem

quizer a voz do patriotismo, a nós convém-nos escuta-la. »

A impressão que experimentou o illustrado engenheiro quando convenceu-se de que aquelles signaes são de caracteres da escripta dos *indios* ou restos de uma raça ante-columbiana, e que de sua decifração poderão resultar noções exactas da origem ainda desconhecida do homem americano, é a que experimentão todos que fazem um estudo comparado daquellas inscripções e foi a que experimentámos desde bem moço, quando repetidas vezes levavamos os nossos passeios até a *Pedra da lettra*.

E' este nome dado a um rochedo, meia legua ao Nordeste da povoação de Pocinhos, comarca de Campina Grande, diante do qual muitas vezes quedamo-nos a contemplar aquelles hieroglyphos que não comprehendiamos, mas que uma voz intima nos dizia que elles trazião através dos seculos ou dos millenios o pensamento de um ente humano.

A configuração desse rochedo apresenta a seguinte singularidade: a face, onde existe a inscripção voltada para o Norte, é talhada verticalmente, com 6 a 7 metros de altura, tendo no cimo um perfeito nicho, abaixo do qual principião os signaes, pintados uns e gravados outros até meio metro do sólo. Muitos dos signaes achão-se actualmente meio apagados, não tanto pela acção do tempo, mas devido ás pessoas que frequentão o lugar. Ao pé da rocha, em diversas partes, ha indícios de haver sido revolvido o sólo em diversas épocas.

O nosso povo está convencido de que aquellas

letras forão pintadas e gravadas pelos flamengos ,
nação de que a legenda tem feito o typo da opulencia
e do maior adiantamente, artistico; e que portanto, ellas
indicão um thesouro alli occulto.

A' distancia de duas leguas desse lugar, na serra
da Cachoeira, existem outras inscrições; enfim, são
ellas numerosas em todo o Estado.

Repetimos ao concluir que esse assumpto é digno
da mais séria attenção dos homens estudiosos e das
sociedades litterarias e scientificas do paiz.

E' um ponto a explicar; é um signal archeologico
ou pre-historico que convém seguir; portanto, incum-
be-lhes o dever imperioso de proceder a pesquisas.

IX

SECCAS

Por diversas vezes temo-nos referido ás seccas, que periodicamente assolão a Parahyba e Estados vizinhos; e, nesta noticia, não podemos deixar de fazer algumas considerações a respeito, com o fim, não sómente de chamar a attenção dos homens de letras para algumas particularidades desse phenomeno, como tambem de offerecer aos nossos infelizes co-estadoanos lições proveitosas de diversos escriptores, que especialmente se têm occupado de tão magno assumpto.

A secca não é phenomeno privativo de qualquer paiz do globo; a historia nos falla do seu apparecimento até nas mais felizes regiões; e, antes della, já havia a velha legenda européa de uma secca de 25 annos, acompanhada do tremor de terra que separou a Africa da Hespanha e a Sicilia do continente, origem de fabulas, como de Phaeton e outras.

Então como hoje o povo ingenuo acreditava que o céo indignado castigava-o, destruindo por meio de incendio a criação.

Mas nessa parte média do nosso paiz, onde o continente mais avança para o Oriente, o phenomeno repete-se em periodos quasi certos e em prazos cada vez mais curtos, tornando-se, póde-se dizer, um mal permanente dessa extensa região, devido ás suas especiaes

condições climatologicas; o que muito differe da sua rara apparição em outros paizes e tambem nos demais Estados do Brasil, por ser aqui o resultado de causas extraordinarias.

Os mais antigos documentos historicos que possuímos mencionão a secca de 1692, como a primeira que flagellou aquella região.

Nesse anno, com a peste, sua incomparavel companhia, assolou a capitania de Pernambuco; registrando um documento existente no archivo da camara episcopal de Olinda actos da mais admiravel caridade, praticados pelo bispo D. Mathias de Figueiredo Mello, em beneficio de seu rebanho, esparso pelo extenso territorio que hoje constitue quatro Estados.

Os sertões da Parahyba e das capitancias do Ceará e Rio Grande, possuindo então população civilisada muito resumida, por datar apenas de uns 40 annos a sua colonisação, terião soffrido principalmente na sua unica industria, a criação de gado, que ahi floresceu muito cedo. Deprehendemos isto de um documento de 1697, que transcrevemos em um dos passados artigos, o qual refere que o sertão *estava despovoado de gado* pelas invasões do gentio Tapuia; *invasões* que devião ser motivadas pela secca, como adiante explicaremos.

No seculo passado, as seccas mais notaveis forão as de 1725, 1745, 1777 e 1791 a 1793, a *secca grande*, que tão tristes recordações deixou, marcando época notavel na historia parahybana, ou antes, dessa parte do paiz.

O que diz o senador Pompêo, a respeito do Ceará, tem toda applicação á Parahyba.

« Havia chovido escassamente em 1790, menos em 1791, nada em 1792 e pouco em 1793. Um terço de toda a população da capitania pereceu victima da secca.

O capitão Nobre, proprietario rico do Recife, que possuia muitas fazendas nos sertões da Parahyba e Ceará, e havia arrematado em praça o dizimo triennial desse tempo, tendo vindo aos sertões com sua familia, morreu com toda sua comitiva, victima da secca.

As fazendas ficarão desertas, por terem morrido o gado e emigrado, se não morrido tambem, os vaqueiros e donos.

O padre Joaquim José Pereira, natural do Rio Grande do Norte, vigario, testemunha ocular, escreveu a memoria, que dirigio ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, e que corre impressa na *Revista do Instituto*, refere que, além da calamidade da secca, que tudo devorou, appareceu nos sertões do Apody (Rio Grande do Norte) uma tal quantidade de morcegos (vampirós), que mesmo de dia atacavão as pessoas e animaes, que já inanidos pela fome não tinham mais força nem animo para afugenta-los.

Nas estradas, pousadas e mesmo em casas, encontravão-se tropas de pessoas, homens, mulheres e crianças mortos ou moribundos, arrastando-se exangues pela fome e pelos morcegos. Não era raro encontrar-se habitação, onde, a par de cadáveres em putrefacção, se achavão miseraveis ainda vivos, prostrados no chão ou no leito, cobertos de morcegos que as victimas não podião, sequer, enxotar.»

Neste seculo as maiores seccas são as de 1825,

1845 e sobretudo a de 1877, de horrorosa recordação. O facto de corresponderem ellas exactamente em datas ás do seculo passado, faz receiar o reaparecimento da de 1791 a 1793, por estarmos justamente no seu centenario e já ter ella coincidido com a do seculo XVII. Infelizmente o receio converte-se em realidade, pois a população de um vasto territorio, da Bahia até o Piahy, já está soffrendo o flagello.

A secca de 1877, de todas a mais horrorosa em seus effeitos, merece que nos occupemos della na parte referente especialmente á Parahyba.

A população parahybana conservava apenas recordações da *secca grande* e das dos annos de 1825 e 1845, não fallando d s numerosos *repiquetes* nos prazos decorridos de umas ás outras, em que a criação era sómente victima, e com os quacs já estava o sertanejo habituado.

No grande intervallo de trinta e dous annos, decorrido de 1845 a 1877, apesar de varios desses *repiquetes* ou seccas parciaes, a população havia duplicado e decuplicado a criação. Os ultimos annos, particularmente 1876, tinham tido bons invernos; os rios e riachos corrêrão abundantemente, e todos os depositos d'agua ou açudes, que não forão arrombados pelas grandes cheias, estavam repletos.

Muitos allegão que o anno de forte inverno ou de inundação é quasi sempre o precursor de uma secca. Mas esse signal não tem uma base razoavel e não póde ser infallivel. Apesar do constante receio ou, ainda mais, da preocupação em que está o sertanejo a respeito da secca, nenhum póde ter certeza do seu

apparêcimento em época determinada e do seu gráo de intensidade.

Além disto, pequenas chuvas parciaes, *mangas*, como chamão lá, trazem indeciso o seu juizo a respeito do anno ; e o temor da secca é sempre contrabalançado pela esperança de uma boa chuva que de um momento para outro póde apparecer e salva-lo. E' para este ponto que convergem todos os votos do seu espirito profundamente religioso : e, portanto, justificada é a sua esperança, porque uma só chuva em poucos dias transforma o desolado a pecto de seus campos em viridentes paisagens.

Os habitantes dessa região são um pouco astrologos: observão com o maior interesse a barra de Natal e do Anno-Bom, isto é, o modo porque apparece a aurora de cada um desses dias; e, baseados nesse exame, dão o seu juizo a respeito do proximo inverno.

O *Sete-estrello*, o *Carreiro*, a *Mancha do Sul*, o circo da lua, o ocaso do sol, o céu escamento, etc., tudo observão, de tudo tratão minuciosamente em seus scrões ou palestras á noite, quando se reúnem no alpendre ou copiar da casa, tirando augurios ou conclusões encontradas.

Os mais supersticiosos deixão os astros e se apegão ás experiencias de Santa Luzia ; assim como ao partir das hostias nas missas do Natal e Anno-Bom: se ellas dão um estalido secco, concluem em desfavor do anno; se ao contrario emittem som surdo, apenas perceptivel, têm como bom signal de inverno.

Afinal, os que têm melhor criterio só fallão e acre-

ditão nos signaes que offerecem certas especies dos reinos vegetal e animal, acs quaes dedicação especial attenção.

E' assim que o florescer prematuro ou demorado do imbuzeiro, páo d'arco, barriguda e facheiro, o canto de algumas aves, o coaxar das rãs, a *mudança* de certos insectos, etc., dão-lhes argumentos para fundamentarem a sua opinião, servindo de apoio a uns e de contestação a outros os mesmos signaes observados em outros annos; divergencia que sempre dá lugar a que algum mais circumspecto lance, no meio da conversação, como *ultima ratio*, as palavras:— Deus é quem sabe —; a que todos subordinão as suas experiencias.

Nessa esperança mantém-se o sertanejo, empregando-se todo dia em afanoso trabalho para salvar o que resta de sua criação, até o dia de S. José. Todas as manhãs, cingindo ao lado a bruaca de provisões, (às vezes alguns punhados de farinha de macambira e rapadura), segue para o mato, onde passa o dia queimando facheiro, chique-chique, para fazer a *comida* do seu gado que cada dia vê diminuido, voltando ás *ave-maria* com feixes de ramos para as rezes *cahidas* e em trato nos curraes.

Nessa immensa luta com a natureza vê elle chegar o fim do prazo, passar Março, entrar Abril, sem que o céu mude de aspecto; então, quando as carniças e arcabouços, empestando o ar, assignalão por toda parte o anniquillamento da criação, o misero, já abatido de forças, fica completamente desenganado ou antes o infortunio esmaga-o moralmente; quasi que não pensa

mais, é sómente o instinto de conservação que o impelle a deixar o torrão natal; mas, ainda assim, é com lagrimas que se despede dos seus ultimos e inuteis haveres, a casa, o roçado do rio, vasto recinto de sólo poeirento, e os curraes de *porteiras fechadas*.

Principia a viagem. O chefe da familia abre a marcha, levando ás costas a mochilla contendo as ultimas rações de macambira e o *matolão* de roupa, sobre o qual asse ta o filhinho que mal sabe andar; segue-o a esposa, tendo ao collo o filho recém-nascido, e á pós ella os outros, levando cada um o seu *bisaco*, conforme a idade. E' um quadro mais ou menos biblico o que offerece uma familia retirante no primeiro dia de sua viagem para... o desconhecido.

Depois, a fome e a peste engendirão horrores taes que não ha penna que os possa descrever fielmente.

Pela cidade de Campina Grande passavão todos os retirantes do sertão adjacente, o Cariry, e os que vinhão além da Borborema, que se destinavão á capital da provincia. Era um lugar de parada para todos e de residencia para muitos; mal accommodados em choupanas de ramos, estes e aquelles vivendo ao relento pelas calçadas, na maior confusão e aviltados pela maior miseria.

A casa de caridade da povoação Pocinhos, instituida pelo padre Ibiapina, tinha então mais de 70 o phãs, e extincto o seu patrimonio, que era uma fazenda de criação, veio a soffrer tanta fome, que, as miseras orphãs, a exemplo de outros famintos, por alguns dias sustentárão-se com a carne putrefacta das rezes que morrião inanidas pelas estradas. O resul-

tado não se fez esperar, a peste desenvolveu-se logo com a maior furia, reduzindo o pessoal do pio estabelecimento a menos de metade e ceifando numerosas outras vidas da população da localidade.

Actos de antropophagia forão praticados em diversos lugares.

Era muito commum o envenenamento por meio de mucunan, petó, colé, maniçoba e outras plantas toxicas, de que usavão como sustento o povo faminto, affirmando, entretanto, muitos que ellas só erão nocivas quando *não comião com rapadura*.

A tudo isto vierão juntar-se as correrias, depredações e assassinatos praticados por quadrilhas de salteadores ou *cangaceiros*, como chamão alli; das quaes foi mais afamada a que tinha por chefe os irmãos Viriatos.

Estes facinoras, postados nos limites da Parahyba com o Ceará, fizerão dos sertões dos dous Estados o theatro de suas devastações.

Nessa medonha crise era geral a falta de segurança; e por isto alguns fazendeiros dos mais abastados, que não quizerão abandonar as suas propriedades, forão obrigados a levantar forças para a sua defesa.

Os meios de transporte de generos alimenticios do littoral para o sertão tornárão-se tão escassos e difficeis que em algumas localidades, além de Borborema, forão organisadas companhias de homens a pé para esse fim.

Essas caravanas atravessavão 50 a 60 leguas de sertão, levando cada homem ás costas 40 até 80 litros de farinha, além das armas que carregavão para re-

pellir as investidas dos famintos, que encontravão nas estradas e os ataques mais perigosos de numerosos cangaceiros.

A guerra se apresentava como a ultima phase desse cataclysmo ; assim tinhão sido as grandes seccas passadas.

Em 1692 os indigenas foragidos pelas serras reunirão-se em numerosos grupos e cahirão sobre as fazendas das ribeiras devastando tudo. Em 1725 e nas outras seccas desse seculo repetem-se com maior excesso as depredações e assassinatos. Nota-se desde então o elemento *palmarenses*, mostrando-se muito mais sanguinarios os individuos dessa raça.

Trazemos á discussão esse elemento ethnologico porque julgamos que até quasi metade do seculo passado os escravos de origem africana, introduzidos no sertão da Parahyba, serião sómente os prisioneiros palmares, trazidos pelas forças do paulista Domingos Jorge, fazendeiro no Piancó, do qual já fallámos. E' sem duvida dessa raça indomita e sanguinaria que têm sahido todos esses *cangaceiros* que até bem poucos annos infestavão o sertão, assombrando a população pacifica por actos da maior ferocidade. Mas restringamos-nos á secca de 1877.

Esse cahos continuou por muitos mezes, foi até 1879. Na terrivel luta pela existencia muitos milhares de infelizes perecerão e outros tantos abandonarão a Parahyba, dirigindo-se para o norte e para o sul do Brasil, Amazonas e Rio de Janeiro.

Chegou afinal um bom inverno, e um phenomeno appareceu ou antes repetio-se, maravilhando a todos:

a extraordinaria força productiva de todas as especies de vegetaes e animaes.

E' por isso que a população dessa região depois de taes hecatombes refaz-se e augmenta consideravelmente nos periodos de uma para outra secca.

E' um facto curioso e digno de merecer a attenção dos nossos mais eminentes homens de lettras — essa região das seccas é tambem um viveiro humano para o Brasil. Este phenomeno, apparecendo periodicamente, obra como reagente sobrenatural e impelle o sertanejo parahybano, cearense ou rio-grandense, que reuniremos com o nome de carirys, a procurar outras regiões, onde necessariamente será em pouco tempo contado como elemento de primeira ordem na evolução social.

Esse povo pobre, educado em um meio, onde — *o homem está sempre a principiar*, — modo porque exprime a luta incessante com a natureza, parece ter uma nobre missão a cumprir.

Assim como o paulista, tupy-portuguez, levado pela ambição, nos tempos coloniaes, alargou consideravelmente os limites do Brasil; aos decendentes da raça cariry-portugueza, levados pela fome, parece estar destinada a missão de manter a união brasileira, por vezes ameaçada de rompimento.

O progresso do Estado do Amazonas é obra sua; e numerosos representantes seus existem em todas as classes dos centros mais populosos do paiz, procurando estreitar esses laços, que as novas reformas de federação têm conseguido afrouxar.

« O homem não póde ter acção sobre o sol, sobre os ventos, que produzem as seccas, mas póde, até um certo ponto, diminuir os seus inconvenientes, mesmo suspende-los completamente em um espaço de terreno mais ou menos extenso, por um grande numero de meios. »

Convencido de que estas palavras de um escriptor estrangeiro, applicadas particularmente a outras regiões, encerrão uma grande lição; aproveitamo-la em beneficio do sertão da Parahyba, fazendo algumas considerações sobre as causas das seccas e os meios de modificar os seus effeitos ou suspende-los.

Me parece carecer de fundamento, pelo menos em relação á Parahyba, a opinião de dous distinctos cearenses dando como causa principal das seccas a direcção dos ventos que ordinariamente sopráo nessa região: pelo que julgo de toda procedencia o argumento do illustrado general B. Rohan combatendo-a: «... ao *parallelismo* dos ventos de S. E., que ha no Ceará, corresponde o *perpendicularismo*, que ha ao Sul do cabo de S. Roque, e os effeitos são os mesmos. »

A causa principal das seccas só podemos encontrar nas condições especiaes do sólo dessa região; e firmamos esta opinião nas observações que temos feito de muitos annos, as quaes passamos a expôr com a singeleza de quem não tem conhecimentos profissionaes.

A Parahyba, como já fizemos ver em artigos anteriores, possui zonas bem distinctas pela sua flora e condições especiaes do sólo: ao littoral, com umas oito ou dez leguas de largura, segue-se, parallelamente a elle, a catinga com dimensões quasi eguaes, finda a qual, entra-se nos « brejos », esse oasis, como figuráremos, além do qual está o vasto sertão cujo territorio é, pelo menos, dois terços de todo o Es'ado.

Ordinariamente, as chuvas são mais regulares e abundantes nas primeira e terceira zona do que ha na segunda e quarta, segundo a ordem em que as citámos na direcção de Este a Oeste. Esta circumstancia prende tanto mais a attenção do observador, quanto, ficando a catinga entre aquellas zonas, constitue uma facha estreita, mas que não obstante é transposta pelas nuvens de vapores aquosos formadas na costa, as quaes pairão sobre brejos, onde se revolvem em copiosas chuvas.

E' assim que todos os annos os habitantes da villa de Ingá, da povoação de Gurinhem e de outros lugares da catinga vêem, a poucas leguas, ao Noroeste, cahir successivas cargas d'agua sobre a Borborema, emquanto as suas varzeas, sulcadas de camaleões, ainda apresentam o desolador aspecto de uma vegetação sequiosa e em lethargo.

Ainda mais. Nos sertões ha lugares onde chove mais regularmente que em outros, em que as chuvas são sempre tardias e pouco abundantes.

Esta observação, feita nos annos de invernos regulares, é corroborada pela que se fez nas maiores secas. Em 1825, 1845 e mesmo 1877, quando absolutamente não cahirão chuvas no sertão, e muito diminuí-

tas forão na catinga, nunca deixou de chover no littoral e brejos, o bastante para plantar-se e colher-se mais ou menos legumes.

Qual a causa natural de um facto aparentemente tão estranho? A explicação nos dá a sciencia pelo estudo comparativo dessas zonas.

A catinga tem um sólo secco e pedregoso na maior parte, carecendo d'agua e de mattas, que produzindo vapores aquosos possão agir sobre a athmosfera; pelo que, embora seja uma zona estreita e intermedia ao littoral e brejos, o seu clima muito differe destes, relativamente abundantes de mattas, fontes e rios perennes, fócios de constante evaporação, que la faltão.

A differença é ainda mais pronunciada ou profunda no sertão, onde observações particulares, isto é, referentes á algumas ribeiras ou lugares, confirmão o que vimos de enunciar.

Na villa de S. João de Cariry, onde residimos os primeiros seis mezes de 1867, observámos que as chuvas forão sempre mais regulares e abundantes no pequeno valle do rio Matinoré ou Serra-Branca, do que em outro qualquer daquelle sertão, sendo deste seu affluente que o Taeroá recebeu maior volume da agua e affirmando-me diversos habitantes que isso se dava ordinariamente.

Para explicação deste facto, só descobrimos a seguinte razão:—a villa de S. João do Cariry está situada em terreno descoberto e muito pedregoso, á margem do Taperoá, e iguaes terrenos são os que este rio atravessa em grande parte do seu curso; ao passo que o

seu tributario, o rio de Serra-Branca, fôrma um valle relativamente fresco, que era então coberto de frondosas arvores, havendo *ilhas* com verdadeiras mattas. Temos duvida se ainda hoje repete-se o facto, porque consta que essas mattas têm sido derrubadas pelos agricultores de algodão.

O valle superior do rio Parahyba é tão pedregoso ou mais do que o do seu affluente, o Taperoá; e sendo em ambos rara e enfesada a vegetação, estão sujeitos aos mesmos effeitos. E' sem duvida por esta circumstancia que os sertanejos do centro e norte do Cariry ficam animados quando o inverno começa no *Sul*, indicando por esta palavra, particularmente, a parte do Estado onde corre o rio Parahyba, cuja primeira enchente é por tal motivo denominada — *correio do inverno*.

Em outros diversos lugares existem as mesmas causas e effeitos; e para não nos tornar enfadonho com a accumulção de provas identicas, concluiremos com a seguinte:

A povoação de Pocinhos era, outr'ora, cercada de pujante vegetaçã; altaneiros jatobás, pitiás, feijós ou louros e outras madeiras raras no sertão, cobrião com os seus ramos sempre virentes os serrotes e grandes lagedos, no meio dos quaes está collocada. Havia, pois, no sólo uma certa frescura; do contrario, não se darião ali aquellias especiaes vegetaes.

Depois essas arvores forão pouco a pouco destruidas, ficando, afinal, completamente descobertas as immensas rochas que, recebendo directamente os raios solares, reflectem-nos poderosamente nos terrenos

adjacentes; e o resultado foi e é que essa povoação tornou-se tão differente de clima, que ainda nos invernos regulares conta com poucas chuvas.

Os seus habitantes estão sempre a attestar este facto, quando, nas primeiras aguas, nessas tardes em que tão frequentes são, ao poente, o phenomeno atmospherico, a que chamão *cordas d'agua*, dizem pensarosos: « arma-se chuva por toda parte, menos aqui ! Esperemos pelas *recuadas*. »

No Ceará dá-se o mesmo, segundo o seuador Pompêo: « E' facto constantemente observado, diz elle, que nas regiões ou tratos de terrenos mais seccos e rochosos da provincia é onde chove mais tarde e menos. »

Além disto, é digno de mencionar-se o forte declivio para o mar que existe nos terrenos do sertão, onde correm os seus rios; nelles não ha obstaculos naturaes que detenhão as aguas pluviaes; nenhum accidente offerecem para um deposito d'agua permanente.

Logo que cai uma chuva nesses pedregosos taboleiros, nessas varzeas de massapé impermeavel, de rara vegetação ou despidas della, as aguas seguem incontinente pelos regos ou sulcos, dão logo nos riachos e rios, produzindo, quando são fortes, as grandes cheias, verdadeiras avalanches, que tudo destroem em sua passagem; o que talvez explique os boqueirões, essas singulares soluções de continuidade de algumas serras, de que, a principio, tratámos.

Não é sómente na Parahyba que os rios têm a corrente impetuosa de verdadeiras torrentes; acredi-

tamos que succede o mesmo em toda a região das seccas, como verificámos no Ceará, quando, para evitar outro flagello, que cobrio a casa paterna de pesado luto, tivemos de atravessar todo o interior dos dous Estados. (*)

Em Aracoiroz, na ribeira de Inhamuns, onde estivemos quasi um anno, por muitas vezes experimentamos a grande impetuosidade das aguas do Jaguaribe, nas occasiões em que, evitando o remanso, onde se embosca a piranha, procuravamos a veia d'agua para tomar banho. O rio, apenas com a profundidade de um metro, tinha tal correnteza que era com esforço que nos mantinhamos: sendo ainda assim obrigado a mudar de posição pelo movimento da arêa, que pisavamos. Calcule-se agora a força de uma tal corrente quando a agua sóbe até a altura de dous, quatro e mais metros!

Do exposto conclue-se que, sendo as chuvas ordinariamente mais copiosas e regulares nas zonas cobertas de densa vegetação e regadas por fontes e riachos perennes, como o littoral e brejo, do que nas escalvadas ou nuas e rochosas, em que os raios solares, actuando directamente sobre o sólo, profundamente o dessecção, como o sertão: é neste facto que se deve procurar a causa principal das seccas.

Deve entretanto haver outras secundarias, como talvez a direcção dos ventos que concorrendo com aquella, fação com que o flagello assuma pro-

(*) O A. allude ao cholera-morbus que devastou a Parahyba em 1856. e do qual foi uma das primeiras victimas seu pai, tenente-coronel José Luiz Pereira da Costa.

porções horrorosas, como nas duas épocas de 1791 e 1877.

« O phenomeno das seccas, diz outro escriptor, é attribuido á direcção dos ventos, mas deve-se convir que esta explicação é insufficiente: porque seria preciso demonstrar ao mesmo tempo que não sente-se nunca dous ventos contrarios nessas regiões, onde não cahe uma só gotta de chuva durante mezes ou mesmo um anno inteiro. »

Vejamos agora quaes os meios de combater a secca.

Entendemos que os mais proficuos resumem-se nos que apresentou o illustrado Dr. A. Rebouças no seu opusculo *As seccas nas provincias do Norte*:

« Ajudar todos os rios e torrentes para obter que conservem agua ainda mesmo em dous ou tres annos d' secca ;

Construir represas nas gargantas dos valles, mais apropriadas á esta sorte de construcções, afim de formar inexhauriveis depositos para continuo abastecimento dos rios engenhosamente açudados ;

Irrigar emfim todas as terras seccas, para que já-mais falte a quantidade de agua necessaria á vegetação.

São construcções elementares, primitivas, executadas desde tempos immemoriaes, nos paizes em que o homem deu os primeiros passos na estrada do progresso : no Egypto, na India e na China. »

Como consequencia dos meios indicados virá a arborisação, tão necessaria nessa região ; mas que é impossivel actualmentê pela falta de agua.

Os açudes sempre forão os meios empregados

pelos sertanejos para neutralisar os effeitos das seccas, desde os primeiros tempos de colonisação.

Com o seu bom senso pratico comprehendêrão que era esse o unico meio de supprir a falta de rios perennes e de lagos ou lagôas permanentes e, aguilhoados pela imperiosa lei da necessidade, iniciarão as represas, trabalho que afinal tornou-se o primeiro e mais necessario em qualquer *situação* nascente.

Com o augmento da população e da criação, mais numerosas se tornárão essas obras; mas infelizmente, por falta da precisa solidez, a maior parte dos açudes não resistem á impetuosidade das aguas nos bons invernos e são levados pelas cheias. Não esmorece, porém, o sertanejo, e na entrada do verão ei-lo de novo occupado a reparar os estragos, a tapar os rombos dos *baldos* de terra solta, que nova cheia terá talvez de romper no futuro. E' uma especie de supplicio de Sesypho.

Quem viaja no sertão da Parahyba, principalmente pelos lugares afastados dos rios, fica tristemente impressionado por encontrar á miudo açudes arrombados; prova evidente dos vãos esforços de seus habitantes para deter ou conter em reservatorios o precioso elemento que tanta falta lhes faz.

O rompimento de um desses diques, ou, conforme linguagem sertaneja, o estouro de um desses açudes, situado nas cabeceiras de um riacho ou rio, occasiona quasi sempre o de todos os mais que existem pela ribeira abaixo; e esse pequeno diluvio, acarretando com as cercas dos roçados o seu terreno cultivavel, deixa á bacia de um açude um aspecto desolador.

Entretanto, esses constantes desastres não abalão a confiança do sertanço ; estoicamente persevera nessa ordem de serviços, empregando ainda o processo rudimentar, herdado de seus antepassados, de carregar a terra em *arrastão* puchado por bois.

Em um anno, alarga o sangradouro, em outro põe um *pé* no *baldo* para offerecer maior resistencia, e nunca deixa de ter esperança de *segurar* um dia o seu açude ; porque aquelles que as cheias não conseguem arrombar, pagão bem, pela abundancia de frutas, legumes e peixe, os sacrificios nelles empregados.

Convencido de que a multiplicação dos açudes reformaria o estado physico do sertão, além das grandes vantagens que traria incontinente para a criação e agricultura ; julgamos que o Governo commettê grave falta em não auxiliar ou promover por todos os meios a sua construcção com a solidez desejavel.

O Estado devia dar o exemplo, mandando levantar diques nesses boqueirões que descrevemos ; e em outros que existem em todo o sertão da Parahyba. Essas obras servirão ao mesmo tempo de escola pratica aos sertanejos, para as quaes concorrerão elles tambem com a sua experiencia.

Os principaes rios do sertão da Parahyba não têm açudes, ninguém ainda ousou reprezar-lhes as aguas, quando a custo consegue-se deter a dos riachos ; portanto, um poderoso dique, que restabelecesse a continuidade de uma serra, rompida por caudalosa torrente, seria uma obra que por si só mudaria o aspecto e o clima de uma ribeira ou de grande parte della.

Assim, o boqueirão de Cabaceiras faria reprezar o

rio Parahyba cinco ou seis leguas, fertilizando terrenos sufficientes para sustentação, por meio da agricultura, de muitos milhares de habitantes.

A Hollanda conquistou ao mar o seu territorio por meio de diques, serviço que lá merece especial cuidado do governo. Do mesmo modo devia haver entre nós um serviço especial de açudes, com o fim de conquistar o sertão ao devastador flagello das seccas.

A canalisação dos aguas do S. Francisco para os rios Piranhas e Jaguaribe, e os poços artesianos são outros meios lembrados e propostos para melhorar o estado do sertão.

Não temos competencia para discuti-los. Acreditamos com tudo que qualquer um destes daria beneficos resultados, principalmente os poços artesianos, mas nenhum tão completos como os açudes.

A construcção de grandes e numerosos depositos d'agua, como meio de melhorar o estado do sertão, tem a seu favor a opinião unanime de todos os sertanejos e dos nossos homens de estado e de letras, que com maior interesse têm encarado a questão.

Destes destaco o venerando vulto do senador Pompêo, filho dessa desolada terra, e portanto mais no caso de bem conhecer e sentir as suas mais urgentes necessidades. Dos conselhos que elle dirigio aos Cearenses, lançamos mão para applicar aos Parahybanos as seguintes palavras :

« Os açudes têm a triplice vantagem de prestar aguada aos animaes, de entreter uma evaporação abundante de particulas aquosas, e por conseguinte de saturar de humidade a atmosphaera. e de crear e

conservar as plantações que se quizer fazer em torno delles, quer para nutrição e bem estar do homem, ou dos animaes, quer finalmente para arborisar o terreno; os açudes, repetimos, devem ser multiplicados em toda provincia.

De todos os melhoramentos materiaes, que os particulares e o Estado podem fazer á esta provincia, nenhum seria mais vantajoso, mesmo mais necessario do que a factura de açudes na maior escala que fosse possivel.

.....
Não será um nem dous açudes que influirão na climatologia do terreno, posto que esses aproveitarião muito a seus donos debaixo de outras relações; mas se cada criador fizesse um ou mais açudes em suas fazendas, os arborisasse, e por via delles tentasse estender mais ao longe a arboricultura, por certo que essas pequenas massas d'agua multiplicadas na superficie da provincia serião outros tantos fócios de evaporação abundante e ao mesmo tempo de condensação de vapores pela frescura que se espalharia na athmosphera.

XI

AGRICULTURA

Durante perto de cem annos, espaço que medeiu da definitiva colonisação da Parahyba até a conquista do sertão, o povo da capitania occupou-se exclusivamente da agricultura; a industria creadora não existia ainda, pois que os poucos curraes das margens do Parahyba e do Mamanguape, á uma dezena de leguas do littoral, erão antes dependencias dos engenhos ou logradouros dos seus gados do que verdadeiras fazendas de criação.

A uberdade das varzeas da Parahyba, então cobertas de grandes mattas, cortadas por numerosos riachos e ribeiros, como o Tambay, Tibiry, Inhoby, Pacatuba, Itapuá, Una, etc , e lagôas como Puxy, Marau e outras, tornou-se proverbial para a cultura da canna; e o principe Mauricio de Nassau, dando á capitania, como brazão—*Tres pâes de assucar*,—attestou a excellencia deste seu producto sobre o de outras procedencias; fama que muito tempo gozou.

Esta primasia não tem mais hoje a Parahyba; o que é devido sómente ao máo fabrico do assucar e não ao desmerecimento dos terrenos e qualidades da canna, que continúa a primar pela grande porcentagem de materia sacharina que contém.

O valle inferior do Parahyba, a partir da villa do Pilar, onde principia a cultura da canna, é exclusiva-

mente composto de massapê, camada superposta a outras arenosas, cobrindo rochas, que emergem a distancia por ambas as margens do rio.

E' um sólo formado pouco a pouco, pelo limo de que vêm impregnadas as aguas do sertão, durante as cheias que fazem transbordar o rio. E' de notar que esse transbordamento do rio nessa parte, denominada vulgarmente —varzea, não demanda cheias excepcionaes; porque o Parahyba têm leito mais amplo, é muito mais largo da villa do Pilar para cima do que dahi para baixo, até as proximidades da capital, donde até á sua fôz, é magestoso como um estuario ou braço de mar.

Assim na villa de Santa Rita, á de 5 ou 6 leguas de sua foz, elle tem metade da largura que attinge na povoação do Gaurita a 16; na villa de Bodocongó, em pleno sertão, a mais de 30; e até na povoação de Caratúbas, a mais de 60 leguas.

Por este facto singular explica-se a inundaçào do vale inferior do Parahyba nos bons invernos, assim como pelo limo que as aguas ahí depositão explica-se a força productora dessa *varzea* que ha trezentos annos é sem interrupção cultivada.

O alargamento do leito do rio em sua parte superior, isto é no sertão, é devido á completa destruição das estreitas mattas que, como uma fita de verdura orlavão as suas margens. As carahibeiras, rivalisando com as maiores arvores do littoral, especie muito commum alli, desapparecêrão completamente debaixo do machado do ignorante agricultor, e as ribas do Parahyba, inteiramente nuas, nenhuma resistencia mais

podem oppôr ás aguas pluviaes, quanto máis ás cheias que descem furiosas, derruindo-as sempre.

As ilhas têm desaparecido, e o largo leito do rio apresenta o monótono aspecto de interminavel lençol de arêa branca, no qual de distancia em distancia, vislumbra-se ao pé de uma rocha aqui, e escondidos alli por uma ribanceira mais elevada, pequenos poços, como que perdidos nesta sinuosa e immensa planicie.

A agricultura da capitania nascendo no valle do Parahyba estendeu-se logo ao norte e ao sul, em linha parallela ao mar nos vales de outros rios, tomando o incremento proporcional á população indigena, que pelo pequeno numero de escravos africanos, era quasi a unica a auxiliar o colono portuguez nos serviços do campo.

Em seguida ás varzeas do Parahyba, forão desbravadas e cultivadas com successo as do Mamanguape tambem de grande fertilidade; as do Camarutuba, em que o rio deposita enorme quantidade de «paúl», arrastado desde a Cupaoba, espraçando-se como um lago e perdendo quasi a sua corrente dahi para baixo; as do Miriry, Garamame e Abiahy, mais reduzidas e visinhas da capital. Em todas ellas sómente a canna do assucar era cultivada como grande lavoura: e a pequena constava, como ainda hoje consta, de mandioca, milho, feijão, etc.

Em 1634, quando os Hollandezes occupárão a Parahyba encontrárão os seguintes engenhos: Barreiros, Meio, Inhoby, Novo, de Duarte Gomes da Silveira, os dous engenhos do rio Tibiry, S. André, que era um dos principaes; S. João Baptista, de Jero-

nymo Cadena ; Tres Reis, S. Gonçalo, do lado do norte do rio; S. Francisco, distante deste uma boa meia legua; S. Thiago Maior, de André Dias de Figueiredo (*); Santa Lucia, engenho d'agua, que pertenceu á João de Souto; Santo Antonio, meia legua além; Espirito-Santo; Guadalupe (?), de Manoel Correia Pastano; e Itapuá, que era o mais afastado.

Em Gramame existião dous engenhos, levantados por Jorge Thomaz, mas estavam em ruinas; existião igualmente os engenhos Miriry e Camaratuba, nos rios dos mesmos nomes.

Não pertencia então á Parahyba o territorio ao sul do rio Abiahy, componente da antiga freguezia de Tacuara, que era da capitania de Itamaracá, no qual estavam fundados os engenhos Cupissura, Tabù, N. S. do Rozario, N. S. da Penha de França e S. João Baptista.

Isso manteve-se até o fim da guerra hollandeza e mesmo algum tempo depois de restaurada a capitania. A vida civilisada estava contida nesta estreita faixa de

(*) Conta Moreau, *Histoire des derniers troubles du Brésil entre les Hollandois et les Portuguais*, o seguinte commovente episodio:

« Tresentos Indios partidistas dos Hollandezes que guarnecião a capitania da Parahyba do Norte, surprenderão em um dia de domingo o engenho de André Dias de Figueiredo, na occasião em que ahi se celebrava a missa, e matarão os sacerdotes e umas oitentas pessoas, homens, mulheres e meninos, saqueando todas as casas. Dessa carnificina foi salva a filha do senhor de engenho, joven cuja rara belleza encheu de tal admiração a esses selvagens, que fez repentinamente desaparecer a ferocidade de seus corações, succedendo a humanidade e a cordura.

« A intensa dôr que experimentava a desolada joven, só, desamparada no meio dos cadaveres de seu pai, mãe, e de outros parentes, amigos e visinhos, moveu a compaixão desses sanguinarios selvícolas, que tentarão consala-la por meio de gestos; e depois, com a veneração e doçura de que forão capazes, a levárão á fortaleza da Parahyba, entregando-a ao commandante hollandez, com a recommendação de satisfaze-la em todos os seus desejos. »

terra, onde a unica industria era a agricultura ; pois a grande creação era ainda embrionaria.

Depois, quando foi conhecida e transposta a catinga e os primeiros colonos estabelecerão-se nos frios e sombrios brejos da Borborema, a agricultura entrou em nova phase, alargando extraordinariamente o seu campo de acção.

Differia muito do antigo este novo campo da industria agricola ; estreitos valles, grotas profundas, morros alcantilados, bellas esplanadas acabando em precipicios, tudo de terra vermelha ou rôxa, succedião ás extensas planiceis de beira-mar. Só havia uma semelhança: era na extraordinaria uberdee nas grandiosas mattas dessa terra virgem, que em poucos annos se tornaria o celloiro dos sertões não sómente da Parahyba como tambem de alguns pertencentes a Pernambuco e Rio Grande.

Os terrenos intermedios da catinga, embora seccos, erão tambem cobertos de matas especiaes a elles ; porque perdião no rigor do verão a verde folhagem, que os outros conservavão sempre. Alli foi iniciada a cultura do algodão, que em pouco tempo tomou vastas proporções, competindo com a da canna ; e estes dous productos desde então forão, como ainda são hoje, os principaes da lavoura parahybana.

A catinga, tornando-se o centro da industria algodoeira, em poucos annos foi explorada em todos os sens recantos, e as suas propriedades ruraes chegarão a rivalisar com os engenhos de assucar, não sómente pelo numero de escravos que chegarão a possuir, e

pelas construcções, como pelos vantajosos lucros que dava o exercicio da industria.

Hoje, porém, tudo está mudado ; a destruição das matas tornou imprestaveis os terrenos mais elevados e despenhados, que cada anno vão pela acção das aguas e do fogo perdendo o humus, resguardado outr'ora pela sua vegetação ; e a industria algodoeira, decadente, vai-se refugiando nas quebradas, nos terrenos baixos dos riachos e rios, já tendo até invadido grande parte das varzeas do Parahyba e Mamanguape, isto é, os lugares mais seccos, onde a canna, nos annos irregulares, não póde prosperar ; assim como os brejos.

O aspecto da catinga, onde se achão as povoações de Páo-Ferro, Gurinhém, Mulungú, Mogeiro, S. José, Agua-doce, Salgado, Dous Riachos. Cachoeira de Cebolas e villas do Ingá e Itabayana, é hoje semelhante ao do sertão, pelos campos, mais ou menos abertos e seccos, applicados á creação, e pela falta d'agua. E este facto tem dado lugar a que as industrias agricola e creadora estejam alli em constante choque, parecendo que esta terá de supplantar aquella.

As terras dos brejos e do sertão do Cariry, sendo simultaneamente descobertas e exploradas pelos bandeirantes, forão por elles pedidas e dadas em sesmarias pelos capitães-mores governadores, em recompensa dos serviços da conquista e guerra ao *tapuio brabo nas entradas, que contra elles fizeram com risco de vida e dispendio ds sua fazenda*, como allegavão todos os requerentes.

Até então, todo o interior da capitania, a partir

das ultimas terras cultivadas da varzea do Parabyba, era conhecido pelo nome de sertão. Assim dizião sertão do Gurinhém. sertão do Paó, aquelles que requerião sesmarias nessas pequenos ribeiras da catinga, e os brejos erão igualmente considerados como partes do sertão, já da ribeira do Parabyba (Cariry) e já do Curimataú ou Mamanguape, conforme corrião as suas aguas

Os primeiros habitantes dos brejos devião ter sido os aggregados dos fazendeiros do sertão, que alli fazião plantar lavouras para mais facil abastecimento de todo o pessoal das fazendas e dos aventureiros que o acompanhavão como soldados. Os sitios não começavão com a fixação ou residencia dos seus proprietarios ; erão simples *queimadas*, formando clareiras nessas grandes matas, onde se fazia a plantação de mandioca, milho e feijão, havendo ao lado ou no centro a casa de aviamentos, coberta de pindoba, catolé ou sapé.

E' facil de comprehender que a pacifica e trabalhosa vida da agricultura nessa parte da Borborema, tão cheia de alagadiços ou brejos, de que veio-lhe o nome, não podia ser appetecida pelos exploradores do interior da capitania, quando tinhão alli perto o sertão propriamente dito, com os seus campos, as suas grandes e pingues pastagens, convidando á vida pastoril, tão facil e mais de accordo com os seus habitos de ociosidade e de aventuras.

E' por isto que as primeiras sesmarias forão por elles requeridas ;—no sertão, *porque tinhão necessidade de terras para criar seus gados* ;—e nos brejos, para —*plantar suas lavouras afim de suprirem suas fazen-*

das—ou para terem mantimento para guerra do gentio brabo. Vê-se, pois que a idéa dominante dos primeiros habitantes do interior era a criação : a agricultura estava em plano secundario ; recorria-se a ella pela necessidade, como um auxiliar daquella.

Mas, desde que todas as terras forão distribuidas, limitando-se os governadores a conceder novas sesmarias nos terrenos que sobravão das antigas, *datas de sobra*; desde que os indigenas ficárão todos reduzidos ou aldeiados, e a população augmentando, foi pouco a pouco perdendo os habitos de vida aventureira, os sitios dos brejos forão adquirindo importancia, principalmente depois da grande secca de 1691 e das outras do seculo passado.

Iniciou-se o cultivo da canna, que dava tão bem nesses elevados morros de terra vermelha e roxa como nas varzeas do Parahyba; forão construidas toscas machinas de madeira para extrahir-lhe o succo, *torcedor*, na linguagem popular; e a rapadura, esse doce tão apreciado pelos sertanejos do Norte, tornou-se em pouco tempo um dos principaes productos dos brejos.

As terras augmentarão rapidamente de valor e os sitios forão adquerindo commodas e solidas construcções, porque os fazendeiros, seus proprietarios, habituarão-se a fazer dellas a sua residencia de verão. Os descendentes dos primeiros aggregados e dos indigenas tornárão-se foreiros dos grandes proprietarios; apparecêrão os primeiros nucleos de população ou povoações e com ellas as feiras, que forão o principal motor do commercio interno e do crescente desenvolvimento da agricultura nos brejos.

Como resultado do progresso desta zona, a propriedade territorial foi totalmente subdividida; de sorte que hoje ella constitue o maior centro da agricultura do Estado, assim como de população; tal é ahi a sua densidade.

Nesse perimetro de vinte leguas de cumprimento e dez de largura, em que estão comprehendidas partes de nove municipios, existe maior numero de casas para o fabrico de farinha; existem mais engenhos e engenhocas de assucar e rapadura do que no littoral, em todos os valles dos rios Parahyba, Mamanguape e dos outros que já mencionámos. Só a comarca de Areia, o centro agricola da canna, tem mais de cem engenhos, e muitos delles iguaes aos melhores do Estado.

Nesse oasis da Borburema, além da farinha, rapadura, assucar, milho, feijão, favas, fumo e algodão, que são os seus principaes productos de exportação, cultivase o café, especialmente em Bananeiras, Areia e Alagôa-Nova, donde já é exportado para outros municipios.

Pela qualidade das terras que se prestão perfeitamente a esta cultura, e em razão de elevado preço que tem sempre mantido no mercado, parece que o café terá em futuro proximo de substituir a canna em grande parte dos engenhos; tanto mais quanto pela molestia, que tem apparecido nesta planta, os senhores de engenhos não podem mais auferir os vantajosos lucros de outr'ora.

No municipio de Bananeiras, que é considerado o centro agricola do café, já existem fazendas, como a do coronel Targino Neves, com cem mil pés de café fructificando, além de muitos milhares de pés de cacáo,

que outros agricultores igualmente vão iniciando a plantação.

Apezar de abundarem fructas indigenas e exoticas, não ha gosto, não ha zelo, pelos pomares. E' immensa a quantidade de cajueiros, mas não ha industria que aproveite os seus deliciosos fructos, não fallando na pequena quantidade de vinho que alguns particulares fabricão para seu uso. Os coqueiros, que tão linda prespectiva dão ás praias, são numerosissimos e sua cultura, de insignificante trabalho, daria lucros vantajosos.

A respeito de conhecimentos profissionaes o agricultor parahybano de hoje é o mesmo de cento e cincoenta annos atrás: a rotina tem-se mantido inalteravel. Os instrumentos de trabalho não augmentarão em quantidade e nem mudarão de fórma; não passam do machado, foice, enxada e pá. O arado alguns têm visto, mas por ninguem é usado; a menos que ultimamente um ou outro senhor de engenho mais adiantado da varzea do Parahyba, os não tenha introduzido.

Com o machado e foice faz-se a *broca*, que é a derriba do matto; deixa-se seccar durante dias, depois do que, feito o aceiro que as leis municipaes impõem, é lançado o fogo em diversos pontos das extremidades, afim de que o incendio se encaminhe para o centro. Se o roçado tem boa *cama*, isto é, abundancia de folhiço ou capim secco por baixo das arvores derribadas, o fogo tudo devora, deixando a terra denegrida, apenas com os troncos mais grossos, e apta para ser logo cavada e plantada a semente. Si, porém, a *cama* não é

boa, o roçado fica apenas chamuscado, de que resulta o pesado trabalho de encoivramento.

Esta rotina de queimar a terra está de tal modo enraizada, que, no anno em que o agricultor não « bota roçado », isto é, não faz roçado novo, considera-se mal, porque é regra alli que o roçado queimado « dá lavoura mais viçosa ; não nasce matto e o legume não choca e não dá bicho. »

Nos lugares baixos ou alagadiços eleva-se a terra em matumbos ou leirões, para preservar a lavoura do excesso da humidade e nas terras endurecidas pratica-se o mesmo, fofando-se, para o plantio de mandioca e batatas.

O barbaro processo das *brocas*-e especialmente o das queimadas, que frequentemente, apezar dos aceiros, transpõem os limites dos roçados, e alastrão-se pelos terrenos circumvisinhos, vão transformando o aspecto e clima desta fertil zona ; as mattas se achão muito reduzidas, havendo sitios, como já notámos, que nem capoeiras possuem, donde possam tirar a lenha do consumo ordinário. E' a esse facto que se deve attribuir a diminuição das nascentes perennes ; alguns riachos, como o Mandahú, Macahyba, Urucú e outros, já não sustentão as sus correntes, nas maiores seccas cortão.

A immobilidade de conhecimentos profissionaes do agricultor parahybano já devia ter sido fortemente combatida pelo Governo ; o qual, quando não dispuzesse de recursos sufficientes para o estabelecimento de escolas agricolas, pelo menos cumpria-lhe decretar que nas escolas primarias da zona agricola se ensinasse aos alumnos os principios elementares de agri-

cultura em fórmulas claras e simples, que facilmente fossem compreendidas e fixadas na memória.

Bastaria o prazo de uma geração para que desaparecesse a rotina.

XII

CREAÇÃO E INDUSTRIAS

A industria pecuaria é a que occupa maior espaço no territorio parahyano ; e sua importancia é tal que, só ella, concorre com um terço ou mais das rendas do Estado, comprehendidos todos os seus ramos.

Sujeita mais do que outra qualquer aos perniciosos effeitos das seccas, que, por vezes, a têm quasi aniquilado, a criação renasce sempre com tal vigor, que, em pouco tempo, adquire maior prosperidade do que a perda em nestas épocas terriveis.

Julgamos de interesse offerecer algumas notas historicas sobre o modo por que foi iniciada esta industria, acompanhando-a até nossos dias.

Já fisemos ver que até o fim da occupação hollandeza, a capitania do Parahiba tinha apenas os prodos da grande criação que veio a possuir depois da conquista do sertão.

Ao ultimo engenho da varzea do Parahyba, que era Itapúa, seguião alguns curraes pela margens do dito rio ; sendo o mais afastado, na distancia de seis legoas, pertencente a Jeronymo Cavalcante. Nas nascentes do rio Mumbaba existião tambem alguns, e outros no Mamanguape.

A insignificancia dessa criação prova-se :

1.º porque, apezar da pequena população civilisada da capitania, ella não a abastecia ;

2.º porque, segundo affirma Herkman, era com peixe que os senhores de engenho sustentavão os seus trabalhadores, sendo por isto muito animadas as pescarias nos rios ;

3.º finalmente, o Rio-Grande do Norte, tendo então muito menor desenvolvimento agrícola, possuía entretanto muito mais gado, e com elle suppria a Parahyba, Itamaracá e Pernambuco.

Portanto, pode-se dizer que a industria pastoril só principiou depois que os exploradores galgarão o planalto da Borborema ou os Paulistas penetrarão no Piancó.

E' ponto duvidoso se o sertanista Domingos Jorge precedeu a Theodosio de Oliveira Ledo no descobrimento e conquista do sertão.

Nos parece, entretanto, que o bandeirante paulista foi anterior á qualquer outro na exploração e occupação da ribeira do Piancó, particularmente ; e que, portanto, quando Oliveira Ledo, transpondo a Borborema, chegou com a sua bandeira ás aguas do Piranhas, já o encontrou alli, estabelecido com a sua estancia de creação.

Mas se é sómente provavel que fosse Domingos Jorge o primeiro a penetrar nos remotos sertões da Parahyba, e, com o gado trazido das margens do S. Francisco, fundasse alli fazendas de criação ; perece certo que no Cariry-Velho a industria pastoril foi iniciada em época anterior, talvez, por Antonio de Oliveira, á margem do rio Parahyba, nos campos adjacentes á povoação do Boqueirão, a mais antiga aldéa de Carirys, como já fizemos notar.

As seguintes palavras do padre Martinho de Nantes não deixão a menor duvida :

« Cette aldée, ou bourgade d'Indiens, fut découverte en l'année 1670 par un Portugais, nommé Antonio de Oliveira, qui cherchant une paturage pour y mettre du bétail, rencontra, sur la rivière de Parahyba, une troupe de ces Indiens, qui péchaient, á cinquante lieues environ de la ville de Parahyba. Ce capitaine ayant obtenu d'eux la liberté et la sûreté de mettre lá du bétail, après leur avoir donné quelques petits présents, vint incontinent à Pernambuco, voir s'il ne trouverait pas quelque missionnaire qui voulût s'établir avec ses Indiens, et á la faveur duquel son bétail pût être en sûreté. »

No padre Theodosio de Lucê, capuxinho, encontrou Antonio de Oliveira o missionario que procurava, e é provavel que a industria pastoril por elle iniciada tivesse rapido desenvolvimento.

Se, como supponmos, Antonio de Oliveira era ascendente de Theodosio de Oliveira Léo, não terá alli nascido a sua empreza de conquista do sertão? E' um ponto obscuro no qual esperamos ainda fazer a luz.

Como quer que seja, o que parece provado é que esses dous nucleos da industria pastoril, estabelecidos quasi ao mesmo tempo, em pontos tão afastados, por duas correntes colonisadoras dtstinctas, forão os primeiros do sertão da Parahyba.

Por annos devião se conservar ignorados do governo da capitania, porque um se communicava com Pernambuco e o outro com a Bahia; até que Oliveira Léo, com a sua empreza de exploração e con-

quista, os poz em contacto e sujeitou á jurisdicção parahybana; acontecimento que produziu rapido desenvolvimento da creação nas principaes ribeiras desta vasta região.

Nos primeiros annos dessa época, as fazendas de criação, fundadas sómente ás margens dos principaes rios, guardavão de uma a outra a distancia média de tres leguas; porque não excedião desta extensão em comprimento, com uma legua de largura, as sesmarias concedidas aos exploradores, servindo o leito do rio de linha central, — *espinhaço*; e medindo-se meia legua para cada *banda* ou margem.

Deste modo a povoação do sertão foi feita pelas linhas fluviaes, a que se deu o nome de ribeiras, ainda hoje conservado, restricto á creação. Até o fim do seculo passado, esta expressão prevalece nos papeis publicos para os contratos reaes e tambem para o censo, como se verifica de um interessante Ms. existente em Lisboa, *Idéa da população da capitania de Pernambuco e das suas annexas*, do qual possui uma cópia o illustrado professor J. Capistrano de Abreu, a quem muito devemos pelo constante auxilio que nos tem prestado em nossos estudos de historia.

Até então era o sertão dividido nas seguintes ribeiras: Cariry, Piancó, Piranhas, Sabugy, Patú, Rio do Peixe, Seridó e Espinharas (*).

Afastando-se das margens dos rios, o mais terreno de uma fazenda era denominada *fundo de pastos*, onde o gado creava-se em grande parte sem o menor

(*) Vid. docum. no fim deste livro.

auxilio do homem. Bravio, arrancava das malhadas á vista do vaqueiro, unico que penetrava ou «campeava», nessas solidões.

Desse primitivo estado da creação proveio o grande numero de barbatões, que era o gado que não tinha *signal* nem *ferro*.

Na linguagem sertaneja o primeiro destes nomes exprime o recorte nas orelhas, e o segundo applica-se á marca feita na pelle com ferro em braza, ambos distinctivos de propriedade.

Além da marca da fazenda, collocada ao lado direito da rez, existia a da ribeira, do lado esquerdo.

Pelos fundos dos pastos encontravão-se e confundião-se os gados de umas fazendas com os de outras, já da mesma ribeira e já de ribeiras diversas, e isso deu causa ao habito das *juntas e apartações* no fim de cada inverno.

Esta pratica consistia em vaquejadas geraes nos campos de cada fazenda. Apprehendido o gado estranho, marcava-se dia para a apartação, a que acudião numerosos vaqueiros de differentes logares, afim de conduzirem as rezes de sua *conta*, termo que empregão no sentido de administração.

Estas reuniões, a que comparecião depois numerosos curiosos e negociantes, forão tomando tambem pouco a pouco um character mercantil, que acha-se hoje bem accentuado.

As obras dessa primitivas fazendas consistião apenas em uma casa em que morava o vaqueiro e mais pessoal empregado nos trabalhos pastoris, tendo ao lado tres curraes feitos de caixara ou páo a pique, eom

o « pateo » em frente, que era um campo mais ou menos largo, de onde erão arrancados todos os arbus-tos e onde só crescia o pasto.

Nas fazendas principaes residião os proprietarios em predio mais commodo, que recebia a denominação de—Casa grande—para distinguir da do vaqueiro.

Não era numeroso o pessoal : compunha-se do va-queiro, especie de um socio de indusiria, tendo como lucros a quarta parte da producção, e de camaradas, homens livres que o auxiliavão, e cujo salario annual consistia em um certo numero de bezerros ou poltros conforme o ajuste. A *ferra*, isto é, o dia marcado para esta partilha, era outra funcção importante da vida sertaneja ou antes da industria pecuaria.

Nenhuma dessas propriedades de criação era de-marcada legalmente ; mas os fazendeiros ou seus va-queiros fazião convenções verbaes com os seus vizi-nhos, limitando-as pór um serrote, um riacho ou qual-quer outro accidente natural ; e além desses limites ninguem podia passar sem licença.

Se um vaqueiro tinha de « pegar » uma ou mais rezes de sua fazenda no territorio de outra, dirigia-se primeiramente ao respectivo proprietario ou vaqueiro e pedia *campo*, o que significa consentimento e au-xilio, e ninguem podia recusar-se a *dar campo*.

A rez que se procurava, ou era *esperada* na be-bida ou *caçada* no mato ; e aqui era onde o vaqueiro mostrava maravilhosa habilidade e destreza, raste-jando sem de leve perturbar o silencio das selvas, ou transpondo-as em carreira vertiginosa ; habitos de que nos occuparemos depois em outro artigo.

A criação tomou rapido incremento, irradiando-se logo para as ribeiras secundarias confluentes das principaes, e afinal estendeu-se até os terrenos centraes os mais afastados dos rios.

Em geral cria-se em cada fazenda não sómente gado vacum, cavallar e muar, como tambem cabras e ovelhas. Apesar do grande augmento da população e do retalhamento das primitivas propriedades, nenhuma mudança notavel ha no modo de exercer a industria pastoril; o sertanejo de hoje conserva a pratica de seus antepassados.

Não sendo objecto de bem dirigido zelo, a raça do gado vacum tem desmerecido, principalmente em certas ribeiras mais seccas. Para muitos criadores é indifferente vender para o açougue a melhor vacca e ficar com a peor, respondendo a qualquer observação contraria: Ora todas dão igualmente bezerros!

É verdade que muitos não seguem tão pernicioso exemplo; mas não conhecem outro methodo de criar senão este de entregar o gado á natureza, sem consultar a capacidade das pastagens, e sem a menor prevenção a respeito de forragens, de que quasi sempre está a precisar o gado durante o verão.

Para criação do gado cavallar houve antigamente maior zelo e cuidado do que hoje, e, devido a isto, muitos fazendeiros conseguirão conservar mais ou menos pura a raça de sens animaes, tornando-os conhecidos mesmo pela côr uniforme que mantinhão os productos das coudelarias. Mas, infelizmente, este capricho vai desaparecendo em vez de progredir. Ainda assim o cavallo sertanejo distingue-se dos das outras zonas do Estado:

tem o pelo mais fino e lustroso, e é muito mais agil, mostrando maior rigeza de musculos em corpo mais franzino.

A criação de ovelhas é geral em todo o sertão ; mas dellas não se aproveita nem a lã e nem o leite. A de cabras tem adquirido de alguns annos a esta parte a maior importancia, em razão do elevado preço que alcanção as suas pelles no mercado. E' hoje talvez o maior recurso do povo sertanejo, que, em grande parte, não podendo criar o gado grosso, vive da criação de cabras, sustentando-se quasi que exclusivamente da sua carne e leite. Além disto esta especie tem a vantagem de resistir mais ás secças do que qualquer outra daquellas.

*

A agricultura do sertão faz-se durante o inverno nos roçados ou roças das margens dos rios ou riachos; e durante a estação secca nos leitos dos proprios rios (vasantes); e em todo o tempo, na represa dos açudes.

No inverno planta-se algodão, milho e feijão, e é tal a fertilidade de certas ribeiras que duas chuvas, medeando un espaço regular, bastão para obter-se boa colheita. Em muitas dessas roças vê-se algodoaes com seis e sete annos, frondosos como grandes arbustos, dando sempre boa safra.

As vasantes são plantadas na entrada do verão, quando não se espera mais cheias nos rios.

Nem todos elles se prestão á cultura, é preciso que as aréas do alveo sejam finas e *engommadas*, isto é, mais ou menos impregnadas de humus, ali de-

positado pelas aguas pluviaes ou do *monte*, como alli são chamadas.

Entre os rios mais notaveis pela sua fertilidade destaca-se o Seridó. É admiravel a abundancia de melões, batatas, feijão, etc., que produz o leito deste rio, que no meio da estação secca apresenta o aspecto de interminavel linha de verdura, contrastando com os seccos taboleiros de suas margens.

Os agricultores de vasantes estão, porém, sujeitos á um irremediavel contratempo: de um momento para outro podem perder todo o seu trabalho, se apparecer qualquer cheia extemporanea.

A cultura das varzeas onde os açudes represão as suas aguas, está menos sujeita á innundações; pôde-se dizer permanente. Alli predomina o cultivo da canna, sendo inseparavel de um bom açude no sertão o engenho ou engenhoca de rapadura. A multiplicação dos açudes, desenvolvendo a agricultura, traria necessariamente o benefico resultado de melhorar a criação, como já se observa em uma ou outra propriedade.

A rama de batata, a palha da canna e principalmente o caroço do algodão, estão sendo empregados exclusivamente na sustentação do gado durante o verão, e os resultados obtidos farão com que tão util idéa se generalise tanto quanto permittirem as circunstancias do sólo sertanejo.

Entendemos que o desenvolvimento agrícola no sertão, como auxiliar da criação, é de grande vantagem; mas não convém esquecer que a base deste desenvolvimento está unicamente na multiplicação dos açudes,

na construcção de grandes depositos d'agua, que refresquem á montante e á jusante de qualquer rio, leguas de terrenos, completamente inutilisadas pela sua extrema seccura.

Vamos lançar agora ligeiras notas sobre outras industrias, começando pela extractiva do leite de mangabeira e da maniçoba, ainda incipiente, principalmente esta ultima.

A mangabeira só nasce nos arenosos do littoral, onde é muito abundante, e a borracha fabricada do seu leite é producto que o Estado exporta desde annos. Mas a sua exportação póde se dizer intermittente, augmentando em alguns annos e diminuindo em extraordinariamente em outros, a ponto de quasi não apparecer no mercado.

Julgamos que isto é motivado pelo preço pouco remunerador do trabalho em que se empregão os habitantes desta zona.

A extracção do leite de maniçoba que principiou no Ceará ha mais de trinta annos, passou a ser feita no Rio Grande do Norte em 1887, sendo o seu centro o municipio de Flôres, que só no anno proximo passado exportou borracha para mais de 100:000\$000.

Este lisonjeiro resultado animou a população de alguns municipios do sertão do Parahyba, de modo que já se acha a'li iniciada, segundo nos informão, a nova industria.

Ha duas especies de maniçoba; é a mais alta, que é arvore, de onde se extrahe o leite; a outra, que não passa de arbusto, não se presta tanto á industria,

sendo desta ultima que o povo colhe as raizes tuberosas para reduzi-las á farinha nos annos de fome.

O fabrico de queijos é industria sertaneja de bons rendimentos, embora conserve-se ainda em pequena proporção para a sua numerosa criação. Ha de duas qualidades, sendo muito estimados os que são conhecidos pelos nomes—Seridó e Santa Rosa.

A manteiga tem consumo limitado ao interior do Estado.

A apicultura é feita geralmente com a especie *Urussú* e em menor escala com a *Jandahyra*; limita-se ao littoral e brejos. O mel é de boa qualidade e consume-se todo no Estado, ignorando os apicultores o preparo da cêra, que é por isso despresada.

A Parahyba ainda não possui uma só fabrica de tecidos; é hoje o unico Estado desta parte do paiz que resente-se de semelhante falta, que consideramos um erro administrativo, tanto mais deploravel quanto nenhum dos Estados visinhos. leva-lhe vantagem na quantidade e qualidade do algodão que produz desde o littoral até a mais affastada ribeira sertaneja. Entretanto no sertão são communs toscas e primitivas machinas de tecer, fabricando-se boas rêdes e panno grosso de algodão que alli é todo consumido.

De plantas textis abundão o caroá e coroaá, que applica-se exclusivamente ao fabrico de cordas.

Na capital existe uma fabrica de sabão e acaba de inaugurar-se uma de cimento, em ilha do rio Parahyba, Tiriry, perto de sua fóz.

Cercado de inexgotaveis depositos de materia prima e com excellente porto de embarque, este estabe-

lecimento, o unico do Brasil, segundo nos parece, tem diante de si o mais prospero futuro.

*

Do exposto verifica-se que a Parahyba é um dos Estados da União que tem marchado com maior lentidão na estrada do progresso industrial, onde está a sua salvação.

Para este ponto devião convergir as vistas do seu governo, esforçando-se para que apparecessem estabelecimentos industriaes, que aproveitassem todos os productos agricolas e pastoris, melhorando e transformando-os.

A cultura da canna de assucar não póde ficar reduzida ao unico engenho central que possui o Estado no municipio de Santa Rita: exige com urgencia mais dous, pelo menos, sendo um no valle do Mamanguape e outro no municipio de Areia.

A cultura do algodão exige tambem duas fabricas de tecidos, sendo uma na capital do Estado que serviria a todo o territorio áquem de Borborena, e outra na cidade Campina Grande, que, se abastecendo do algodão de todo o sertão, evitasse ao mesmo tempo o desvio deste producto para o visinho Estado de Pernambuco.

Os jornaes annunciação agora a incorporação de uma com anhia para uma fabrica de tecidos na capital.

A industria pecuaria precisa igualmente de uma fazenda modelo, de um estabelecimento que possa offerecer-lhe os meios de melhorar a raça de seus

gados, tomando a si o encargo de exportar os seus numerosos e abundantes productos.

A carne vende-se aqui de 800 á 1\$000 o kilo, ao passo que nas feiras de Campina Grande e Itabayana, do Estado da Parahyba, tem regulado ultimamente 200 réis e menos!

E a viagem directa daqui até lá não demanda mais de cinco dias!

Este assumpto deve merecer a attenção do governo geral e dos capitalistas desta praça. Para que importar-se gado de Buenos-Aires, do estrangeiro, quando o possuímos em abundancia?

XIII

VIAS DE COMMUNICAÇÃO. — COMMERCIO INTERNO

Tres forão os primitivos conductos por onde a Parahyba recebeu elementos colonisadores; todos tres em sua fronteira meridional, porque sómente desta direcção terrestre e pela linha maritima podia vir-lhe a vida civilisada.

Da fundação de sua capital resultou a estrada que a unio logo a Pernambuco, por onde vinhão todos os recursos para consolidação e prosperidade da nascente colonia.

Esta estrada teve sempre o seguinte traçado: partindo de Olinda, ia á villa de Iguarassú, depois á de Goyanna, séde da capitania de Itamaracá, e, penetrando na Parahyba, chegava á capital, depois de tocar nas aldéas de Taquara, Alhandra e Jacóca.

Foi por ella que devia ter transitado o principe Mauricio de Nassau quando, demettindo-se do governo do Brasil hollandez, ahi veio, ultima terra americana que pisou, tomar o navio que o conduzio á Europa.

Em seguida, com as successivas fundações das capitães do Rio Grande do Norte e Ceará, a estrada estendeu-se sempre pelo litoral adiante, sendo por ella que teria seguido o capitão-mór Pedro Coelho em sua celebre excursão ao Jaguaribe e á Ibiapaba.

Esta via de communicação terrestre foi a unica que existio durante muitos annos, até depois mesmo de extincto o domino hollandez, ligando as tres capitánias ao norte de Pernambuco. Com a colonisação dos sertões, porém, perdeu ella toda a importancia, porque outras estradas forão abertas, diminuindo distancias e offerecendo commodidade aos transeuntes.

O segundo conducto data do anno 1670; partindo directamente de Pernambuco, ia até o rio Parahyba, a mais de 40 leguas de sua foz, na primeira missão de Cariry, de que nos falla o padre M. de Nantes.

O terceiro é o que das margens do S. Francisco levou o sertanista Domingos Jorge á ribeira do Piancó, onde fundou sua estancia, a cem leguas pouco mais ou menos da capital.

Vamos acompanhar o padre M. de Nantes no seu itinerario; passando depois, na falta de documentos, a suppor o do ultimo.

O missionario capuchino, partindo do Recife, devia ter seguido pelas margens do Capiberibe até proximidades do logar onde foi depois edificada a povoação do Limoeiro, hoje cidade; ahi, afastando-se do rio, tomou a direcção da cordilheira que divide as duas capitánias, passando prevavelmente pelos logares hoje occupados pela cidade de Bom-Jardim e villa do Umbuseiro até Matta-Virgem, situadas justamente na linha divisoria das aguas do Parahyba e Capiberibe.

Foi neste trecho de sua viagem que teria encontrado a floresta de 14 leguas de extenção, fazendo o seu caminho por *entre-cannes sauvages creuses au*

dedans, grosses de la moitié du bras.—donde sahio coberto de carrapatos.

Descendo a serra, que do lado do Parahyba parece mais alcantilada, o padre M. de Nantes entrou no sertão, *solitudes vastes et affreuses*, como elle chama, e ahi, vendo as arvores sem folhas, ouvindo o lugubre canto de certos passaros, e parecendo-lhe tudo isto a imagem da morte, foi tomado de um certo pavor.

Afinal passou para a margem esquerda do Parahyba, e subindo por ella algumas leguas, alcançou o boqueirão da serra de Carnayó, onde era a aldeia dos seus Carirys, depois de 13 ou 14 dias de viagem.

Esse caminho, que o venerando capuchinho francez nos pinta atravancado de cannas bravas, era provavelmente por onde se communicava Antonio de Oliveira com a sua fazenda de criação, sita nas proximidades da mesma aldeia, e foi por elle que devia ter ter transitado diversas vezes o padre Theodosio de Lucé, desde quasi dous annos antes. E grande parte d'elle provavelmente foi aproveitado na estrada que ainda hoje liga essa parte do sertão do Parahyba á cidade do Recife.

A ribeira de Piancó é a ultima na fronteira meridional da Parahyba com Pernambuco, e limita-se a oeste com o Ceará por serras que são contrafortes da do Araripe. Os limites com Pernambuco são feitos pelo divisor das aguas, que ao sul procurão o Pageú e ao norte o Piancó.

Deve-se suppor com toda probabilidade que Domingos Jorge, afastando-se de S. Francisco em rumo do norte, guiou-se pelo curso do Pageú, subindo até

uma de suas nascentes, contravertente de outra do Piancó, para onde facilmente teria passado com a sua numerosa bandeira. O lugar onde se estabeleceu, ou onde teve a sua estancia, ainda nos é desconhecido; mas, com pesquisas bem dirigidas, julgamos que se alcançará eom certeza o descobrimento.

Este foi o conducto por onde, durante annos, uma importante parte, até então desconhecida, da capitania recebeu,—da margem de S. Francisco o gado com que fundou as suas fazendas, e da Bahia os artefactos de que precisava, permutando-os, talvez, com os pobres indigenas escravizados.

Por estas tres vias de communição recebeu a Parahyba os primeiros influxos da vida civilisada.

Pela primeira, a do littoral, vierão-lhe os elementos colonisadores de toda zona maritima, a que esteve reduzida a capitania durante um espaço de cerca de oitenta annos.

Pela segunda, transitou o pequeno raio de luz, que por annos conservou-se quasi obumbrado no planalto da Borborema, nos adustos campos do Cariry-Velho.

Pela terceira, perto da extrema dessa linha de mais de cem leguas, derão eutrada fecundos elementos de procedencia diversa e longiqua, Paulistas e Bahianos.

Os dous nucleos de colonisação do sertão do Parahyba conservárão-se isolados, ignorando provavelmente a existencia um do outro, relacionando-se apenas com as capitancias donde sahirão, e sem o menor contacto com o governo da capitania, até que,

como já fizemos notar, Oliveira Ledo com a sua conquista firmou a continuidade de toda ella, desde as praias do Atlantico até a cadêa central do Araripe, que a ignorancia de alguns dos primeiros exploradores já fazia vertentes do Gran-Pará.

Passando agora a nos occupar do commercio interno da capitania, traçaremos a rede de estradas que servirão-lhe de vehiculo desde esses primeiros tempos até nossos dias.

A raça Cariry, não levando os seus dominios até o mar, sendo toda ella mediterranea, espalhava-se pelas campinas e taboleiros do sertão; mas concentrava-se em dous pontos onde havia mais fortes nós de população: era um o planalto do Borburema e o outro o fertil valle do Araripe, territorios que ainda hoje conservão os nomes caracteristicos de Carirys-Velhos e Carirys-Novos.

Nesses dous pontos refugiavão-se as tribus indigenas, nos annos seccos, até o fim do seculo 17^a; e desta época até nossos dias é para alli que o povo sertanejo primeiramente corrê, quando o flagelo o persegue.

Comquanto a zona denominada Carirys-Novos faça parte do territorio do Ceará, escapando portanto ao plano destes artigos; comtudo a sua proximidade do territorio parahybano, e as relações commerciaes que sempre manteve com os sertões limitrophes do Piancó, alto-Piranhas e rio do Peixe, são circumstancias, que constituem essa região um dos factores do commercio interno da Parahyba.

Esse commercio nasceu do desenvolvimento da

agricultura nos dous citados territorios; para que se tornasse mais facil e commoda a troca dos productos da vasta região pastoril com os agricolas, fundarão-se as feiras, que erão sua exposição em dia certo, uma vez por semana.

Restringindo-nos á Parahyba, é provavel que o primeiro signal do commercio interno apparecesse na aldeia de Campina Grande, o mais antigo nucleo de populações dessa parte da capitania.

Tendo cura de almas desde principios do seculo passado, era vastissima a sua jurisdicção ecclesiastica, não sómente na direcção do sertão como tambem na dos brejos, por se achar collocada justamente entre estas duas zonas.

Este facto determinaria a directriz da principal via de communicacão do interior da capitania, que se conservou sempre por ali, apesar da forte diversão que deveria ter causado, annos mais tarde, a fundação de uma outra feira, ao nordeste, no coração do brejo de Buruxaxá, onde é hoje a cidade de Areia.

Campina Grande, pois, foi nos primitivos tempos a primeira e unica estação do planalto da Borborema, na estrada real que se traçou para ligar os mais remotos sertões da capitania com a sua capital; e isto se acha mais ou menos comprovado pelos mais antigos documentos.

Esta secular via de communicacão ainda hoje continúa quasi sem alteracão de seu traçado, que era o seguinte:

De Campina para o littoral a estrada principiava atravessando densa floresta de quatro leguas até os lo-

gares Caboclo e Torres, ende descia a Borborema; dava no pequeno valle do rio Ingá; passava nos logares onde existem hoje as povoações do Riachão, Varzea Nova, villa do Ingá, Mogeiro, e uma legua além attingia o rio Parahyba na povoação do Salgado; seguia pelas margens deste rio, tocando em Itabayanna, Pilar, Itaipú, Espirito Santo, Batalha, Soccorro, Santa Rita até a capital. Na altura de Itabayanna, porém, bifurcava-se, dirigindo-se tambem para Itambé ou Desterro, Goyanna e Recife, capital de Pernambuco, onde findava.

Campina era, como ainda hoje, o ponto de reunião das duas grandes arterias do sertão, denominadas—estradas do Seridó e de Espinharas. A primeira tomava o rumo de noroeste, passando pelos logares onde hoje estão as povoações de Pocinhos e S. Francisco e terri'orio adjacente á de Pedra Lavrada, onde descia a Borborema (fralda occidental), dava no rio Seridó, e acompanhando-lhe as margens penetrava na capitania do Rio Grande do Norte até os sertões do baixo Piranhas e Apody. Transpondo os limites desta capitania, de um lado, procurava de novo o Parahyba pela ribeira de Porcos ou Patú, e de outro attingia as aguas do baixo Jaguaribe, no Ceará.

A estrada de Espinháras tomava a direcção de oeste passando por grandes travessias; tocava na pequena ribeira de Santa Rosa, a dez leguas, e nove mais adiante na povoação dos Milagres, no rio Taperoá; e acompanhando mais ou menos as margens deste rio, tocava na lagôa do Batalhão, e descendo a Borborema seis leguas além dava nas aguas do rio Pinháras ou Espinháras, que acompanhava até o lugar onde é hoje a villa dos Patos. Ahi dividia-se a estrada; á esquerda

dirigia-se para o Piancó, tendo um desenvolvimento de cerca de 40 leguas até os confins da respectiva ribeira ; á direita seguia em linha recta para a povoação das Piranhas, depois villa e cidade de Pombal ; continuando para Souza, no rio do Peixe, passaria depois mais ou menos proximo aos lugares hoje occupados pela villa de S. João do rio do Peixe e cidade de Cajazeiras, em seguida penetrava na capitania do Ceará, onde subvidia-se servindo a todo o valle dos Carirys-Novos e sertões do Icó, Inhamuns e Crateús, por onde entrava na capitania de Piahy.

Esta foi a grande artéria que ligava á capital os sertões mais afastados da capitania, ligando igualmente estes aos das suas vizinhas, e esta communicação tem-se mantido sem a menor interrupção até hoje.

Outras estradas, as vicinaes, com o correr dos annos forão-se entroncar nesta, que com o progressivo augmento da população tornou-se de animado transito, já pelas boiadas dos sertões do Ceará, Rio Grande e Parahyba destinadas ao grande mercado de Olinda e Recife; já pelos numerosos comboios de cereaes e de mercadorias estrangeiras, que dos brejos e das praças da Parahyba e Recife partião constantemente para essa extensa região.

Para gado de açougue só havia um grande centro consumidor, Olinda-Recife, e por isto as tres capitánias ao norte, dependentes da de Pernanbuco, para ahi o remettião; creando-se depois uma feira especial na villa de Iguarassú, na distancia de cinco leguas. Mais tarde foi transferida para Goyanna, recuando em seguida para a povoação de Pedras de Fogo nos limites da Parahyba

com Pernambuco, onde permaneceu por muitos annos, até que, recuando sempre, foi terás margens do rio Parahyba, onde é feita actualmente na cidade de Itabayanna, nas terças-feiras de cada semana.

Parece, porém, que sua collocação definitiva não será alli ainda : que em futuro proximo ella terá de ser exclusivamente feita na cidade de Campina-Grande, 15 leguas mais para o centro, onde já ha uma outra feira de gado, tão importante ou mais do que a de Itabayanna.

Como quer que seja, estas duas feiras semanaes, com o intervallo de quatro dias uma de outra, constituem o maior mercado de todo o norte, porque ordinariamente são expostas á venda 1,300 cabeças de gado vaccum em cada uma dellas.

Si o commercio de gado teve desde o principio uma só direcção, que mais ou menos tem sido mantida até agora, não succedeu assim com o de productos agricolas.

Os brejos estendem a sua influencia para o sertão em um raio de 50 a 60 leguas, e nelle está comprehendida grande parte do sertão do Rio Grande do Norte e parte das ribeiras de Pageú e Moxotó, pertencentes á Pernambuco. A parte extrema do sertão da Parahyba, comprehendida nas ribeiras de Piancó, alto-Piranhas e rio do Peixe, contigua aos Carirys Nôvos, sempre esteve dependente desse grande celleiro e alli, não na Borborema, são feitas todas as suas provisões de mantimentos.

O commercio de sal foi sempre feito com o

littoral do visinho Estado do Rio Grande do Norte; pois as suas abundantes salinas sãs anteriores á colonisação do sertão. O sal dessa procedencia, conhecido vulgarmente nas feiras pelo nome de sal do Assú, era considerado superior ao das salinas naturaes da Borborema, que então era usado igualmente; mas semelhante concorrência, motivada sómente pelo isolamento relativo de alguns dos primitivos nucleos da população, cedo desapareceu.

Si com o Ceará as permanentes relações commerciaes do sertão da Parahyba circumscrevião-se ás ribeiras vizinhas dos Carirys-Novos, como já notamos; e si com o Rio Grande do Norte erão limitadas ao sal que consome; com Pernambuco erão ellas extensas e de maior importancia do que com a propria capital da Parahyba.

A atracção que exerce o mercado do Recife sobre todos os productos de exportação das industrias parahybanas é sentida desde o principio do seculo passado; e mais ou menos dalli datão as reclamações de medidas administrativas que fação paralisar essa corrente, desviando-a para a capital. Mas, até hoje tudo tem sido em vão; as leis fiscaes têm sido impotentes diante de uma lei economica, que fatalmente resulta da configuração do territorio parahybano.

Com uma extensissima linha divisoria de mais de cem leguas, succede que, pela approximação das duas capitães, Parahyba e Recife, na orla maritima, os sertões da Parahyba estão para ellas a distancias quasi iguaes, resultando naturalmente deste facto a maior

concorrência de productos para o mercado mais importante e onde alcancem melhor cotação.

Leis prohibitivas, dando lugar ao contrabando, nenhum resultado benefico têm apresentado, e é de balde que se invoca em seu auxilio os sentimentos de patriotismo da população; o capital não tem coração, guia-se por uma lei social immutavel e taes sentimentos são afinal offuscados, ainda mesmo que irrompão frementes por vezes.

O Ceará conseguiu emancipar-se do mercado do Recife, já não precisa de intermediario para exportação dos seus productos; o Rio Grande do Norte marcha para o mesmo resultado; mas a Parahyba difficilmente lançará de si essa tunica de Nessus, se não forem empregadas grandes medidas.

E' um erro historico, é grande injustiça attribuir-se ao corpo commercial da capital do Estado a causa de tudo isto, por elevar os preços das mercadorias estrangeiras que vende, e diminuir os dos productos nacionaes que compra e exporta.

A historia nos diz que o estado morbido da praça da Parahyba data dos tempos coloniaes e que, apesar dos nobres intuitos do marquez de Pombal em querer remedia-lo com a criação da Companhia do Commercio da Parahyba, taes forão os meios empregados pela praça monopolisadora do Recife, que os beneficos effeitos esperados forão inteiramente desvirtuados; não passou de illusão o seu mote — *ut luceat omnibus*.

Além disto é manifesta a injustiça da accusação em vista de seus resultados negativos. Em um espaço

de cem annos não se vê alli uma só casa commercial, que se tenha tornado opulenta; ainda mais, que tenha conseguido se manter.

Por ventura existirão ainda as firmas commerciaes de José Luiz Pereira Lima, de Victorino Pereira Maia e de tantos outros, nacionaes e estrangeiros, que occuparão as primeiras posições do commercio parahybano?

A verdade é que as firmas sociaes alli durão, quando muito, uma geração e desaparecem; e os mais importantes representantes do commercio nunca passarão e nem passam de modesta mediania.

Ao contrario, julgamos digno de louvores o commercio da Parahyba, que, ultimamente reunido em associação, tem pugnado pelas medidas que se lhe afigurão mais necessarias para o bem estar geral, tornando-se assim fiel interprete da população.

A viação ferrea é dessas medidas a que se considera mais efficaz para tornar a cidade da Parahyba a capital commercial do Estado, pois que até agora só é politica e administrativa.

No Estado, existe uma via ferrea, a Conde d' Eu; mas ella não transpoz, sequer ainda, os limites de sua primeira zona; ao norte, chega á cidade de Guarabira isto é, apenas approxima-se dos brejos; e ao sul, sóbe pela margem direita do rio Parahyba até a villa do Pilar. Tal como se acha, mui limitados são os beneficios que presta.

Para que ella offereça beneficios geraes á agricultura, á criação e ao commercio do Estado, é indispensavel o seu prolongamento até os limites occidentaes

do planalto do Borborema, nesse lugar onde o territorio parahybano fica reduzido a umas vinte leguas de largura.

Pretender levar avante o prolongamento da Conde d'Eu, é nutrir esperança vã ; porque obras de arte como as que exigiria a vertente occidental de Borborema, só pôdem ser realizadas com grandes capitaes, e estes não se aventurão facilmente em um territorio tão desabonado pelas seccas como o sertão.

A estrada terminaria na villa do Teixeira, que é o ponto a que nos refirimos ; ficando desta arte em contacto immediato com os sertões do Piancó e Espinharas, assim como os de Pageú e Moxotó do Estado de Pernambuco.

A posição topographica especialissima do Teixeira, no centro dos mais remotos sertão do Parahyba e quasi na sua linha divisoria com Pernambuco, torna essa localidade um ponto strategico digno da mais seria attenção. Accrescente-se a isto um terreno mais ou menos fresco, fertil e bastante cultivado, requesitos que não se encontrão em nenhum outro lugar desta parte do Estado.

A partir de Campina Grande a estrada se desenvolveria por umas trinta e cinco leguas, em terreno facil até Teixeira, cortando todas as sahidas que existem nessa extensa linha para o visinho Estado.

Só deste modo nos parece, ficaria resolvida a secular crise do commercio da Parahyba e garantida a sua existencia como Estado da União brasileira.

XIV

ELEMENTOS ETHNICOS.—USOS E COSTUMES

Parece que nenhuma das capitánias do grande quadrilatero formado pelos rios S. Francisco e Parahyba e costas orientaes e septentrionaes do Atlantico tinha população relativa tão numerosa como a Parahyba.

As suas duas tribus tupys, apesar de circumscriptas ao pequeno territorio que ficou traçado, erão numerosissimas, como se evidencia da Historia do Brasil, de frei Vicente do Salvador.

Os Carirys, comquanto subdivididos em maior numero de tribus e dominando territorio muito mais vasto, seriam iguaes em população, porque o sertão, onde habitavão, não poderia talvez prestar alimentação sufficiente a um povo selvagem mais numeroso.

A quanto chegaria a população indigena da Parahyba?

Nada nos foi legado de preciso a respeito : nem ao menos calculos approximados.

Entretanto pelas renhidas guerras que sustentarão os indigenas, pelo grosso contingente de prisioneiros, que até serem subjugados derão aos conquistadores, segundo a narração do citado escriptor e de outros ; entrecvê-se que a população do territorio parahybano não seria inferior, no fim do seculo 16º, á 50 mil almas,

da qual, cerca de dous terços perecendo nessas carnificinas da conquista, um terço pouco mais ou menos ficaria, escravizados uns, e aldeiados o maior numero.

Portanto, julgo provavel que as duas raças tupy e ca:irý entrassem com quinze a vinte mil individuos para a formação do povo parahybano. A fusão com o colono portuguez ou pernambucano de origem portugueza principiou na zona do littoral, e ali manteve-se até depois do meiado do século 17^o, limitada unicamente ás duas tribus tupys, tabajaras e potyguaras.

O elemento africano fez-se tambem sentir desde logo, mas em gráo muito mais baixo do que aquelles.

Foi na varzea do Parahyba principalmente, onde existia a grande lavoura, os engenhos, cercados de aldeias; e nas do Mamanguape e Camaratuba, onde nasceu a raça cruzada, que tantas provas de valor deu na guerra hollandeza, guiada por heróes compatriotas, como Vidal de Negreiros e Camarão.

Ahi fez-se rapida e completa a fusão dos tres elementos, americano, europêu e africano. em razão do contacto permanente a que os obrigavão os trabalhos agricolas da canna e industriaes do assucar.

Entretanto, uma excepção se nota em dous pontos da orla maritima, constituindo isoladores ethnicos. Refirimo-nos á bahia da Traição ao norte da capital, e á freguezia de Alhandra ao sul, onde ainda hoje se encontra o typo indigena puro. Este facto, porem, explica-se pela qualidade das terras dessas antigas aldeias apenas capazes da pequena lavoura, e, portanto, desprezadas pelos colonos; e pela falta de frequente communicação com os centros populosos.

Depois que a colonisação estendeu-se á todo o territorio da capitania, com o desenvolvimento da cultura do algodão nas catingas, augmentou o elemento africano, sem que, com tudo, elle chegasse a preponderar em parte alguma pelo numero ; principalmente no sertão, onde foi sempre fraco, porque para os trabalhos pastoris era muito mais apropriado o americano.

Não obstante, verificou-se com a matricula dos cseravos, decretada pela lei de 28 de Setembro de 1871, que em certos municipios desta zona, como S. João do Cariry e Piancó, existia maior numero de escravos do que em outros da zona agricola da provincia.

Este facto, aparentemente estranho, explica-se perfeitamente : 1º pela fecundidade da raça cruzada, indigena e africana, de que descendião esses escravos ; 2º pela vida facil e ociosa que levava essa gente, cujo trabalho ordinariamente não chegava para o seu sustento ; 3º finalmente, pelo orgulho que tinhão algumas familias de demonstrar opulencia pelo numero de *captivos* que possuião, e dos quaes só em ultima extremidade se desfizerão, como na grande secca de 1887.

Pode-se, pois, estabelecer a seguinte escala dos elementos constitutivos do povo parahybano ; 1º europeu ; 2º americano ; 3º africano. O cruzamento do primeiro com o segundo predomina em toda zona pastoril e na beira-mar ; e os dos tres em partes quasi iguaes nas zonas agricolas.

O recenseamento, que se fez da população escrava em todo o paiz, prova que a Parahyba era uma das

provincias que menos escravos possuia, relativamente á sua população livre.

A densidade do elemento africano principiava de Pernambuco para o sul; no norte limitava-se ao Maranhão, cuja população livre era entretanto inferior á da Parahyba; assim como erão ainda em maior escala as de Alagóas e Sergipe, que em compensação possuia cada uma dellas maior numero de escravos em territorio mais reduzido.

Passamos agora a traçar algumas notas sobre usos e costumes do povo parahybano desde sua origem.

O modo de viver ou profissão dividio a população em dous agrupamentos, creadores e agricultores; accentuando-se logo a differença entre ambos pelos usos e costumes, resultantes do meio.

A expressão — sertão — ficou restricta á zona onde era exercida em grande escala a industria pecuaria; e — sertanejos — só erão chamados aquelles que ahi habitavão; assim como — matutos e brejeiros — erão os nomes dados aos habitantes das *mattas e brejos*, isto é, da zona exclusivamente agricola.

Estes dous ultimos nomes, não envolvendo a menor injuria aos agricultores, erão comtudo empregados em certas occasiões pelos sertanejos, como significando — fracos de animo, — molles, pesados.

A vida laboriosa do agricultor, adstricto aos trabalhos do sitio, ao seu roçado; a sua alimentação mais vegetal do que animal, justificavão de algum modo estes qualificativos, porque erão incapazes da agilidade e destreza que o sertanejo mostrava montando um

cavallo bravio, e em outros arriscados exercicios da vida pastoril.

De feito, muito diverso era nas fazendas o modo de vida nesses primeiros tempos.

Constantemente á cavallo, o vaqueiro tinha necessidade de « campear » todo o dia, ora em uma direcção, ora em outra dos vastos terrenos que dominava. Era um pastor, e outro não foi e nem podia ser o modo de apascentar o seu rebanho, entregue aos immensos recursos naturaes dessa terra virgem.

A sua destreza nos exercicios equestres não era tanto de maravilhar nas varzeas, nos campos abertos, como nas cerradas catingas, no encalço de um novilho barbatão.

Não havia obstaculo vencido pela rez bravia que não pudesse ser vencido pelo cavalleiro, o qual, mantendo-se em posição horisontal, com a cabeça apoiada no pescoço de seu amestrado cavallo de *fabrica*, e segurando por uma extremidade a aguilhada de tres metros de comprimento, acabava sempre por lançal-a por terra.

A queda era motivada por um forte e rapido impulso lateral que o vaqueiro dava, ou puxando na cauda da rez, — quéda de rabo —, ou por meio do ferrão de sua aguilhada — quéda de vara —; e quando o impulso era tal que, na perda do equilibrio, a rez gyrava sobre o lombo, chamavão — virar o mocotó —: e essa grande prova de destreza fazia o orgulho desses centauros.

Tinhão no mais elevado grão de desenvolvimento os sentidos da vista e audição. Rastejando, vião signaes

imperceptíveis, seguíam com segurança um pista invisível para qualquer outra pessoa ; e distinguíam os mais leves rumores, determinando exactamente a distancia e direcção de onde partião, e os animaes que o fazião.

Para semelhante modo de vida só era adaptada a raça americana ; a africana era inteiramente incapaz, e por isso a maior parte do pessoal de uma fazenda era de raça indigena ; havendo sómente para o serviço domestico, nas principaes, entre os escravos da *fabrica* alguns africanos.

Cada fazenda constituindo um nucleo de população isolada, representada pelos Portuguezs conquistadores e pelos Carirys subjugados, dessa convivencia não podião deixar de nascer relações especiaes, usos e costumes proprios. O colono portuguez ou fazendeiro apezar do seu orgulho de raça superior, exigindo do indio submisso o tratamento de—meu amo—, sentia comtudo que dependia deste robusto filho das selvas para todos os arriscados serviços da vida sertaneja e que sem o seu concurso não poderia contar com a boa administração e prosperidade de suas propriedades.

A primeira hora da noite era a escolhida para a reunião do *amo* e vaqueiros ; estes communicavão os trabalhos feitos no dia e combinavão os que se tornavão mais urgentes para o seguinte, entre os quaes muitas vezes prevalecia a caçada de onças, o maior inimigo da criação nesses tempos. Neste ponto o arrojo do primitivo sertanejo tornou-se proverbial.

Armado simplesmente de uma azagaia, subia ás serras, pesquisava as escuras furnas penetrando até o

covil dessas feras e ahi, neste estreito ambito, travava luta com ellas.

Essas façanhas cynegeticas, que a tradição tem conservado, para muitos passam hoje como fabulosas pela sua inverosimilhança, a ponto de ser usada a expressão de—historia de onça—como synonymo de um conto imaginario ou de uma mentira.

Entretanto, a geração actual reconhece, sem discrepância, mais elevada capacidade physica em seus antepassados, o que é por ella attribuida unicamente á alimentação: « Naquelle tempo, dizem, *batia-se corredor* no almoço, no jantar e na ceia, » alludindo ao grande consummo de carne que havia nas fazendas.

A verdade assim era; as *matrutagens*, nomes que espcialmente dão ás rezes mortas para o consummo domestico succedião-se a miudo; e em qualquer das collações do dia era enorme a desproporção da carne para o pirão de farinha de mandioca ou de milho.

O tutano dos ossos era o que mais apreciavão da *matrutagens*, por ser considerado entre todas as comidas como a que dava mais vigor. Nessas occasiões por meio de uma pedra roliça ou de um cepo de madeira rija, *batia-se* repetidas vezes na cabeça do *corredor*, que é o osso do braço partido em duas partes; cravava-se depois a faca de campo e deixava-se despejar até os ultimos pingos toda a graxa que era dividida entre os convivas; ou então juntava-se toda ella em um prato, sendo misturada com rapadura para ser servida como sobremesa.

E' a essa alimentação espeeial, digna dos heróes de Homero, que os velhos sertanejos de hoje sempre

se referem, quando dizem ; « o café e o chá botarão a perder a gente de hoje. Deus só deixou para se comer carne de boi, o mais é invenção dos homens. »

Era também nessa primeira hora da noite, de que venho de tratar, que os mais velhos gravavam na memoria dos curiosos adolescentes os contos fantasticos, tão apreciados nesta idade ; e é sem duvida desses primitivos serões sertanejos que nascêrão as diversas lendas que a tradição nos legou.

Outros usos e costumes do povo sertanejo ainda mais concorrião para separa-lo da classe dos agricultores.

A *vestia* ou *gibão*, *guarda-peito* e *guardas* de couro curtido, peças talhadas ainda hoje pelo primitivo modelo ; o *ginete* ou *bastarda*, sellas de que usão ; os comboios ou caravanas, transitando nas ermas estradas, fazendo o pouso ao meio dia,—*descanço*, e o da noite—*dormida*, debaixo das arvores, com a provisão de agua em *borrachas* de couro, pendente de um galho, davão-lhe um cunho todo especial.

Os habitantes da zona agricola, porém, pela aproximação do littoral, e pelas frequentes relações com as praças commerciaes, nunca tiverão originalidade digna de nota em seus usos e costumes. Alem de que, estando a receber incessantemente individuos de todas as procedencias e com todas as variantes e côres, que ahi refugiavão-se nos annos seccos e fixavão residencia, circumstancia que operou a densidade de sua população desde muito cédo, não podião os brejos e a zona maritima adquirir estas peculiaridades ethnicas, que distinguem as populações de certas regiões.

E' por isso, talvez, que a hospitalidade elevada até o acolhimento mais benevolo, generoso mesmo, que se fazia a qualquer viandante, só era praticada, como um dos mais imperiosos deveres, no sertão; e é por tudo isto tambem que alli nasceu a poesia popular.

A *péga* de um afamado boi brabo servia sempre de assumpto á poemas, cujos cantos erão marcados pelas letras do alphabeto, *Abc*.

Decimas, glosas e o canto á desafio erão as fórmas mais usadas da poesia popular, em que os louvores á belleza das damas, a descripção de phenomenos naturaes, a vida pastoril, etc., servião de principaes assumptos.

E muitos desses trovadores adquirirão merecida fama pelas suas *obras*, nome generico dessas poesias, das quaes o povo guarda ainda fragmentos impressos na memoria.

Nenhuma funcção teria brilho sem o comparecimento de um poeta e os mais celebres erão chamados de "0, 40 e mais leguas, para a ruidosa funcção de um casamento, entre todas a mais importante. Para julgar-se do seu merecimento bastava a respôsta a esta simples pergunta, que era a primeira a fazer-se por aquelles que não tinham tomado parte na festa:

« Quem foi o cantador? »

Hoje não é mais tanto assim, o sertão; vai perdendo pouco a pouco os seus usos e costumes originaes, e a guitarra ou viola, a lyra dos vates sertanejos, tem sido cruelmente dizimada em *autos de fé*.

Entretanto, ainda damos testemunho da admiração que experimentamos ao ouvir diversos desses po-

bres poetas, dos quaes, uns já desaparecêrão do numero dos vivos e outros talvez ainda existão.

Esses cantos primitivos, umas vezes descahindo em plangentes melopéas ou toadas dolentes, e outras tomando o cunho de hymnos guerreiros, acodem-nos á imaginação neste momento em que são mais intensas as saudades do torrão natal.

As lendas e poesias populares da Parahyba servirão portanto de assumpto a outro artigo complementar deste (*)

(*) O A. deixa de publicar o artigo a que se refere, por não lhe terem chegado da Parahyba as notas que tinha colleccionado á respeito.

XV.

DIVISÃO JUDICIARIA, ADMINISTRATIVA E ECCLESIASTICA

O Estado da Parahyba contém actualmente 29 comarcas, 42 municipios e 42 parochias.

As comarcas são: Parahyba (capital), Conde ou Jacóca, Santa Rita, Mamanguape, Pedras de Fogo, Pilar, Itabayanna, Guarabira, Alagôa-Grande, Ingá, Umbuseiro, Campina-Grande, Areia, Bananeiras, Borborema ou Cuité, Soledade, Batalhão, Cabaceiras, S. João do Cariry, Alagôa do Monteiro, Teixeira, Patos, Catolé, Pombal, Piancó, Conceição, Princeza, Sousa e Cajaseiras.

Destas forão creadas e providas recentemente, isto é, depois de proclamado o governo republicano, 9, a saber: Santa Rita, Itabayanna, Umbuseiro, Soledade, Batalhão, Cabaceiras, Patos, Conceição e Princeza.

Os municipios são além dos 29, sédes das mencionadas comarcas: Bahia da Traição, na comarca de Mamanguape; Serra da Raiz, na comarca de Guarabira; Alagôa-Nova, na comarca de Alagôa-Grande; Pilões, na comarca de Areia; Araruna, na comarca de Bananeiras; Picuhy ou Triumpho, na comarca de Borborema; Fagundes, na comarca de Campina-Grande; Bodocongó, na comarca de Cabaceiras; Santa Luzia do Sabugy, na comarca de Patos; Brejo da Cruz, na comarca do Catolé; S. João do

rio do Peixe, na comarca do Sousa; Misericórdia, na comarca do Piancó; e S. José de Piranhas, na comarca de Cajaseiras.

Existem, portanto, 16 comarcas de um só município, e 13 contendo dous. Ao todo 42 municípios, dos quaes cinco forão também creados depois de proclamada a república: Santa-Rita, Itabayanna, Umbuseiro, Fagundes e Bodocongó. Dez municípios têm como sédes cidades, que são: — Parahyba, Mamanguape, Guarabira, Itabayanna, Bananeiras, Areia, Campina-Grande, Pombal, Sousa e Cajaseiras. As dos demais são villas em numero de trinta e tres.

A divisão ecclesiastica consta de 42 parochias: N. S. das Neves da Parahyba, Conde ou Jacoca, Alhandra, Pitimbú ou Taquara, Santa-Rita, Livramento, Mamanguape, Bahia da Traição, Itaipú, Pilar, Gurinhem, Guarabira, Mogeiro, Ingá, Alagôa-Grande, Serra da Raiz, Natuba, Araruna, Bananeiras, Cuité, Picuhy, Pedra-Lavrada, Campina-Grande, Pilões, Areia, Alagôa-Nova, Cabaceiras, S. João do Cariry, Alagôa do Monteiro, Teixeira, Patos, Santa Luzia do Sabugy, Brejo do Cruz, Catolé, Sousa, S. João do rio do Peixe, Cajaseiras, S. José de Piranhas, Conceição, Piancó, Misericórdia e Princeza. Ha ainda parochias creadas civilmente, mas nunca forão providas canonicamente.

Algumas dessas freguezias são tão pobres que os seus rendimentos não dão para sustentação dos vigarios, e por isto se achão quasi sempre reunidas a outras; e são ellas: Jacoca, Alhandra, Petimbú, Livramento, Pedra Lavrada, S. José de Piranhas, etc.

O mesmo se observa em relação a certos municipios, cujas rendas apenas chegam para pagamento da respectiva intendencia; sendo preciso que fosse em alguns augmentado o orçamento da receita para ser satisfeita semelhante despesa.

O ordenado marcado pelo governador do Estado é de 1:200\$ para cada intendente de villa, e 1:800\$ para os de cidade; e verifica-se que em 1889, quando foi proclamado o actual regimen, a renda de alguns municipios não excedia de um conto de réis annualmente.

A divisão administrativa não tem acompanhado a ecclesiastica e fica-se conhecendo perfeitamente o pouco criterio que tem havido nas creações de villas pelo que se segue:

Ao contrario do que se dá em outros estados, principalmente no sul do Brasil, onde o territorio de um municipio contém quasi sempre duas e mais freguezias, a Parahyba possui parochias que abrangem até tres municipios ou comarcas. Assim vemos que a parochia do Pilar comprehendendo a villa deste nome e a cidade de Itabayanna; das de Campina e Cabaceiras abrange cada uma dous municipios, Fagundes pertence á primeira e Bodocongó á segunda; a de S. João do Cariry abrange a comarca deste nome, a do Batalhão e grande parte da comarca de Soledade, onde está a villa deste nome.

Em relação aos cursos d'agua do Estado dividem-se os municipios do seguinte modo:

Nas aguas do rio Parahyba, comprehendendo os seus tributarios, estão os municipios de Alagôa do

Monteiro, Teixeira (parte), S. João do Cariry, Batalhão, Soledade (parte), Cabaceiras, Bodocongó. Campina (parte), Fagundes, Umbuseiro, Ingá, Itabayanna, Pilar, Pedra de Fogo, Santa Rita e Parahyba.

Na bacia do rio Mamanguape estão: Bahia da Traição (parte), Mamanguape, Guarabira, Alagôa-Grande, Alagôa-Nova, Pilões, e partes dos de Bananeiras, Areia e Campina.

Na bacia do Curimataú ficam os de Araruna, Cuité, e partes dos de Campina, Areia, Bananeiras e Serra da Raiz.

No pequeno valle do rio Abiahy, da margem direita do Gramame até a esquerda do Goyanna, fica o municipio do Conde ou Jacóca, e no de Camaratuba, partes dos municipios da Serra da Raiz, Bahia da Traição e Mamanguape.

Os outros municipios ficam na grande bacia do Piranhas, divididos pelos seus afluentes do seguinte modo:

Em aguas do Seridó ficam os municipios de Picuhy, Santa Luzia do Sabugy e parte do de Soledade. Nas do rio Pinháras está o municipio de Patos e parte do de Teixeira. No valle do Piancó existem os de Princeza, Conceição, Misericórdia, Piancó e parte do de Pombal. Compreendendo os dous valles do alto Piranhas e rio do Peixe, achão-se os municipios de S. José de Piranhas, Cajaseiras, S. João do rio do Peixe, Sousa e parte do Pombal.

Finalmente os dous municipios de Catolé e Brejo do Cruz estão na ribeira conhecida vulgarmente pelo

nome riacho de Porcos, ou Patú, ultimo tributario do Piranhas, no estado do Parahyba.

Encaremos agora em outro sentido a divisão administrativa da Parahyba.

Estão sobre o macisso da Borborema e das serras que a ella se ligão tres cidades : Bananeiras, Areia e Campina; e 16 villas: Serra da Raiz, Araruna, Pilões, Alagôa-Nova, Cuité, Picuhy, Soledade, Fagundes, Bodocongó, Umbuseiro, Cabaceiras, S. João do Cariry, Batalhão, Alagôa do Monteiro, Teixeira e Princeza.

Na zona do littoral até a Borborema ficão 4 cidades : Parahyba, Mamanguape, Guarabira e Itabayanna e 8 villas : Conde ou Jacoca, Alhandra, Santa-Rita, Bahia da Traição, Pedras de Fogo, Pilar, Ingá e Alagôa-Grande.

Além das fraldas occidentaes da Borborema estão tres cidades : Pombal, Sousa e Cajaseiras ; e nove vi'llas : Santa Luzia do Sabugy, Patos, Brejo do Cruz, Catolé, Piancó, Misericordia, Conceição, S. José de Piranhas e S. João do rio do Peixe.

*

A divisão judiciaria da Parahyba, tal qual se acha, não póde perdurar, por que as suas rend's não permitem um tão acrescido numero de comarcas ; e nem semelhante reforma foi decretada em satisfação de uma necessidade publica. O governo *republicano* que alli se installou consullou interesses de outra ordem.

Diz o povo parahybano que hoje ha mais sêde de justiça do que quarenta annos atrás, quando a provincia só possuia tres comarcas. E parece que assim é, tendo-se em vista principalmente a incapacidade de alguns dos novos magistrados, para os quaes forão as comarcas expressamente creadas.

Nota-se já no Estado forte reacção contra a desasturada politica que alli tem reinado ; e é de esperar que, entrando novo elemento na administração, passe por grande alteração a divisão judiciaria do Estado.

Nos parece que consultaria os interesses da justiça e os interesses financeiros da Parahyba a divisão que em seguida apresentamos :

1.^a Comarca : Parahyba, composta dos municipios da capital, Jacoca e Santa Rita, com seis freguezias.

2.^a Comarca : Mamanguape, composta dos municipios de Mamanguape, Guarabira e Bahia da Traição.

3.^a Comarca : Rio-Curimataú, composta dos municipios de Bananeiras, Araruna e Serra da Raiz.

4.^a Comarca : Borborema, composta dos municipios de Cuité, Picuhy e Soledade.

5.^a Comarca : Pilar, composta dos municipios de Pilar, Pedras de Fogo e Itabayanna.

6.^a Comarca : Brejo, composta dos municipios de Areia, Pilões, Alagôa-Grande e Alagôa-Nova.

7.^a Comarca : Campina, composta das parochias de Campina, Ingá, Umbuseiro e Cabaceiras, e ficando extinctos os novos e insignificantes municipios do Fagundes e Bodocongó.

8.^a Comarca : Cariry, composta dos municipios de S. João do Cariry, Alagôa do Monteiro e Batalhão.

9.^a Comarca : Rio-Pinharas, composta dos municipios de Teixeira, Patos e Santa Luzia do Sabugy.

10.^a Comarca : Rio-Piranhas, composta dos municipios de Pombal, Brejo do Cruz e Catolé.

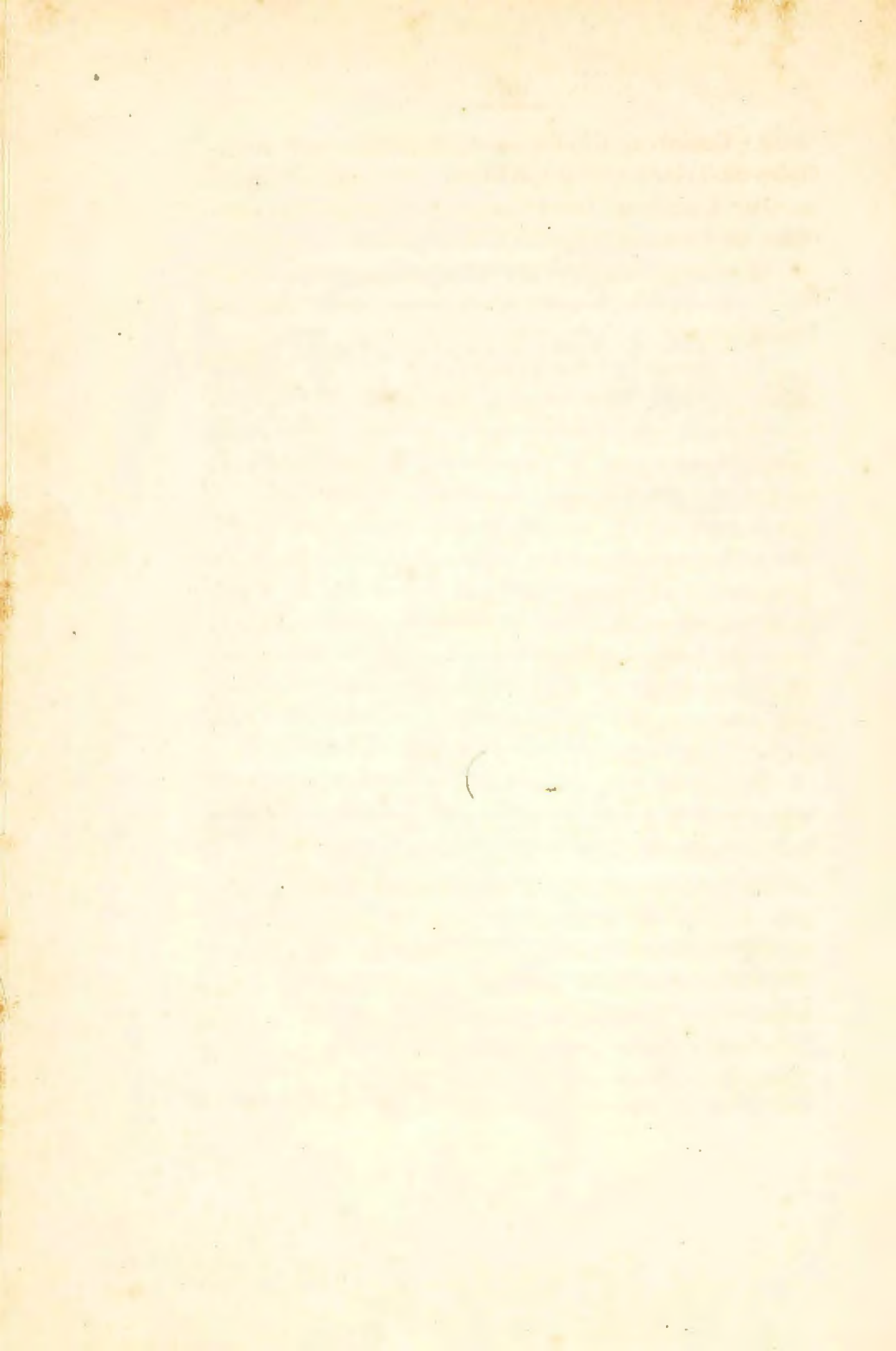
11.^a Comarca : Rio-do-Peixe, composta dos municipios de Sousa, Cajaseiras, S. João, e S. José de Piranhas.

12.^a Comarca : Rio-Piancó, composta dos municipios de Piancó, Misericordia, Conceição e Princeza.

Os nomes das comarcas devem estar de accordo com a historia e os principaes accidentes naturaes; e é por isto que alteramos as suas denominações.

E' tambem por esta razão que devião ser mudados os nomes de certas villas; bem como Serra da Raiz para Cupaóba, nome que a historia dá a respectiva serra; Alagôa do Monteiro para Jabitacá, nome da vizinha serra em que nasce o rio Parahyba; Batalhão, nome improprio e que nada exprime, para Taperoá, que é o de seu rio;—Brejo do Cruz, para Taquarituba, Soledade para Quixedy, etc.

Nos seguintes artigos procuraremos descrever cada uma das cidades e villas do Estado, indicando as povoações de cada municipio.



XVI

CIDADES

(Do littoral até a Borborema)

PARAHYBA DO NORTE — Capital do Estado, á margem direita do pequeno rio Sanhauá, na sua confluencia com o Parahyba. Está situada em terreno elevado na base da península, que ahi tem uma legua de largura na direcção de Tambaú e prolonga-se pelo espaço de quatro até terminar em Cabedello, na foz do Parahyba, tendo de um lado este rio e do outro o oceano.

Collocada entre esses dous portos, a sua feliz posição devia dar-lhe grande desenvolvimento commercial; mas, até agora o seu crescimento tem sido lento, e no prazo de trezentos annos que tem de existencia não conta nenhuma época de notavel prosperidade, que a fizesse sahir da tutéla em que sempre se achou e acha-se da visinha praça do Recife.

Divide-se em cidade alta e baixa ou Varadouro. Nesta é onde se acha concentrado todo o seu commercio, e estão a alfandega, estação da estrada de ferro e cadeia; e naquella, que é mais extensa, estão os palacios do governo e municipalidade, thesouraria de fazenda, mercado publico e hospital da Misericordia.

Entre esses dous, bairros, em um largo, se achão o quartel do batalhão de primeira linha do exercito, que guarnece a praça, o thesouro estatual e o theatro de Santa Cruz, formando tres lados do dito largo.

Todas as suas principaes ruas são calçadas e illuminadas a kerosene. Não tem ainda agua encanada, mas possui diversas fontes, entre as quaes merece menção a do Tambiá, notavel pela sua boa agua, e a do Gravatá. Grande parte da população usa agua de cacimbas, que são numerosas em toda a cidade.

A sua industria consta de uma fabrica de sabão e outra de cimento, que acaba de ser inaugurada.

O seu commercio directo com a Europa é feito apenas por uma linha de vapores mercantes inglezes, que ahi toção uma vez por mez, e não passa de tres a quatro casas; todo o mais é de cabotagem com a praça do Recife. Tem uma associação commercial de recente data, que já vai prestando excellentes serviços.

Ha na cidade seis officinas typographicas, onde se imprimião outros tantos jornaes até o fim do regimen monarchico; mas o governo que tomou conta da provincia depois da revolução e nella se tem conservado até agora acabou com a imprensa, existindo hoje sómente o jornal official.

A cidade tem uma só freguezia que se estende da margem direita do rio Parahyba á esquerda do Gramame até o mar, sendo estes igualmente os limites do seu municipio e comarca. Além da matriz, bello templo, que se acha em reconstrucção, tem as igrejas dos conventos de S. Francisco, S. Bento e Carmo; a de S. Gonçalo, antigo collegio dos Jesuitas, que está servindo provisoriamente de matriz, e as da Misericordia, Mercês, Rosario, N. S. Mãi dos Homens, Bom Jesus e S. Pedro Gonçalves.

Esta cidade foi fundada a 5 de Agosto de 1585, dia

de N. S. das Neves, sua padroeira, em que foi firmada a paz entre os Portuguezes e Tabajaras; representando o capitão João Tavares os primeiros e o chefe Piragibe os segundos.

A tal respeito diz Fr. Vicente do Salvador :

«... e com doze Hespanhóes e oito Portuguezes em uma caravella esquipada e concertada para tudo com algumas dadivas e bom regimento, partio do porto de Pernambuco a 2 de Agosto de 1585 e aos 3 chegou pelo rio da Parahyba acima, onde se vio com o Braço de Peixe (Piragibe) e mais principaes no ponto que é agora a nossa cidade, assombrando primeiro os Potiguaras com alguns tiros, que presumindo mais força fugirão.

Assentadas as pases e dadas suas dadivas e refens, sahio o capitão João Tavares dia de Nossa Senhora das Neves, por cujo respeito depois se poz esse nome á povoação, e a tomárão por patrona e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta, e ordenarão um forte de madeira com as costas no rio, onde se recolherão.... »

Quasi quatro annos depois, a 11 de Junho de 1599, forão ahi firmadas as pazes com os Potiguaras, no governo de Feliciano Coelho de Carvalho, com os chefes Páo-Secco e Zorobabé, servindo de intermediario o de nome Ilha-Grande. A cidade da Parahyba teve o nome de Felippéa, em honra do rei de Hespanha, então reinante sobre Portugal e suas colonias.

Desassombrada a nascente colonia da prolongada guerra que sustentou com os indigenas, entrou francamente na senda do progresso, que só foi atalhada

uns quarenta annos mais tarde, quando foi occupada pelos Hollandezes á 22 de Dezembro de 1634.

Era então ainda bem pequena, porque não possuia mais de tres ruas escaçamente edificadas, duas na cidade alta (Direita e Nova, que principiava) e uma na baixa, feixando o rio; constava de poucos predios, mas pelos seus edificios religiosos já tinha um certo aspecto de importancia. Erão elles em numero de seis: convento de S. Francisco, fortificado pelos Hollandezes, residencia do director da capitania; convento do Carmo, não acabado; convento de S. Bento, em obras; a matriz, não acabada, « obra que promette ser grandiosa, diz Herkman, mas que vai arruinando-se de dia em dia: Nulla salus bello...; Misericordia, fundada por Duarte Gomes da Silveira, e finalmente a capella de S. Gonçallo no *limite* da cidade.

O « Santuario Mariano » tratando das imagens milagrosas que se venerão nesta cidade cita o seguinte facto:

« Frederickstadt foi o nome que os Hollandezes derão á esta cidade, denominação que cessou com o seu dominio; assim como desapareceu a de Felippéa com o dominio hespanhol.

« No tempo, em que aquelle Estado e Capitania da Parahyba se vio opprimida de uma grande epidemia e cruel contagio, de que morrerão muitos milhares de pessoas, se vio que a Senhora distillava da mesma mão, em que tem o seu escapulario, um suor como oleo, que se recolheu em um corporal, no qual perseverão ainda hoje os signaes em que cahirão as pingas daquelle celestial oleo; o qual corporal se

guarda até o presente em um Sacrario com muito grande veneração no mesmo convento; e applicado a qualquer enfermo, todo aquelle a quem se applicou esta Sagrada Reliquia recebeu e recebe vida e saude. »

A Parahyba é patria de A. Vidal de Negreiras, do joven patriota Peregrino de Carvalho, o qual, seme'hante ao romano Coriolano, sacrificou-se pelo amor paterno, de A. Borges da Fonseca e dos irmãos Silveira Lobo, senador F. P. da Silveira Lobo, já fallecido, e Aristides da Silveira Lobo.

No municipio desta cidade existem as seguintes povoações :

Cabedello, grande povoação na foz do rio Parahyba. Ahi se acha a fortaleza do mesmo nome ou de Santa Catharina, um dos padrões de nossas glorias nos tempos coloniaes ; principalmente nos tres ataques que soffreu dos Hollandezes. Eis como o Barão do Rio Branco relata em suas « *Ephemerides Brasileiras* » um dos mais interessantes episodios do ultimo cerco :

« 14 de Dezembro.

1634—Decimo primeiro dia da defesa do Cabedello contra o terceiro ataque dos Hollandezes. Foi neste dia que se deu o conhecido episodio dos irmãos Antonio e Francisco Peres Calhao. Ião elles em uma das lanchas forradas de couro em que o governador Antonio de Albuquerque Maranhão mandava socorros de viveres ao Cabedello. Antonio Peres, que dirigia o leme, foi ferido no braço direito :— « Vendo isto seu irmão, e acudindo a querer substitui-lo no leme, Antonio Peres não consentio, dizendo :— Emquanto eu tiver outro irmão mais proximo (que era o braço esquerdo) não

necessito de ajuda, e nem desisto do meu officio e posto.—Possou o leme para a outra mão, e foi governando até que outra bala, dando-lhe uos peitos, o prostrou quasi morto. Mas Francisco Péres preferio acudir primeiro ao leme do que ao irmão, a quem desta vez julgou tambem parente mais remoto, mais estimulado pela opinião que pelo sangue. Bizarrras competencias de valor e fidelidade! Para que em tudo se parecessem estes dous heróes, novo mosqueteço ferio-lhe igualmente a mão que segurava o leme, a qué elle acudio rapidamente com a outra, e assim foi dirigindo a chalupa até metter o socorro no forte e voltar ao lugar de onde sahira (Duarte de Albuquerque, *Memorias Diarias*). »

Os Hollandeses mudarão o nome de Cabedello para Margareth.

Essa fortaleza que servio até bem poucos annos de quartel da companhia de aprendizes marinheiros, para o que reunia todos os requisitos necessarios, acha-se hoje abandonada e em ruínas! E a companhia de aprendizes, não sabemos por que motivo, foi removida do Estado!!

A um kilometro pouco mais ou menos de Cabedello, no outro lado da penisula, a beira-mar, está o apresivel povoado de Ponta de Matto, estação balnearia, actualmente muito frequentada pelos habitantes da capital.

Em frente desta povoação em um rochedo no meio do mar, está o pharol de Pedra Secca.

Seguindo a praia na direcção do Sul estão as povoações ou aggregados de casas de Ponta de Campina

e Bessa, onde tem sua foz o rio Jaguaribe ; depois Tambau, maior povoação, com uma capella; e do outro lado do cabo Branco a da Penha, com uma poetica ermida em elevado barranco donde se descortina magnifica vista.

A inscripção — *Ave, maris stella* —, que se lê no frontespicio da modesta capella indica que ella é o resultado do voto de algum maritimo mais fervoroso na religião, auxiliado por esse povo, que só vive do mar e dos seos coqueiros. Essa ermida foi outrora muito frequentada pelas curas milagrosas que por intercessão de N. S. alcançavão os fieis ; e ainda hoje existe em frente uma grande casa onde se accommodavão os romeiros.

O municipio e comarcas da Capital tem mais a pequena povoação de Gramame junto á ponte sobre este rio na estrada para a villa do Conde ou Jacoca.

O municipio é regado por diversos ribeiros, entre os quaes nota-se o Marés, de excellente agua, o Paratibe e outros ; e possui inexgotaveis jazidas de pedra calcarea, geralmente usada para construcção de casas e fabrico de cal.

MAMANGUAPE — Situada á margem esquerda do rio do mesmo nome, a sete leguas do mar, é a segunda cidade do Estado em população e commercio. E' atravessada por um riacho perenne e estende-se por mais de meia legua até o porto de Salema, onde chegam as barcas no preamar. Possui uma igreja matriz da invocação de S. Pedro e S. Paulo e outra de Nossa Senhora do Rosario, cadeia publica e alguns edificios particulares importantes.

Todo o seu commercio de exportação e de importação é feito com a praça do Recife, por meio de barcas, porque o rio, muito sinuoso e cada vez mais estreito á propôrção que se aproxima da cidade, não permite navegação á barcos de maior calado e dimensões.

Esta cidade já teve uma época de grande prosperidade, quando foi o interposto commercial do Brejo ; mas a linha ferrea da capital a Guarabira, interceptando-lhe os productos dessa zona, fez diminuir muito o seu commercio.

Tem nma mesa de rendas, uma estação do telegrapho nacional e uma typographia, onde se imprime um periodico. Dista 12 leguas da Parahyba e 10 de Guarabira, que fica-lhe ao poente.

A' respeito da fundação desta cidade citamos o seguinte trecho do « Diccion. Geograph. » de M. de Sainte Adolphe :

« Quando os Hollandezes se apossarão, nos fins do anno de 1634, desta provincia, havia já uma aldêa de indios Potyguaras chamada Mamanguape. Nella se estabelecerão os Jesuitas depois de expulsos os Hollandezes, para doutrinarem os Indios já neste tempo dispostos a receber o baptismo e edificárão uma igreja que dedicárão aos apóstolos S. Pedro e S. Paulo. Com o correr do tempo juntárão-se com os Indios um grande numero de colonos, mas a differença de costumes e modo de pensar dos novos moradores foi occasião de rixas e dissensões, que obrigárão as autoridades a interporem-se, fazendo installar os Indios n'um alto visinho do rio que ficava muito mais perto

do mar do que a antiga aldêa e, em compensação da mudança, foi a nova aldêa chamada villa com o nome de Montemór, e a igreja, de que é orago a Senhora dos Prazeres, aleançou o título de parochia; mas por fatalidade a conhecida incapacidade dos Indios em tudo quanto diz respeito á administração, fez com que as autoridades municipaes ficassem residindo na povoação de Mamanguape, que é muitas vezes qualificada de villa, bem que este titulo pertença realmente á Montemór, vulgarmente appellidado « *aldêa da Preguiça.* »

No municipio de Mamanguape existem as seguintes povoações :

Montemór ou Preguiça, nome porque é vulgarmente conhecida, como vimos, a antiga villa de Indios, na distancia de duas leguas; Marcação á quatro leguas; Jacaraú, importante povoação; S. João, e Aracagy, nome do principal tributario do rio Mamanguape, por este rio acima, já nas proximidade do municipio de Guarabira.

No municipio de Mamanguape existe uma grande caverna, em terrenos calcareos, segundo nos informão. No valle do rio até umas nove leguas acima de sua foz existem muitos engenhos de assucar, sendo todo esse espaço regado por numerosas ribeiras ou riachos, cujos nomes indigenas, hoje na maior parte perdidos, são: Itaberaba, Caruábucema, Guaratauy, Tatuy-nambuca, Nanay, Cuandú, Itapecirica, Omari-pitanga, Ipooça, Macuranaguaba, Tarapuima, Aiy, Jaraguá, Orupema, Tuijarú-guereguaba, Caramby,

Cibamby, Ibitirapua, Caraguatá, Maracujá, Itacuarurú, etc.

GUARABIRA — Nova cidade, antiga villa de Independencia, fica 10 leguas a Oeste de Mamanguape e 20 á Noroeste da Parahyba. Está situada em terreno desigual ao pé da serra da Borborema; é cortada pelo riacho Guarabira, tributario do Araçagy, do qual fica á uma legua de distancia. E' a ultima estação da ferrovia Conde d'Eu, linha do Norte, e por isto tem grande movimento commercial. Possui uma boa igreja matriz, em uma eminencia, reunindo-se na praça frente a uma grande feira de generos alimenticios.

O municipio de Guarabira, que é um dos mais populosos do Estado, tem as seguintes povoações :

Perperituba, duas leguas ao Noroeste, na estrada que segue para Bananeiras, em terreno muito fertil, com boa feira; Mulungú, 5 leguas á Sueste, estação da estrada de ferro, atravessada pelo rio Mamanguape, é uma grande povoação, com boa feira; Cuité de Guarabira, assim chamada para distinguir da villa do Cuité, á uma e meia legua, á margem do Araçagy; Lagoinha, mais affastada duas leguas, nova e prospera povoação; Cachoeira, estação da via-ferrea; Pilãozinho, Barra, são tambem povoações ou aggregados de casas deste municipio.

ITABAYANA — A' margem direita do rio Parahyba, na distancia de 15 leguas da capital, é a mais nova das cidades do Estado, sem deixar por isto de ser uma das mais importantes do interior em população, e principalmente pelo movimento commercial que dá-lhe a feira de gados de açougue; tem duas pequenas igrejas.

Esta cidade pertence á freguezia da villa do Pilar, da qual dista tres leguas, mas no seu municipio e com essa estão comprehendidas a freguezia de Gurinhem e parte da de Mogeiro.

As povoações deste municipio são :

Gurinhem, á margem do rio do mesmo nome, antiga, com uma igreja matriz ; Páo-ferro, estação da estrada de ferro, distante uma e meia legua de Gurinhem ; S. José, ao Noroeste, na extrema do municipio com uma capella ; Salgado, grande povoação, á margem direita do Parahyba, duas leguas ao Poente, com uma igreja e boa feira de generos alimenticios. Entre esta povoação e Itabayana, á igual distancia de ambas, está a povoação de Guarita, notavel pelos seus bons predios particulares e por uma bonita igreja, architectura gotica, que se está construindo.

As duas margens do rio Parahyba, desde Itabayana até Salgado, e mesmo além até a povoação de Dous Riachos, espaço de tres leguas, são o territorio da Catinga que tem mais densa população, calculada em uns quatro mil fogos.

XVII

CICADES DA BORBOREMA E ALEM DA SERRA

BANANEIRAS—Situada sobre a Borborema, 27 leguas ao Noroeste da capital e 8 ao Norte da cidade de Areia, é importante centro de agricultura, principalmente de café e fumo. Esta cidade tem duas ruas principaes: uma na *varzea*, onde se faz a feira e estão as suas casas de commercio, atravessada por um riacho perenne, sobre o qual ha uma ponte; a outra se desenvolve por um monte até a extrema da cidade denominada Palhaveró. Possui uma igreja matriz, magestoso templo, ainda não concluído, e uma outra igreja, cadeia publica, e alguns edificios particulares de bella apparencia.

E' uma das localidades do Estado mais bem servidas de excellente agua; dois correntes que descem da montanha que a circumda, a fornecem em abundancia. Não são calçadas as suas ruas, e o seu sólo argiloso torna penoso o transito no tempo das chuvas.

Neste municipio ha as seguintes povoações:

Chã do Moreno, uma legoa ao Poente, em uma bella planicie; Serraria, quatro leguas, ao Sul, já nos limites; Pilões, de Bananeiras ou do Maia, para distinguir da villa do mesmo nome.

Quatro leguas ao Poente da cidade de Bananeiras,

exactamente na extremidade do municipio, é a localidade denominada Santa Fé, onde existe a principal casa de caridade do padre Ibiapina.

O missionario Dr. padre José Antonio de Maria Ibiapina exerceo tão grande influencia nos sertões da Parahyba e das provincias visinhas que não póde deixar de occupar lugar muito distincto em sua historia.

A sua memoria é e será sempre muito venerada pelos beneficios que sempre espalhou e pelos exemplos que deu de suas virtudes durante os longos annos do seu apostolado. Foi em Santa Fé que falleceu e ahi em modesto tumulo descança o seu corpo.

A casa de caridade compõe-se de uma grande casa terrea, havendo outras menores ao lado. No principal edificio reside a directora, todo o corpo docente das orphãs pobres que de todas as idades ahi existem sempre em numero crescido. Ensina-se primeiras lettras, costura e outros trabalhos de agulha ; mas a principal occupação é o fabrico de rédes e panno grosso de algodão, com que se sustenta o estabelecimento.

Santa Fé está á vista da povoação de Arara, á um kilometro de distancia pouco mais ou menos ; um riacho que passa entre os dous lugares, divide o municipio de Pilões do de Bananeiras.

O rio Curimataú corre entre este municipio e o de Ararema que fica ao Norte.

AREIA OU BREJO DE AREIA. — 25 leguas da capital, e 9 da cidade de Campina-Grande, que fica-lhe ao Sul, situada em uma lombada da Borborema, um dos pontos mais elevados em sua parte oriental.

Esta cidade não é a mais populosa depois da ca-

pital, mas incontestavelmente é a que tem edificação mais regular em um terreno escasso, dando por dous lados para despenhadeiros. As suas principaes ruas são calçadas e toda ella apresenta um aspecto de asseio que impressiona agradavelmente. Possui uma soffrivel matriz, a de N. S. do Rosario, e a igreja de Santa Rita; hospital creado pelo Padre Ibiapina, theatro, e um edificio que serve de cadeia publica (pavimento terreo) e de paço municipal (andar superior). Quatro fontes principaes a abastecem de boa agua. Tem estabelecimentos commerciaes de alguma importancia e a sua feira de generos alimenticios é uma das mais antigas e das principaes, sinão a principal, do Estado. Possui uma officina typographica, onde é editado um periodico.

Na segunda metade do seculo XVII, quando foi descoberto e colonizado todo o interior da Parahyba, o territorio em que se acha esta cidade e seu municipio foi chamado sertão do Bruxaxá—e fez parte da freguezia de Mamanguape até a criação de sua parochia, em 1813. Elevada á villa em 1815, cresceu rapidamente; de sorte que quando, mais tarde, o governo imperial dividio a Parahyba em tres comarcas, foi Areia a séde da segunda, que comprehendia quasi todo o planalto da Borborema, os brejos e os sertões do Cariry e Curimataú.

Ahi teve lugar em Fevereiro de 1849 o ultimo combate da revolta praieira apparecida em Pernambuco no anno anterior.

Os rebeldes, depois do malogrado ataque do Recife (2 de Fevereiro) invadirão a Parahyba e forão re-

fugiar-se em Areia, onde contavão com o auxilio do prestimoso chefe liberal, tenente coronel Joaquim J. dos Santos Leal, vulgarmente conhecido pelo nome de major Quincas. Erão perseguidos de perto pelas forças legaes, as quaes, apesar de combaterem em terreno desvantajoso, porque subião a montanha, levárão de vencida os revoltosos e tomárão a cidade, depois de seis horas de fogo.

Areia distingue-se por ter sido a primeira localidade na provincia que fundou uma sociedade abolicionista da escravidão ; idéa que mais tarde foi seguida pela visinha cidade de Campina e dahi não passou. A «Emancipadora Areiense», dirigida por Manoel da Silva, tenaz na propaganda que fazia com a fé de patriota, vio coroados os seus esforços a 3 de Maio de 1888, dez dias antes da promulgação da lei que extinguiu a escravidão no Brasil.

Areia é patria dos pintores Pedro Americo de Figueiredo e Aurelio de Figueiredo, irmãos.

As povoações deste municipio são :

Lagôas ou Lagôa do Remigio, tres leguas ao Poente, florescente e com bons terrenos para cultura de fumo que é ahi feita em grande escala ; Matto-Limpo, na distancia de uma legua; e Muquem, insignificante, á uma e meia legua.

O municipio de Areia tem uma parte destinada á criação, que é muito secca ; a parte da agricultura, porém, compõe-se de terrenos ferteis e bem regados por diversos ribeiros perennes, como o Mandahú, Macahyba e outros. Constitue o mais poderoso centro da cultura de canna do interior do Estado, succeden-

do-se os engenhos a pequenos espaços em numero superior a oitenta.

CAMPINA-GRANDE. — Está também sobre a Borborema, trinta leguas ao Poente da capital e a quatorze pouco mais ou menos da extrema da Parahyba com Pernambuco. Situada em terreno accidentado entre os rios ou riachos Bodocongó e Ingá, á meia legua de cada um, occupa perimetro relativamente extenso, porque algumas de suas ruas são separadas por grandes espaços sem edificação.

Em 1883 esta cidade tinha cerca de quatro mil habitantes e era talvez a mais populosa e prospera do interior do Estado ; porém, havendo depois desse anno seccado o seu grande deposito d'agua, conhecido pelo nome de—Açude Velho—, o unico refrigerio da criação e do commercio de transito de um vasto territorio, é provavel que tenha diminuido o numero de seus habitantes.

A cidade é mal provida d'agua potavel; apenas possui duas fontes de dominio particular, as quaes não têm capacidade para a abastecer regularmente nos annos mais seccos, o que tem feito generalisar a construcção de cisternas, de cuja agua usam os habitantes mais abastados. Grande parte do povo bebe a agua salôbra de cacimbas do riacho Piabas, que limita a cidade ao Norte e Nascente.

A sua matriz, recentemente concluida, é uma das melhores igrejas de todo o Estado ; tem mais outra da invocação de Nossa Senhora do Rosario, casa de caridade, boa casa de camara municipal com todas as accomodações para o tribunal do jury e audiencias

das autoridades, e uma das cadeias mais seguras do Estado.

Passando por Campina a principal estrada que liga os sertões da Parahyba e Rio-Grande do Norte ás cidades da Parahyba e Recife, é por isto muito animado o seu commercio de transito, principalmente em certos dias da semana, de quinta-feira até sabbado, quando são feitas as suas grandes feiras de gados, e de generos alimenticios.

Possuia uma officina typographica, onde durante tres annos imprimio-se a *Gazeta do Sertão*, que redigimos até que o *machado* dos odios politicos a destruiu no dia 6 de Maio de 1891. Registramos este attentado, porque elle marca época notavel na historia desta cidade e tambem do Estado, por ser resultado do governo *republicano*, que durante dois annos alli implantou uma oligarchia militar.

Campina-Grande é uma das localidades mais antigas do interior do Estado: principiou sendo uma aldeia de indios Cariry; freguezia em 1769, foi elevada a villa com o nome de Villa Nova da Rainha a 20 de Abril de 1790; mas este nome official desapareceu, prevalecendo o antigo, Campina, por que foi sempre conhecida. Conservou-se por mais de 60 annos sem progresso algum notavel; porém de 1860 para cá tem augmentado tanto que a sua população quadruplicou apesar da escassez de agua potavel, de que sempre se ressentio.

Foi no municipio dessa cidade que teve principio em 1875 o movimento popular denominado — Quebrakilos—, na serra Bodopitá, 4 leguas ao Sul da cidade.

Essa população serrana, ignorante e imbuida de prejuizos, já se tinha opposto em 1852 á execução de uma lei censitaria que chamárão *lei do captiveiro*, movimento que ficou conhecido na chronica local pelo nome de *Ronco da abelha*.

A sedição *quebra-kilos* foi feita por esta mesma população, sem o menor plano preconcebido, e, devido á diversas causas e circumstancias, percorreu a maior parte da provincia, alastrando-se pelas visinhas, e chegando mesmo até á das Alagôas.

A turba desenfreada queimou nessa cidade e em muitas outras os cartorios e archivos municipaes.

Para suffocar a sedição foi impotente o governo provincial; da capital do imperio partirão forças commandadas pelo general Severiano da Fonseca, que, sem um combate siquer, sem a menor resistencia, occupárão Campina.

Os sediciosos, apezar de numerosos, debandarão-se, porque não tinham um chefe capaz de os dirigir.

A punição do crime foi pretexto para as maiores violencias por parte das forças occupantes: centenares de populares de todas as idades forão presos, sujeitos ao suplicio de *collete de couro* e remettidos para capital do Imperio.

Podemos assegurar, como testemunha de vista, que não é verdadeira a opinião dos que dizem ter sido a sedicção—*quebra-kilo* promovida pelo clero parahybano e principalmente pelo missionario Padre Ibiapina.

A causa foi a decretação de novos impostos pela

assembléa provincial da Parahyba em sua sessão desse anno. A noticia chegou á essa população pobre e ignorante de tal modo augmentada e extravagante, que despertou logo um odio geral contra o governo, que chamava—dos doutores ou bachareis. Querião um governo de homens rusticos como elles.

Neste estado de exaltação de espirito estava o povo quando poz-se em execução a lei que estabelecia o systema metrico decimal, cuja vantagem não podendo por elle ser comprehendida, fez explodir a mina já preparada.

Os novos pesos, para esse povo, symbolisavão o augmento dos impostos, a tyrannia do governo, e por isto fez convergir para elles o seu odio. Deste facto, pois, proveio o nome de *Quebra-kilos*, dado aos sediciosos, os quaes o maior mal que causarão foi a destruição de documentos preciosos com a encineração de muitos archivros publicos.

Era vigario desta freguezia o padre Virginio Rodrigues Campello, quando foi eleito deputado ás côrtes portuguezas.

Na antiga cadeia desta cidade esteve preso em 1824 o patriota Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.

Entre as povoações que existem neste municipio a mais notavel é a de Pocinhos, 6 leguas á N. O., collocada entre grandes penedias e serrotes, uma legua distante do rio Curimataú; tem umas 40 casas, uma soffrivel igreja em reconstrucção, casa de caridade, instituida pelo padre Ibiapina, e uma pequena feira semanal; em seu districto nascem os rios Mamanaguepe, Araçagy, Bodocongó e Santa Rosa.

Essa povoação, cujo nome é devido aos pequenos poços que primitivamente formavão o seu olho d'agua, convertido depois em açude, principiou como fazenda de criação, sendo de 1815 a 1817 construida a sua capella de Nossa Senhora da Conceição.

Na sua singella historia ha dous factos salientes, que ficarão impressos na memoria popular.

Em Fevereiro de 1349, derrotados os revoltosos liberaes no combate de Areia, como deixamos narrado, procurarão o sertão e na manhã do dia seguinte chegarão a Pocinhos, transpostas em uma noite as dez leguas que separão esta povoação daquella cidade. Alli os chefes revoltosos Borges da Fonseca, B. J. da Camara Santos Leal e outros formárão conselho e resolvêrão o licenciamento e dispersão das suas forças em razão da inefficacia da resistencia. Separarão-se os chefes em diversas direcções disfarçados em vaqueiros.

Guardamos como a mais remota recordação da infancia essa entrada das forças rebeldes, carregando os seus feridos, e obrigadas pela fome á abater o gado que procurava a *bebida* á tiros de clavinotes e bacarmates.

O outro facto refere-se á sedicção quebra-kilo.

Occupada a cidade de Campina pelas forças leaes ao mando do general Severiano da Fonseca, fez elle destacar no dia immediato o capitão Piragibe (hoje coronel), com um piquete de cavallaria até Pocinhos. Era um dia de domingo; a população achava-se reunida para ouvir missa, quando foi

repentinamente invadida e occupada toda a povoação pela dita força.

O capitão Piragibe dispoz os seus soldados em um circulo na praça que fica junto á igreja, e mandou que para ella entrassem todos os habitantes.

Fez a sua escolha, dando liberdade aos velhos e valetudinarios, e apurando uns quarenta homens dos que lhe parecerão mais robustos, ordenou que fossem amarrados com cordas de caruá, e assim conduzio-os até Campina, onde forão lançados na cadeia.

Convém advertir que os habitantes dessa povoação, reconhecidamente pacificos e ordeiros, não tomarão parte na sedição.

As outras povoações do municipio de Campina-Grande são: Boa-Vista, 10 leguas á O., na ribeira de dominada Santa Rosa, com uma igreja, tem feira; S. Sebastião, tres e meia leguas ao N., com uma capella e boa feira; Marinho, uma legua, á E.; Mulungú de Cabaças, assim chamada para distinguir da outra povoação de igual nome no municipio de Guarabira, cinco leguas á E.; tem uma capella, mas, apesar de estar situada em terreno fertil, é insignificante.

A freguezia de Campina-Grande comprehende ainda o municipio de Fagundes, creado ultimamente, e o districto de S. Francisco, desligado quando foi creada a comarca de Soledade, para fazer parte do respectivo municipio.

POMBAL — 85 leguas a O. da capital, está assentada á margem direita do rio Piancó, na distância de uma legua de sua confluencia no Piranhas. Tem duzentos e trinta predios, duas igrejas, uma das quaes ainda

não concluída, e cadêa, a maior e melhor do interior do Estado.

Pombal, apesar de ser, como villa, a mais antiga do sertão, é a menor das dez cidades da Parahyba. Acha-se estacionaria desde muitos annos. Principiou por uma aldêa de indios Carirys, da tribu Pégas, tendo o nome de Piranhas. Por carta régia de 22 de Julho de 1766 foi elevada á villa; mas a sua installação só teve lugar a 4 de Maio de 1772, sendo mudado o nome de Piranhas para Pombal, em honra do celebre ministro. A sua jurisdição então estendia-se á vastissimo territorio na Parahyba, e tambem no Rio-Grande do Norte, desde Patú até o Seridó.

Esta cidade está para os municipios vizinhos nas seguintes distancias: para a cidade de Sousa, 10 leguas; para a villa de Piancó, 14; para a de Patos, 18; para a de Catolé do Rocha, 12; e finalmente para a do Brejo do Cruz, 14.

Pombal é patria do celebre naturalista Manoel de Arruda Camara.

Em seu municipio existem as seguintes povoações: Malta, 9 leguas á S. E.; Paulista, 6 leguas á N. E.; e Varzea-Comprida, 2 leguas á O. Cada uma dellas têm capella de uma mesma invocação, de Nossa Senhora da Conceição; sendo a padroeira da freguezia Nossa Senhora do Bom-Successo.

As serras do municipio são: a do Mellado, que vem de Patos e corre no rumo de E. á O.; a do Muleque, que tem a direcção de S. á N.; e a do Commissario, que vem de Sousa, tem o rumo de O. á E. As serras do Commissario e do Mellado são agricolas.

Sousa. — 95 leguas da Capital, á margem esquerda do rio do Peixe, em dilatada campina. Tem umas trezentas casas, tres igrejas, das quaes a matriz nova em construcção é um magestoso templo, casa de caridade, do padre Ibiapina. A sua feira de generos alimenticios é abundante.

Sousa foi uma aldêa de indios Carirys, da tribu Icós, sendo elevada á villa em 1800; soffreu muito com a secca de 1877 e d'ahi para cá tem se conservado estacionaria.

As povoações do municipio são : Lagôa-Tapada, 5 leguas ao S ; Belém, 5 leguas ao N. e outros aggregados de casas.

As varzeas e planicies dessa comarca são muito proprias para a criação de gado, e crião grandes manadas de ovelhas e refazem todos os annos milhares de cabeça de gado vaccum, vindas do Piauihy. São numerosos os açudes nas fazendas, havendo muitas engenhocas de rapadura. Nas proximidades da cidade de Sousa ha grandes jazidas de boa pedra de cantaria.

CAJASEIRAS — 105 leguas da capital e 10 ao O. de Sousa, á pequena distancia da extrema da Parahyba com o Ceará. Tem uma soffrivel matriz e mais duas igrejas, grande casa de caridade em uma collina contendo boa capella, vasta casa de educandos de ambos os sexos, outra para a velhice desamparada e ainda outra para artes e officios.

Essa cidade deve a sua fundação ao illustrado e benemerito parabybano padre Ignacio de Sousa Rolim com a criação do seu celebre collegio de instrucção primaria e secundaria. Em menos de 30 annos,

até 1876, Cajaseiras prosperou tanto que passou de simples povoação ou antes de fazenda á categoria de cidade, sendo então a mais commercial e populosa do sertão. A secca de 1877, porém, fê-la soffrer muito, e ainda não conseguiu readquirir a importancia perdida. O seu celebre collegio, que tão relevantes serviços prestou á mocidade dos sertões da Parahyba, Ceará, Pernambuco e Piauihy, deixou de funcionar.

Um grande açude que ha nas immedições abastece a cidade de agua e peixe; o fertil terreno produz grande quantidade de fructas.

O venerando ancião, padre Rolim, filho dessa localidade, e o fundador da cidade, ahi reside, contando mais de 90 annos. De seus trabalhos litterarios existem publicados um — *Tratado de Historia Natural* — e uma *Grammatica da lingua grega*.

No municipio de Cajaseiras não existe nenhuma povoação; possui alguns açudes notaveis entre os quaes o da Quixaba, propriedade do coronel Vital de Souza Rolim; o do Descanço e de outras fazendas, onde ha engenhos e plantações de cannas.

A cidade de Cajaseiras está distante 9 leguas de Lavras, e 15 de Milagres, villas do Estado do Ceará.

XVIII

VILLAS

(Do littoral até a Borborema)

CONDE OU JACOCA.—Pequena e antiga villa, 4 leguas ao S. da capital, á margem de um ribeiro do mesmo nome, tributario do Gramame.

Na occupação hollandeza, já existindo a aldêa Jacoca ou Jacuóca (morada de jacús), de indios Tabajaras, elles a accrescêrão com os indios de Pindaúna, outra aldêa, e ás duas reunidas derão o nome de Mauricia, de que nomeárão capitão o inglez João Harisson.

Findo o dominio hollandez, os Portuguezes elevarão a aldêa Mauricia á freguezia e depois á villa com o nome de Conde; mas não tendo ella em largos annos apresentado a menor prosperidade, antes decahindo sempre, foi afinal extincta, ficando nesta parte da provincia sómente a villa de Alhandra, embora do mesmo decadente.

Uma lei provincial creando a comarca de Pitimbú, deu a esta povoação a dignidade de villa, perdendo-a Alhandra por sua vez. Finalmente, ha quatro ou cinco annos, por uma outra lei Pitimbú perdeu igualmente a sua qualidade de villa, readquirindo-a Conde, que é hoje séde da comarca e do municipio.

Existem ahi as seguintes povoações: Alhandra, antiga aldêa Arataguy, 9 leguas da capital e 5 do

Conde; foi villa durante mais de meio seculo até que com a creação da comarca de Pitimbú perdeu esta dignidade, de que tinha desmerecido. Tem igreja matriz e algumas dezenas de casas de palha. Está situada á margem do pequeno rio Ipopoca, tributario do Abiaby,—Taquara, antiga povoação e freguezia, que fez parte da capitania de Itamaracá, a 1 legua de Pitimbú e 2 da foz do rio Goyanna já era um curato antes de 1592. Tem tres igrejas, o que indica que outr'ora foi prospera, mas actualmente é inteiramente decadente. Boca da Matta, ao O. da Taquara, na extrema da freguezia, tem uma capella—Pitimbú, conhecida antigamente pelo nome de Porto-Francez, grande povoação, duas ou mais vezes maior do que a propria villa do Conde, séde da comarca, da qual dista 7 leguas. Está na praia, 2 leguas ao N. da foz do rio Goyanna, á margem de um ribeiro do mesmo nome, que ali fórma um maceiô ou pantano, fóco de febres palustres. Tem uma igreja de N. S. do Bomfim, que é hoje matriz, com a mudança da séde da freguezia de Taquara.

Pitimbú gozou por alguns annos do titulo de villa e cabeça da comarca do seu nome; mas os interesses publicos tiveram de ceder aos particulares, sendo rebaixada em favor da povoação do Conde ou Jacóca, que a unica vantagem que offerece é ficar mais perto da capital do Estado, onde quasi sempre residem as suas autoridades judiciarias.

Na foz do rio Goyanna ha a povoação de Guagirú com uma capella; em seguida, acompanhando a praia, Ponta de Coqueiros e ao Norte de Pitimbú,

Jacuman, Carapebús, Tambaba e outros aggregados de casas,

Este municipio é bem regado por muitos rios e regatos perennes; pois, além do Gramame que o limita ao N., no qual entrão diversos ribeiros, tem o Abiahy, do maior cabedal, no qual desaguão numerosos correntes.

As terras, com excepção de alguns taboleiros arenosos, são ferteis e proprias para cultura de canna, que ahi já prosperou; mas hoje está decadente, baixando as grandes propriedades, engenhos, a preço infimo. E' um dos municipios mais aptos p'ra receber colonisação estrangeira; e talvez sómente por este meio se podesse erguer do abatimento em que se achão povoações antigas e bem collocadas como Jacóca, Alhandra ou Arataguy e Taquara, dando-se-lhes ao mesmo tempo facilidade de comunicação com a capital.

BAHIA DA TRAIÇÃO — Entre a bahia do mesmo nome ou Acejutibiró e o lago formado pelo rio Sinimbú, em situação aprazivel, fica esta villa, cujas casas, na maior parte cobertas de palha, são numerosas. A igreja matriz está a quasi dous kilometros de distancia, na outra margem do lago, em um morro, cercada de umas vinte choupanas. Este bairro, chamado S. Miguel, é a antiga aldêa de indios Potyguaras.

O lago formado pelo rio Sinimbú tem quasi tres leguas de comprimento e desagua no rio Mamanguape, estendendo-se de N. a S. Na extremidade dessa pe-

ninsula, na foz do Mamanguape está a povoação de Coqueirinhos.

Além desta povoação o municipio conta diversos outros aggregados de casas.

SANTA RITA—Antiga freguezia (1839) e nova villa, 2 leguas ao O. da capital, á margem direita do rio Parahyba. Tem a igreja matriz e uma outra, ambas pequenas; é estação da estrada de ferro e possui boa feira de generos alimenticios.

Em seu municipio existem as seguintes povoações: Soccorro e Batalha, insignificantes, mas interessantes pelas recordações historicas, á mesma margem do Parahyba, sobre o qual existe uma solida ponte, bem conhecida pelo nome do ultima dos ditos povoados.

Espirito-Santo ou Cruz do Espirito-Santo, grande povoação, igual pelo menos á séde do municipio e comarca, á margem esquerda do rio. Tem uma boa feira. — Livramento, séde da freguezia do mesmo nome, creada por alvará de 2 de Setembro de 1813, em terreno elevado, também á margem esquerda do Parahyba, entre a capital do Estado e a sua foz. Tem igreja matriz, é pequena povoação e decadente. — Forte-Velho, em seguida, á mesma margem do rio, que ahi tem pelo menos uma legua de largura, de frente da ilha da Restinga. O seu nome recorda a fortificação que ahi construirão e mantiverão os Francezes antes de qualquer outra occupação de europeos,

Os Potyguares, seus fieis alliados, em porfiados combates resistirão aos Portuguezes que acabarão

sempre tomando o forte e destruindo-o, expellindo os Francezes, que se concentrarão na feitoria da bahia Traição.

Perto desta povoação, em elevado morro, está a igreja de N. S. da Guia, antigo hospicio da Ordem de Carmo, um dos pontos da costa mais visiveis do alto mar. A igreja é bôa, porém está se arruinando e tem ao lado um aggregado de cabanas. Para ali forão transferidas no principio da occupação hollandeza os indigenas das aldeias de Jacuipe e Pontal. Entre Forte-Velho e o morro de N. S. da Guia passa o ribeiro Curay, impropriamente chamado rio da Guia.

Adiante deste ponto, exactamente na foz do Parahyba, defronte da fortaleza do Cabedello, é o lugar onde existio o forte de Santo Antonio; e da ponta que depois forma a costa para o N. estende-se a grande povoação de Lucena, talvez o maior nucleo de população do municipio.

As maiores propriedades assucareiras do Estado se achão no municipio de Santa Rita, que é patria do bravo coronel Dr. Luiz Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o qual ali residio até marchar para a guerra do Paraguay, onde na mortifera batalha de Lomas Valentinas, perdêo a vida.

PEDRAS DE FOGO. — 12 legoas á S. O. da capital, sobre a linha de limites com Pernambuco, onde se confunde com a cidade de Itambé, pertencente á esse Estado. Esta villa possui uma excellente igreja de N. S. da Conceição, obra moderna, e boa casaria. Teve principio com a fundação de uma feira de gado na esplanada em que acha-se situada, por onde passa a es-

trada para as cidade de Goyanna e Recife. e que ali divide as aguas dos rios Capiberibe-mirim e Gramame.

O Diccion-Geograph. de M. de Saint-Adolphe diz o seguinte a respeito de Pedras de Fogo :

« Povoação cujo termo se acha repartido entre as provincias de Parahyba e Pernambuco....

Em Junho de 1839 os moradores de seu termo dirigirão uma representação á assembléa geral, na qual lhe pedião que os incorporasse na provincia da Parahyba, a qual como não fosse deferida, continuou o termo de Pedras de Fogo á ficar assim bipartido, e tem sido o theatro de várias commoções politicas. Nelle se ajuntarão em Outubro de 1841 varios descontentes que intentarão assassinar o presidente da provincia Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, e logo no anno seguinte tambem nelle ajuntarão armas e munições os que pretendião mancommunar-se com os descontentes do Exú. Com razão, pois, perguntou um deputado em 1843 á assembléa geral se não era possivel collocar-se debaixo da administração de uma só provincia o termo bipartido da povoação de que tratamos. »

Nesta villa nasceo o bispo D. Fr. Vital, de immortal memoria.

Este municipio abrange o territorio da freguezia de Itaipú, cuja matriz está na povoação deste nome, á margem esquerda do rio Parahyba, na distancia de 5 legoas de Pedras de Fogo e 10 da capital.

Itaipú foi creada freguezia em 1745, tem boa igreja matriz, assentada em terreno elevado, boa feira ; o seu estado é prospero de alguns annos para cá. Fica á pouco mais de um kilometro da Cuiteseira, estação

da estrada de ferro, linha do Pilar: Além de Itaipú tem o municipio a povoação de Sobrado, prospera e com boa feira; distante uma legua da estação de Sapé, linha ferrea de Guarabira; e outros aggregados de casas.

PILAR. — Em uma planicie á margem esquerda do rio Parahyba, 12 leguas da capital e 1/2 á O. de Itaipú. Principiou por uma aldêa de indios Carisys e da tribu *Curema*, segundo refere um manuscripto da Bibliotheca Nacional: « Os Jesuitas edificarão junto á igreja de Nossa Senhora do Pilar um collegio, onde os doutrinavão. No fim do seculo XVII aggregarão-se-lhes alguns aventureiros atrahidos por algumas minas de ouro que em breve se esgotarão. »

Ignora-se hoje onde tenham sido essas minas.

Foi elevada á villa em 1763. Tem boa igreja matriz, ainda não concluida, casa de bella apparencia, e numerosas casas particulares. E' estação terminal da estrada de ferro. Com a prosperidade da visinha cidade de Itabayana, que fica-lhe tres leguas ao O., parece estacionaria se não deccaente, apezar da fertilidade do seu terreno ribeirinho.

Neste municipio existem: — Serrinha, grande povoação, tres leguas ao S., pertencente aos dous Estados da Parahyba e Pernambuco: — e Canafistula, 4 leguas ao N., com uma capella e feira distante pouco mais de legua de Araçá, estação de estrada de ferro.

No municipio do Pilar nasceu o Visconde de Calvalcante.

INGÁ. — Em ambas as margens do pequeno rio de

seu nome está situada esta villa, distante 22 leguas a O. da capital.

A povoação do Ingá foi elevada á villa por lei provincial de 3 de Novembro de 1840 com o nome de villa do Imperador, que só foi usado officialmente por pouco tempo.

Os seus edificios mais notaveis são : a matriz, boa igreja recentemente construida, uma outra de Nossa Senhora do Rosario, pequena e em construcção, um excellente paço municipal.

A agua das cacimbas do rio Ingá não sendo potavel pela grande quantidade de sal que contém, os habitantes desta villa usão a de Serra-Verde, á mais de uma legua de distancia, a fonte mais proxima da villa; e por vezes, quando fallece este manancial, vão busca-la na serra Bodopitá, na distancia de tres.

Este municipio contém duas freguezias e uma de suas povoações é : Mogeiro de Cima, tres leguas á E., séde da freguezia do mesmo nome, com uma boa igreja matriz ainda não concluida. Um kilometro adiante é a povoação de Mogeiro de Baixo, outr'ora florescente, hoje decadente. Contém maior numero de casas do que Mogeiro de Cima, da qual não é mais do que uma continuação. Com a criação da comarca de Itabayana foi-lhe reunida aquella povoação, desligada da do Ingá.

Na extrema das freguezias de Mogeiro e Ingá, á igual distancia de ambas as sédes parochiaes, fica a pequena povoação de Gamelleira; e na distancia de quatro leguas a S. E. a de Dois-Riachos á margem do rio Parahyba.

Ao S. da villa, tres leguas, está Cachoeira de Cebollas, importante povoação, com uma capella, á margem do rio Cayuararé ou Surrão.

Na estrada que segue do Ingá para a cidade de Campina ha as seguintes povoações, em seguida uma das outras: Varzea-Nova, á meia legua de distancia; Bacamarte, com uma capella, uma legua adiante; Riachão, a maior, com uma capella em construcção, meia legua depois. Em continuação, subindo-se a Borborema, os aggregados de casa, de Cafula e Logradouro, onde começa o municipio de Campina.

Pelo lado do N. chega o municipio até a povoação de Agua-Doce, nome que não lhe pôde caber, porque é salôbra a agua que lhe dá o terreno em que é situada. Sómente metade desta povoação pertence ao municipio do Ingá, a outra metade com a capella faz parte do municipio e freguezia de Alagôa-Grande. E' logar prospero e tem boa feira.

A parte mais importante deste municipio é a que fica sobre a Borborema, onde estão as povoações de Serra-Redonda e Serra do Pontes, ao N. O.: a primeira fica sobre um dos cumes da serra, tem a melhor feira do municipio, e maior desenvolvimento commercial do que a propria villa do Ingá, da qual dista quatro leguas. E' separada da segunda apenas por uma pequena legua. Serra do Pontes é povoação risonha, mas decadente, em razão da visinhança de Serra-Redonda, cujos terrenos são mais frescos e productivos.

Um dos traçados apresentados para o prolongamento da ferro-via Conde d'Eu até a cidade de Cam-

pina-Grande atravessa o municipio do Ingá ; é o seguinte: partindo do Pilar, tocará em Itabayana, Guarita, Salgado, Mogeiro, Ingá ; passará ao valle do Cayararé ou Surrão e, seguindo por elle acima, irá beirando a serra Bodopitá, e aproveitando a depressão que ahi offerece a Borborema alcançará facilmente Campina. No valle do Cayuararé a estrada se aproximará á menos de uma legua da mina de ferro de Cachoeira e á menos de duas da villa de Fagundes.

E' este o melhor traçado da via-ferrea de Campina.

ALAGÔA-GRANDE DO PAÓ — Acha-se situada esta villa entre a lagôa que lhe dá o nome e a margem direita do rio Mamanguape, ao pé da Borborema, 22 leguas, pouco ou menos, a O.da Capital.

E' muito favoravel a sua posição para o commercio, porque além de possuir bons terrenos, por ahi passam todos os productos de exportação dos municipios serranos de Areia, 3 leguas ao Norte, e Alagôa-Nova, 4 leguas a O., e de partes dos de Campina e Ingá á S. O. e S.

A lagôa, quando cheia, ocupa um espaço de cerca de tres kilometros de comprimento com largura quasi igual e communica com o rio Mamanguape, o que dá ao terreno da villa a fôrma de península. O Mandahú e o Urucú, dos ribeiros que descem da serra, fazem barra no Mamanguape defronte da villa, que tem uma espaçosa e bem acabada matriz, mais outra igreja e numerosas casas. E' localidade prospera, bem bonita e tem boa feira.

As povoações do municipio são: Rapador, dis-

tante legua e meia, na estrada que segue para a capital;—metade da povoação de Agua-Doce, a 5 leguas ao S. com uma capella; e Espalhada, insignificante povoado, 2 leguas á O., nos limites com o municipio de Alagôa-Nova.

Já é de muitos annos negocio resolvido o prolongamento da via ferrea Conde d'Eu da estação Mulugú até esta villa, 5 leguas de terreno facil; mas, apezar de annunciado cada anno, ainda não forão iniciados os respectivos trabalhos ultimamente. O governo republicano, querendo estender de Alagôa-Grande até Campina o dito prolongamento, já mandou proceder aos necessarios estudos graphicos até essa cidade, 9 leguas. E' este o outro traçado que se offerece para a estrada de ferro de Campina.

XIX

VILLAS DA BORBOREMA

SERRA DA RAIZ. — Está a 24 leguas ao N. O. da capital sobre a serra de Cupaóba, nome deste prolongamento da Borborema, hoje sómente conhecido pelo de *Raiz*, que nada exprime. E' villa pequena e parece decadente, com quanto esteja situada em bons terrenos de agricultura. Possui soffrivel igreja matriz, paço municipal e goza de ar muito puro e fresco.

Não consta que esta villa jámais tivesse o nome de *Maia Branca*, que lhe dá o « Diccion. Geograph. » de M. de S. Adolphe.

Neste municipio ha as seguintes povoações: Caiçara, 2 leguas ao N., além da serra, á margem direita do rio Curimataú: possui uma igreja, e apesar de se achar em terreno muito secco, tem maior animação commercial do que a séde do municipio, que por algum tempo já foi ahi; Belem ou Gengibre em uma depressão da serra, 3 leguas á O., perto dos limites com Bananeiras. E' povoação grande e a de maior trato commercial do municipio.

ARARUNA. — Sobre a serra do mesmo nome, 7 leguas ao N. de Bananeiras, fica esta villa, que é medíocre, e na qual nenhum predio póde-se notar além de sua igreja matriz. A serra de Araruna, que tem bons terrenos de agricultura, é separada da Borborema, pelo estreito e pedregoso valle do Curimataú.

No municipio desta villa, que se limita com os de Bananeiras, Cuité, Serra da Raiz, e com o estado do Rio-Grande do Norte, ha as povoações do Tacimo e Riachão.

PILÕES. — Nova villa, desligada do municipio de Areia, da qual dista cerca de quatro leguas. E' localidade pequena, em que apenas destaca-se a sua matriz, mas por estar no centro do Brejo o seu municipio possui engenhos e importantes sitios de agricultura e população numerosa.

As suas povoações são : Arára, a O., grande e com boa feira; está á vista a casa de caridade de Santa Fé, de que já nos occupamos, e Serraria, outra povoação nos limites com Bananeiras ao N., pertencente aos dois municipios como já ficou dito.

ALAGÔA-NOVA — Esta villa acha-se situada em uma estreita lombada, entre a pequena lagôa que dá-lhe o nome e uma profunda gróta, na distancia de tres leguas de Areia, quatro de Alagôa-Grande e seis de Campina, que são os municipios limitrophes. E' mediocre, tem soffrivel igreja matriz de Sant'Anna, e outra de Nossa Senhora do Rosario; já possuio grande movimento commercial, que está hoje muito diminuido.

As terras deste municipio são das melhores, muito povoadas e cultivadas; notando-se as seguintes povoações: Banabugé ou Esperança, grande e aprazivel povoação, tres leguas á O., ao pé de grande rocha, que se estende encoberta por baixo de suas casas. Esta povoação não tem ainda trinta annos, era simplesmente uma fazenda de criação, quando pela sua feliz

situação foi escolhida para o estabelecimento de uma feira de generos alimenticios, que foi a sua origem. As gamelleiras com que a sua principal rua está arborizada forão estacas dos curraes da fazenda. Possui uma espaçosa e bonita igreja, a melhor da freguezia e a sua feira é uma das mais frequentadas.

Banabugé foi sempre o nome deste lugar; mas um missionario que por alli passou mudou-o, sem motivo plausivel, para Esperança, que, por mais auspicioso que seja, deve ser abandonado, prevalecendo o nome indigena, por ser expressivo. No terreno em que está Banabugé e em seu districto ha numerosos tanques ou cavernas obstruidas.

Outra povoação do municipio é Mattinha, 2 leguas ao S., menos de meia legua distante da linha divisoria com o municipio de Campina. E' nova e pequena, mas acha-se situada em bons terrenos e tem feira animada.

Metade da povoação de S. Sebastião com a respectiva capella faz parte da freguezia de Alagôa-Nova, apesar de pertencer toda ella ao municipio de Campina que avança até o rio Mamanguape, dous kilometros além.

FAGUNDES OU BREJO DE FAGUNDES. — Novissima villa, desligada do municipio de Campina Grande; está collocada na fralda meridional da serra Bodopitá, 5 leguas á S. E. desta cidade.

Fagundes foi primitivamente uma aldêa de indios Carirys, que ahi possuia uma legua de terras como patrimonio. Os fertes terrenos da serra atrahindo muitos habitantes para o lugar, os indigenas forão

pouco a pouco desaparecendo, ou fundirão-se completamente na população adventícia; de sorte que a aldeia substituiu uma povoação que se conservou mais ou menos prospera até o meiado deste seculo. Dahi para cá ficou estacionaria por algum tempo, e por fim tornou-se decadente, o que não obistou que fosse levada á villa.

O seu movimento commercial é insignificante; possui uma capella de S. João Baptista, filial da matriz de Campina-Grande, de cuja freguezia faz parte todo este municipio. O trecho da serra Bodopitá, onde é situada esta villa, tem diversos mananciaes, e presta-se bem á cultura do café, que já se acha iniciada.

A unica povoação deste municipio é Queimadas, 3 leguas a O. e 4 a S. de Campina, junto ao boqueirão que existe na referida serra. E' pequena, mas vae prosperando com uma feira melhor do que a da séde do municipio. Possui uma igreja em construção.

UMBUZEIRO—E' outra das villas recentemente creadas está situada na linha divisoria do Estado com Pernambuco, 12 leguas ao S. do Ingá e 15 a S. E. de Campiná. E' mediocre; já teve um tempo de grande animação commercial, mas hoje está um pouco abatida.

Umbuseiro é a séde do municipio e comarca, a séde parochial é Natuba, distante 3 leguas, á margem direita do Parahyba, povoação pequena e decadente, com a igreja matriz da freguezia do mesmo nome que abrange todo o territorio do municipio. O riacho Natuba, que dá o nome á povoação, desce da serra e faz barra ali no Parahyba. Uma legua pelo rio abaixo e na mesma margem está a povoação de Gua-

paba, na embocadura do corrente do mesmo nome.— No extremo do municipio, a E., no cimo da cordilheira, está a povoação de Pirauá, pequena e risonha, com algum tracto commercial; —e na extrema de O. em identica posição, está a povoação de Matta-Virgem, ambas, como Umbuseiro, na linha divisoria dos dous Estados. O municipio ainda possui a povoação de Aroeiras 7 leguas ao N. no meio da catinga, em terrenos proprios para a cultura de algodão. E' nova e vae prosperando.

Pertencem á este municipio as serras de Urussú e Guaribas, destacadas da Borburema, mas fazem parte do seu systema. O rio Parahyba corre em todo o municipio apertado entre serras, tendo pela margem direita a alta cordilheira que divide a Parahyba de Pernambuco e pela esquerda continuados morros e serrotes; forma numerosos poços, dos quaes é mais conhecido pelas pescarias o do Loango, entre este municipio e o de Badocangó.

BADOCANGÓ.—E' uma pequena povoação recentemente elevada á villa, na margem esquerda do Parahyba, onde conflue o rio Badocongó, 9 leguas ao S. de Campina, e 8 a E. de Cabaceiras, de cujo municipio foi desligado este. A villa é tambem conhecida pelos nomes de Barra de Bodocangó e Barra de Sant'Anna, que lhe deu um missionario. A sua posição não deixa de ser commoda, mas é muito pobre e não tem tido o menor incremento; possui uma capella de Sant'Anna, filial da matriz de Cabaceiras, á cuja parochia pertence todo este municipio. Badocangó emquanto fosse elevado á villa em 1890 ou 91 já havia

gosado deste título uns vinte annos antes, quando para ali foi mudada a séde do municipio de Cabaceiras; mas isto durou poucos annos.

Existem neste municipio o insignifiante povoado do Jardim, perto de Matta-Virgem, extrema do S. E.; Riacho de Santo Antonio, ribeiro, muito antigo; e no extremo do O. com o municipio de Cabaceiras, á margem esquerda do Parahyba, a povoação de Boqueirão, a mais antiga aldeia de Carirys, como já ficou dito. Boqueirão tem uma bôa capella, mas é pequena e decadente.

São do municipio as serras Caturité, Bonito e Ignacio Pereira, ramificações da de Carnoyó, que o atravessão em diversos sentidos.

CABACEIRAS — 12 leguas ao S. O. de Campina, á margem do rio Taperoá, uma legua acima de sua junção com o Parahyba, é collocada esta villa. A povoação de Cabaceiras fazia parte do municipio e freguezia de Campina, quando foi elevada á parochia em 1833 e cinco annos depois á villa com o nome de Villa Federal de Cabaceiras. Achandò-se em terreno muito secco e pedregoso nenhum incremento tem tido, antes acha-se decadente. E' uma das villas mais pobres do Estado, mas possue uma boa igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, outra menór da invocação de Nossa Senhora do Rosario, uma das melhores casas de caridade das que instituiu o padre Ibiapina, e algumas casas particulares de boa apparencia.

Neste municipio está a povoação da Barra de S. Miguel, sete leguas ao S., grande e de maior trato commercial do que a villa, porque por ella passa

uma estrada muito frequentada, tem capella. Algodoaes, tres leguas á O., na extrema deste municipio com o de S. João do Cariry, é um insignificante povoado, com uma capella.

CUITÉ — Esta villa acha-se situada no cimo da serra do mesmo nome, em extensa e salubre planicie, 20 leguas pouco mais ou menos a O. das cidades de Areia, Bananeiras e Campina, e á pequena distancia dos limites da Parahyba com o Rio-Grande do Norte. Já foi muito prospera quando ahi floresceu a agricultura, anniquillada pela creação; o que motivou a decadencia e pobreza em que se acha. Entre os seus edificios apenas se póde mencionar a igreja matriz.

Esta villa, como séde da comarca de Borborema, é muitas vezes chamada por este nome.

Em seu municipio existe a povoação de Santa Rosa ou Barra de Santa Rosa, ao S., perto das suas extremas com Areia. Tem uma capella, mas a sua importancia é inferior a de um lugar ou ribeira visinha denominada Santó, que possui melhores casas e fazendas de criação.

PICUHY.—7 legoas além de Cuité, á margem do rio Acauã, tributario do Seridó, acha-se esta nova villa, que constitue o segundo municipio e comarca de Borborema.

Piculy não tem fundação remota: foi elevada a freguezia com a denominação de Triunpho, em razão das ultimas victorias do exercito brasileiro na guerra do Paraguay, mas o nome nunca foi usado pelo povo; e por fim o perdeu officialmente quando em 1888 foi-lhe dada pela assembléa provincial o título de villa,

reconhecendo a sua primitiva denominação de Pi-auhy.

Possue uma igreja matriz, e apesar de se achar inteiramente collocada em terrenos de criação, tem mais movimento commercial do que Cuité.

SOLEDADE —Esta villa, cuja fundação data de 1853 acha-se 14 legoas a O. de Campina e 12 ao N. de São João de Cariry. E' situada em terreno arenoso e algum tanto elevado, na distancia de um kilometro do riacho Quixady, que impropriamente chamão Macacos. A villa é ainda pequena, mas possui igreja soffrivel, filial da matriz de S. João de Cariry ; mercado, onde se faz a sua feira semanal e algumas casas particulares de bella apparencia.

As povoações deste municipio são: Pedra-Lavrada, pequena e antiga séde parochial, 7 leguas distante da villa do Picuhy, 12 do Cuité, 20 de Campina e 9 de Soledade. O seu nome provem da inscripção que existe ahi em um rochedo e da qual já tratámos. Possui uma bem paramentada igreja matriz e casa de mercado.

Na distancia de uma legoa passa a grande estrada denominada do Seridó e ahi principia a descer a Borborema. O rio Seridó a corta no lugar S. Antonio, e duas leguas adiante despenha-se de consideravel altura, reunindo-se depois ao Quinturará.

A freguezia de Pedra-Lavrada foi desligada da comarca da Borborema e municipio de Cuité para este

A outra povoação do municipio é S. Francisco, que pertence ainda á freguezia de Campo-Grande, de cujo municipio foi desligada com o seu districto para

formação de comarca de Soledade. Fica distante 4 legoas ao N. desta villa e 12 á O. de Campina. Comquanto o seu clima seja muito salubre, só tem vinte casas, quasi todas sem habitantes e uma igreja não concluida.

Na extrema deste municipio está a serra da Carneira, bem conhecida pelos seus terrenos apropriados para a cultura da mandioca. Essa serra não é mais do que uma ramificação da do Borges e ambas da de Quixody, nome que deve caber ás duas igualmente á villa, por se achar situada em suas immediações

S. JOÃO DO CARIRY — É uma das mais antigas localidades do sertão da Parahyba; já era parochia antes de 1769 e comprehendia em seu territorio a aldeia Campina-Grande, nesse anno elevada á freguezia. Depois, quando uma Ordem Régia decretou que se creasse uma villa nessa parte da capitania, isto é, no planalto do Borborema, S. João desputou por muito tempo á Campina essa primasia, sendo afinal vencida,—porque os seus terrenos erão muito seccos e não se prestavão á lavouras como os de sua rival.

Essa decisão cumprio-se em 1790, quando Campina foi elevada á villa; e S. João alguns annos mais tarde conseguiu o que tanto almejava, o titulo de villa real de S. João do Cariry de Fóra.

Este nome de Cariry de Fóra, com que foi antigamente conhecido, deve-se attribuir á sua posição mais remota do que a de Campina, onde residião os outros Carirys.

Esta villa é situada á margem esquerda do Taperoá, em terreno rochoso e elevado, 7 legoas de Ca-

baceiras e 18 a O. de Campina. As suas ruas são muito largas; tem boa igreja matriz de N. S. dos Milagres, uma pequena cadeia e algumas casas particulares bem construídas; mas não apresenta nenhum movimento commercial, conservando-se estacionaria senão decadente desde annos.

As povoações do seu municipio são: Timbaúba, 4 leguas ao N. em extensa planície, pequena com uma capella; Pombas, 4 leguas á O., antiga e mediocre povoação com uma boa capella e grande casa de caridade, instituida pelo padre Ibiapina; S. José dos Cordeiros, 8 leguas, mais ou menos, na mesma direção, perto da extrema do municipio, com uma capella, e povoado muito reduzido; Serra-Branca, 4 leguas a S. O. á margem do rio do mesmo nome ou Matinoré, com uma capella, a povoação mais prospera e a maior do municipio; Caraúbas, 10 leguas ao S., á margem do rio Parahyba, em terreno elevado, descoberto e cheio de rochas, com uma boa capella e regular edificação de casas, mas agora decadente; Sant'Anna do Congo, 5 legoas pelo rio Parahyba acima e 15 de S. João, perto da extrema com o municipio de Alagôa do Monteiro, com uma capella.

ALAGÔA DO MONTEIRO—Esta villa está a 70 leguas da capital e 22 ao S. de S. João do Cariry, á margem direita do rio do Meio, nome que tem ahi o Parahyba, antes da confluncia dos rios da Serra (Jacarasá) e Sucurú; em uma vasta planície suavemente inclinada.

O seu principio foi uma fazenda de criação em uma pequena lagôa proxima, do que lhe proveio o

nome. Em 1835 um missionario capuchinho edificou a pequena capella de Nossa Senhora das Dores, que foi elevada á matriz em 1865; e a 20 de Novembro de 1873 inaugurou-se a villa com a posse de sua primeira camara municipal. E' localidade aprazivel, que já possuio animado commercio, actualmente muito diminuido.

O municipio limita-se a O. e S. pelas serras Jabitacá, Moças e Porteiras com Pernambuco, a E. pela serra Jacarará ainda com Pernambuco, e o municipio de S. João, com o qual tambem se extrema ao N. Tem no maior comprimento de N. a S. 26 leguas e de largura 20, de E. á O.

Possue as seguintes povoações: Fundão, 18 leguas á S. E., no meio da serra de Jacarará, da qual devia tomar o nome, com uma capella de Santa Maria Magdalena; S. Thomé do Sucurú, á margem esquerda do rio deste nome, a N. E., com uma capella, e edificação regular, que lhe dá a primasia entre as povoações do municipio; Boi-Velho ou Mogiquy, nome da serra proxima que ultimamente adoptou, 9 leguas a N. O., nas cabeceiras do rio Sucurú; Umbuseiro, 10 leguas ao S. com uma capella de S. Sebastião: é a segunda povoação em importancia. Ha ainda a capella de Santa Clara, seis leguas ao S.

Segundo informação do vigario desta freguezia, Rvo. Costa Ramos, é grande a sua riqueza mineral. « Na serra da Mina, » diz elle, « existem grandes jasidas de crystal de rocha; a serra do Fogo constitue uma grande mina de ferro; na do Sipó e Boa-Vista ha topasios; em Santa-Clara, fazenda Pitom-

beira, ha ouro ; e finalmente na serra do Perú enxofre e salitre. »

BATALHÃO — Nova e florescente villa, á margem direita do Taperoá, 9 leguas a N. O. de S. João do Cariry e 26 a O. de Campina, na principal estrada que liga o centro do Estado ao seu littoral. Possui uma igreja principiada em grandes proporções, uma capella e diversos predios particulares bem construidos. A sua feira semanal é uma das melhores do sertão.

O seu municipio e comarca não constitue freguezia, faz parte da de S. João do Cariry. Cria bem gado vaccum e cavallar, assim como cabras e ovelhas, de cujas pelles faz activo commercio ; e igualmente dá algodão que cultiva nas margens dos rios e riachos.

No municipio ha sómente a nova povoação de Desterro, 8 a 9 leguas a O., já na extrema com o municipio de Teixeira. Em direcção opposta, 5 leguas a E., está a ribeira de S. André, bem povoada.

Fica á vista da villa a serra do Pico, de que já tratámos. O nome de Batalhão, improprio para uma localidade e que nada exprime, deve ser substituido pelo do Taperoá, que banha a villa.

TEIXEIRA — 14 leguas distante de Batalhão, 40 de Campina e 70 da Capital fica esta villa, certamente a que está em maior elevação na Borborema e portanto em todo o Estado. Collocada no meio de bons terrenos de agricultura, Teixeira gosou outr'ora de grande importancia commercial, tornando-se o emporio dos sertões da Parahyba e Pernambuco, de cuja

linha de limites está a menos de duas leguas. Diversas causas têm feito diminuir o seu movimento commercial; mas a sua feliz posição topographica e recursos naturaes proprios a sustentaráo sempre.

A villa possui uma excellente igreja matriz de Santa Maria Magdalena, cadeia e alguns predios particulares bem construidos.

Perto está a rocha denominada Tendó, donde se descortina grande parte da ribeira de Pinháras e visinhas, na distancia de muitas leguas. D'ahi póde-se bem calcular a grande altura da serra.

Avista-se perfeitamente a magestosa serraria do Jabre, de que já tratamos em artigo anterior. Duas leguas a E. da villa fica o grande açude de Poços, o maior do Estado, obra feita durante a secca de 1877 com administração do illustrado conego Bernardo de Carvalho Andrade, vigario da freguezia.

O nome da villa e trecho da Borborema em que é situada provém sem duvidá de um de seus primeiros moradores. Ignora-se porém se esse Teixeira representou papel saliente na colonisação desse territorio á ponto de merecer deixar-lhe o seu nome.

O municipio tem sómente a povoação de Immaculada, 10 leguas a O. A estrada que liga a villa á esta povoação é toda ella traçada pela chapada da serra, que constitue uma extensa e estreita planicie, no meio da qual é a linha divisoria da Parahyba e Pernambuco. Immaculada possui uma capella, é localidade florescente pelo cultivo de algodão e cereaes, o que torna a feira bem frequentada pelos sertanejos dos dous Estados.

PRINCEZA — A chapada de que fallamos, partindo

da villa do Teixeira, passa na povoação de Immaculada e estende-se com pequenas depressões até esta villa, que é situada na distancia de 22 leguas ao S. de Piancó, e 5 quasi ao N. da cidade pernambucana do Triunpho, outr'ora Baixa-Verde. Acha-se, pois, muito perto da linha divisoria dos dous Estados.

Princeza, comquanto seja localidade de recente fundação, tem progredido tanto que póde-se considerar a maior villa de todo o Estado, superior mesmo em numero de casas, população e movimento commercial á algumas de suas cidades. O seu primeiro nome foi Perdição por estar visinha de uma lagôa deste nome ; depois um missionario o substituiu pelo de Bom-Conselho e com este nome foi conhecida até ser elevada á villa com o de Princeza, que para a chorographia da Parahyba vale tanto como os outros.

Entendemos pois que ainda uma vez devia mudar de nome, procurando um que se referisse ou pertencesse á qualquer serra ou rio do seu municipio.

Princeza possui uma igreja matriz, e o seu commercio, que é todo feito com a praça do Recife, é muito animado, havendo boa feira semanal de generos alimenticios.

Em seu municipio e comarca ha as povoações de Agua-Branca, na estrada de Immaculada e Teixeira, e Patos.

VILLAS ALÉM DA BORBOREMA

PIANCÓ.—E' situada esta villa á margem do rio do seu nome, 14 legoas ao S. de Pombal e 86 a O. da capital. E' uma das localidades mais antigas do interior do Estado, sendo a descoberta e povoação do seu territorio talvez mesmo anterior ás do de Pombal, como já fizemos notar.

A ribeira de Piancó foi uma das mais habitadas de indios Carirys, da tribu ou sub-tribu Piancó, os quaes devião ter soffrido muito dos bandeirantes paulistas e bahianos. Ainda assim, com os seus restos forão formadas as duas aldeias, já mencionadas, de S. João de Panaty e Curema.

A povoação de Piancó, sendo freguezia desde meados do seculo passado, só foi elevada á villa em 1831 com o nome de—villa constitucional de S. Antonio de Piancó. O municipio era então vastissimo, comprehendia toda a ribeira do seu nome, em que actualmente existem quatro : Princeza, Conceição, Misericordia e Piancó, formando tres comarcas.

A villa de Piancó é pequena e sem o menor movimento commercial. Neste municipio nasceu o Dr. N. R. dos S. França Leite, notavel advogado e politico, um dos deportados de 1842, quando era representante da Parahyba na assembléa geral.

Entre esta villa e a de Patos, quasi á igual distancia de ambas, está a povoação de Jucá ou Catingueira, com uma capella. Existem mais deste municipio para os outros acima mencionados da mesma ribeira, as povoações de Curema, S. José, Garrótes, S. Francisco, Olho d'agoa e diversos outros agregados de casas, todos sem importancia.

MISERICORDIA — Sete leguas da villa precedente pelo rio Piancó acima, é sita esta villa, maior e de edificação mais regular do que a sua visinha. E' séde parochial, e entre os seus edificios apenas pôde-se mencionar a igreja matriz. Tem a povoação de S. Boaventura.

CONCEIÇÃO — Nova e pequena villa, séde da comarca, distante 20 leguas a O. de Piancó e 13 de Misericordia, que fica entre ambas. Entre o pequeno numero de edificios desta villa somente ha a mencionar-se a sua igreja matriz.

Este municipio é o ultimo do Estado por esse lado, limitando-se com o territorio de Carirys-Novos (Ceará), por uma serra que se prende a do Araripe, o nó central do systema orographico dessa parte do Brasil.

PATOS — Está á margem esquerda do rio Pinháras, 70 legoas a O. da capital, 6 ao N. de Teixeira, e 9 ao S. de Santa Luzia do Sabugy. E' povoação e freguezia antiga, a respeito da qual diz M. de S. Adolphe no seo « Diccion. Geograph. » o seguinte :

« Esta povoação no concernente ao judicial foi largo tempo da jurisdicção do juiz de fóra da villa do Principe da provincia do Rio-Grande do Norte, e o ouvidor, na sua visitação, preferia transferir-se á po-

voação de Patos para della administrar a justiça, com o pretexto de ser impraticavel o caminho que ia para a villa do Principe ; e no que dizia respeito ao civil e militar estava sujeita á provincia da Parahyba. O governo imperial poz termo á tão monstruosa administração, annexando a povoação de Patos ao districto de Pombal da sobredita provincia. »

Esta villa durante o tempo da grande prosperidade de sua vizinha, a villa do Teixeira, esteve em grande abatimento, mas de alguns annos á esta parte tem tido notavel progresso : o seo movimento commercial é activo com a crescente exportação de pelles de cabras e de algodão, e a sua feira é uma das mais abundantes. Possue uma igreja matriz de N. S. da Guia.

Neste municipio existe a pequena povoação de Passagem, 6 legoas a E. na estrada geral que segue para a villa de Batalhão, e outros aggregados de casas.

Cinco leguas pelo rio Pinharas abaixo, e outras tantas distante da villa de Serra-Negra, e o rio Grande do Norte, está a povoação de S. José, com uma capella.

SANTA LUZIA DO SABUGY — 30 legoas de Campina, e 16 a O. da villa da Soledade, á beira do rio Cupauá, é situada esta pequena e risonha villa, notavel pela sua bem acabada igreja matriz e predios particulares.

Entretanto o seo movimento commercial é quasi nullo : limita-se á uma pequena feira, por se achar afastada da estrada geral que communica a capital com os sertões do Estado.

Este municipio, que com o de Teixeira fazia parte

da antiga freguezia de Patos, extrema com o Rio-Grande do Norte. E' ahi que a Parahyba chega á minima largura, como já fizemos notar.

Além do Cupauá corre o rio Sabugy que dá nome á ribeira e municipio ; perto está a Bocaina com o seo singular córte ou estreito boqueirão ; e a Borborema mostra-se altaneira, avistando-se do seo cimo a centenares de metros em baixo, no valle, os edificios da villa, resplendentes de alvura.

A Borborema tem d'ahi para Alagôa-Grande trinta legoas de largura, achando-se esta villa e a de Santa Luzia do Sabugy em posições semelhantes, uma do lado oriental da serra e outra do occidental ; e talvez com a mesma altura approximadamente sobre o nivel do mar.

BREJO DO CRUZ — Esta villa, situada perto da serra do mesmo nome, fica na distancia de 7 legoas da de Catolé do Rocha, séde da comarca.

Provavelmente quando foi povoado esse territorio devia haver ahi um brejo, mas hoje não existe, nem vestigios delle ; o terreno da villa e adjacenté é secco como qualquer outro da mesma natureza no sertão.

M. de S. Adolphe dá o nome de Taquarituba ao logar e isto constitue uma prova de que era coberto de taquarys, graminea que só cresce em terrenos mais ou menos frescos.

Brejo do Cruz é villa mediocre, e o movimento commercial limita-se á feira, que é boa. Dos seos edificios salienta-se a igreja matriz.

Por este municipio, que é importante centro de creação, passa o rio Piranhas. Nelle ha a pequena

povoação de Belém, tres leguas ao N., na estrada da villa de Patú (Rio-Grande do Norte), de que dista outras tres.

CATOLÉ DO ROCHA — 86 leguas a O. da capital, e 12 ao N. do Pombal, é situada esta villa, que é cortada pelo ribeiro Coyacú, vindo da visinha serra de Agua-Branca, á uma legua de distancia.

Catolé possui 169 casas, a matriz de Nossa Senhora dos Remedios, não concluida, igreja das maiores do Estado, e uma outra de Nossa Senhora do Rosario.

O ribeiro Coyacú já foi perenne, hoje corre sómente durante os invernos abundantes; o que foi motivado pela derribada da matta que cobria o olho d'agua d'onde sahe.

Esta villa tem alguma animação commercial, possui boa feira; e os terrenos atravessados pelo seu ribeiro são frescos e bem cultivados.

No municipio existem as povoações de Jericó, outr'ora Caipóras, 6 leguas ao S., e Conceição 4 leguas ao N.; cada uma com a sua capella.

Ao N. da villa ha uma serra que mede aproximadamente 5 leguas de extensão sobre uma de largura, tomando os differentes nomes de Rajada, Serra-Nova, S. Francisco, Buraco, S. José, Curvello, Agua-Branca, S. Bento e S. Miguel. As suas terras são ferteis e se prestão á cultura de algodão, milho, mandioca e feijão.

A estrada que das villas de Catolé do Rocha e Brejo do Cruz segue para a capital do Estado, atravessa os municipios de Caicó e Jardim, pertencentes ao Rio-Grande do Norte.

S. JOÃO DO RIO DO PEIXE — Entre as cidades de Sousa e Cajaseiras, 5 leguas distante a O. da primeira e a E. da segunda, é situada esta villa, em vastissima planicie á margem do rio do Peixe. E' pequena e sem movimento commercial, notando-se apenas entre os seus edificios a matriz de Nossa Senhora do Rosario.

No municipio ha as povoações de Barra do Juá, 4 leguas a O. pelo rio do Peixe acima, séde de um julgado de paz; e Umary distante tres leguas. E' neste municipio que fica a fonte thermal do Brejo das Freiras, de que já nos occupamos em artigo anterior. A fertil serra de Luiz Gomes, de que uma parte lhe pertence, estabelece os limites com o Rio-Grande do Norte.

S. JOSÉ DE PIRANHAS — E' uma das menores villas do Estado. Está situada á margem do rio Piranhas, na distancia de 5 leguas ao S. da cidade de Cajaseiras, e 10 a S. O. de Sousa. Foi creada freguezia por lei provincial de 10 de Novembro de 1840, e entre os seus poucos numerosos e mais que modestos edificios salienta-se a igreja matriz.

Mais nova do que a villa, porém mais importante do que ella, é a povoação de Santa Fé do Bonga, a unica deste municipio.

Santa Fé é situada em cima da serra do Bonga, na distancia de 5 leguas ao S. da villa de S. José.

Esta povoação data de uns trinta annos e progredio bastante com o activo trabalho agricola de seu districto, até a secca de 1877. Dahi para cá, com as retiradas annuaes de gados para a serra foi deperecendo a agricultura, pelo continuado choque

em que está com a criação, a ponto de Santa Fé achar-se actualmente muito abatida em seu commercio. Entretanto é sempre superior á séde do municipio.

A serra do Bonga com diversos nomes é um prolongamento da do Araripe; de sua fralda meridional, no municipio de Conceição, nasce o rio Piancó e da septentrional o Piranhas. A O. descamba para o extenso valle de Carirys Novos, servindo ahi de limites aos dous estados do Ceará e Parahyba.

APPENDICE

DOCUMENTOS

N. 1

Registro de uma ordem de S. M. Fidelissima
sobre os quintos dos Tapuias.

João da Maia da Gama. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vio-se a vossa carta de 8 de Junho deste presente anno e treslado que remettestes dos autos, que se processarão sobre o requerimento que vos fez o capitão-mór Luiz Soares acerca de não ser possível virem quintar á essa cidade as presas que se fazem nas guerras dos Tapuias, e o que obrastes para que com effeito se vissem alli ajustar e que pelo não poderes conseguir pelo damno que se offerencia deferistes que se quintassem nos sertões, sem embargo da repugnancia que achastes nos soldados, por dizerem que estavam na posse de se não quintarem as presas. E supposto se devião trazer as presas ao lugar onde assiste o capitão-mór e Alfandega, comtudo por se evitar o damno de se desencaminharem na jornada, me pareceu ordenar que no mesmo arraial se quitem; e porque na mesma carta insinuaes o bem que na dita guerra se tem havido o capitão-mór Theodosio de Oliveira Ledo e com maior vantagem o capitão-mór Luiz Soares me pareceu mandar agradecer-lhes o zelo com que se têm havido e particularmente o capitão-mór Luiz Soares, do que vos aviso para o terdes entendido.

Escrepto em Lisboa a 28 de Novembro de 1710. - REI.

II

Reg.^o de uma carta de S. M. Fidelissima por onde manda dar aos capellães de cada uma das 3 aldeias de Campina-Grande, Camaratuba e Piranhas 37\$000.

Capitão-Mór da Capitania da Parahyba. — Eu El-Rei vos envio muito saudar.—Por ser presente, que nos sertões dessa capitania se achão hoje muitos indios aldeados, e ser conveniente o conservarem-se estes e fazer-se toda diligencia para se aldeiaem os que andão espalhados, dando-se-lhes tudo o que for necessario para que possam preestir nas ditas aldeias e radicarem-se na fé, seguindo-se deste fructo não só o serviço de Deus no espiritual, mas o meo no temporal, Fui servido resolver que na aldeia de Camaratuba se faça uma Igreja e que nella exista um Missionario para administrar os sacramentos á estes indios.... com o título de capellão e que se lhe dê de congrua vinte e cinco mil réis para fabrica e guisamento

de hostias e vinho, e que isto mesmo se obre com o que existe em Campina-Grande e da mesma maneira com o das Piranhas, pagando-se-lhe as congruas e fabricas da Fazenda Real. E para edificação destas Igrejas me pareceo ordenar-vos persuadais e obrigueis aos moradores, que se achão visinhos e juntos aos sitios destas mesmas aldeias, concorrer para as despesas que se entende não poder ser de grande importancia..... junto assim poderem os mesmos Indios ajudar no trabalho destas obras, e o mais que faltar se suprirá da Fazenda Real e dareis á entender aos ditos moradores o grande beneficio que logrão em terem estas Igrejas e Padres, porque escusão ir satisfazer o preceito da Igreja em maior distancia e sobre tudo que poderão ter com estas aldeias uma mais importante conveniencia, como costumão ter onde ha indios domesticos, que vivem com luz e conhecimento da verdade e religião cotholica; e do que obrares neste particular me dareis conta. Escripta em Lx.ª á 13 de Janeiro de 1701. Rex. Para o capitão-mór da Parahyba, *José de Freitas Serrão*.

N. 2

SYNOPSIS DAS SESMARIAS

(*Gazeta do Sertão*)

GOVERNO DE ANTONIO VELHO COELHO

INDIOS SUCURÚS

Sebastião da Silva, capitão-mór dos indios Succurús, viera por ordem do Governador antecessor com a sua milícia para esta capitania a defender e reparar os assaltos que davão os Tapuias barbãros levantados, em que fazião grande estrago e se situarão na serra de Boa-Vista no olho d'agua, onde estavam assistidos debaixo de missão; e como para sua assistencia era mais conveniente para defensão desta capitania a dita paragem por estar nas cabeceiras do districto della. como era entre o Curimalaú e o Araçagy, por onde entravão os Tapuias levantados a fazer o maior damno nesta capitania, requeria uma legua de terra em quadro, fazendo peão no olho d'agua do meio, correndo delle de norte para sul e de sul para norte e do leste para oeste e do oeste para leste, para elle supplicante com sua aldeia nella poderem viver e plantarem suas lavours para se sustentarem.

Opinou o Procurador da Corôa, Manoel Eusebio da Costa. que se devia dar a terra pela assistencia util e necessaria da aldeia naquelle lugar, sem poder alheiar ou traspassar a pessoa alguma; ficando porém devoluta, por mudança da aldeia para outra parte.

Fez-se a concessão aos 4 de Agosto de 1718.

II

GOVERNO DE FRANCISCO PEDRO DE MIRANDA GURJAO

INDIOS CANINDÉS

O capitão-mór João Peixoto de Vasconcellos, morador nesta capitania, tendo seus gados de crear, para o que tem descoberto a troco de sua fazenda pelos indios Canindés um sitio de terras em que se acha uma lagôa chamada Carnaúba por nome dos indios, a qual parte do leste com terras dos Tapuias Canindés, pela do oeste com os providos das Piranhas em grande distancia, pela parte do norte com os providos do Japy e pela parte do sul com os providos do Curimataú; e porque a dita lagôa está devoluta e desaproveitada, quer por data de sesmaria tres legoas de comprimento e uma de largura. fazendo peão na dita lagôa com legua e meia para leste e oeste e meia legoa para norte e sul para cada uma das partes. Ouvido o provedor da Fazenda Real Salvador Quaresma Dourado, este declarou que a terra de que trata o supplicante já foi dada a uma filha sua e estando para se ir povoar succedeu levantar-se o gentio Tapuia e na guerra que se lhe fez morreu o *Taputa Péga*, que o tinha descoberto com algum dispendio de sua fazenda que lhe deu para isto, e por falta desta guia, se não povoou com gados como elle quiz, e não querendo mais fazer deve-se conceder ao supplicante.

Fez-se a concessão aos 16 de Novembro de 1732.

III

GOVERNO DE JERONIMO JOSÉ DE MELLO CASTRO

RIBEIRA DE PIRANHAS

Christovão da Rocha Pitta, morador no seo engenho de Cabotú (?), termo da cidade da Bahia por seo procurador bastante sendo senhor e possuidor de um sitio de crear gado vaccum e cavallar na ribeira de Piranhas, que estava cultivado com os mesmos gados, e por que a maior força delles se achava encostados para a serra e saccos do que a mesma se compõe, de eujas terras estava o supplicante de posse por si e seos antepassados, mas sem titulo que a sua continuada posse, e que na fralda da serra que está da parte do nascente tinha um sacco que se achava entre duas serras, chamado o sacco do riacho das Piranhas e outro que tambem chamavão o saquinho pequenino, a qual terra principiava no riacho chamado Jacurutú com um olho d'água que nasceu das cabeceiras do dito riacho e desagoava junto ao casco da mesma fazenda do Jacurutú do supplicante, nas quaes fraldas da serra confrontada para melhor crear seus gados pretendia tres legoas de terras de comprimento, ficando dentro das

ditas terras o sacco grande de Jacurutú, saquinho pequenino com os olhos d'agua de que o dito sacco se compõe, com uma legoa de largura, meia para cada banda, buscando a lagoa do sítio do Estreito, do mesmo Jacurutú.

Foi feita a concessão aos 4 de Março de 1768.

IV

BODOPITÁ

BREJO DAS CANNAS BRAVAS

Diz o capitão-mór do Sertão, Theodosio de Oliveira Ledo, que estando servindo a S. M. em todas as guerras e entradas, que se têm offerecido contra o Tapuia levantado nos sertões desta capitania e mais circumvisinhas, com grande detrimento na condução das farinhas que fez para ditas occasiões de mais de 50 e 60 legoas, por não serem capazes de as produzir as terras, que estão povoadas nos ditos sertões; e porque elle supplicante tenha descoberto com grande trabalho e despesa de sua fazenda na serra chamada Bodopitá um *brejo de cannas bravas*, e mattas em que ha um olho d'agua, a qual serra confronta pela parte do nascente com terras do sargento-mór Mathias Vidal de Negreiros, e pela parte do poente com terras do capitão Antonio de Oliveira e seus companheiros, e nesses brejos e mattas que nella ha lhe párecem capazes de produzir roças e outros legumes necessarios para a conservação com mais commodo, não só da guérria contra o Tapuio, mas tambem dos moradores do dito sertão, que com mais facilidade as poderão povoar e assistir nellas; por isto requeria a mercê de quatro legoas de comprimento e uma de largura, no dito brejo e olho d'agua das cannas bravas na serra Bodopitá, tomada de norte a sul.

Ouvido o Provedor, informou este, que as terras de que tratava o supplicante estavam comprehendidas na data concedida ao P.^o Manoel de Aguiar e mais companheiros para crear gados; porém como o supplicante pedia na serra Bodopitá para plantar legumes e roças, é de parecer que se dê a terra pedida, com a condição porém, que tendo nella alguma capaz para crear gado pertencerá ás ditas pessoas, que as tem já pedido.

Por despacho do governador voltou o Provedor, dizendo que não tem noticia de ordem que declare o tempo certo para povoar terras dadas em sesmaria; mas se póde conceder a serra pedida pelo supplicante, porque as serras não estão comprehendidas na data de que fallou, mas sim as terras de crear.

Fez-se a concessão no logar referido de tres legoas de comprimento e uma de largura aos 3 de Outubro de 1702.

V

GOVERNO DE JERONYMO JOSÉ DE MELLO CASTRO

ALAGOA GRANDE

Paó

Agostinho de Jesus, Maria José, Rosa de Santa Maria, Brisida Maria de Jesus e Maria do Rosario da Encarnação, filhos do alferes Izidoro Pereira Jardim,

dizem que para o pé da *Alagôa-grande* sita no sertão do Paó, terras que domina o dito seu pai por compra que dellas fez, se acham terras devolutas fóra da comprehensão da data do mesmo com capacidade para fazer-se sua situação e crearem seus gados; razão porque pretendem por sesmaria toda terra que se achar das extremas da que possuio dito seu pai naquella data de *Alagôa-grande* até a extrema do sitio chamado Jucá (?), de que é senhor Domingos Ferreira com a largura que se achar, sendo o seu comprimento de sul á norte para pre-fazer as tres legoas de sua taxa, ficando na sua comprehensão *Alagôa-doce*, confinando com as terras do sitio de que tirou data o mestre de campo Mathias Soares Taveira, em fôrma que fiquem inteirados das ditas tres legoas, podendo fazer do comprimento largura e da largura comprimento ou tãobem legoa e meia em quadro.

Foi concedida a sesmaria aos 14 de Maio de 1767.

VI

GOVERNO DE JOÃO DE ABREO CASTELLO BRANCO

BRUXAXÁ

O coronel Mathias Soares Taveira, morador nesta eapitania, João Correia Ribeiro e José Correia Ribeiro, seus primos, dizem que no sertão do *Bruxaxá* estão terras devolutas entre o rio *Araçagy* e o riacho Macaco, que desagoa no Mamanguape, que fazendo peão no olho d'agua da *Juçara* que vai desagoar no rio *Araçagy*, correndo para parte do sul vai entestar com terras de João de Moraes Valcacer, e pelos outros rumos com terras devolutas, as quaes descobrirão elles supplicantes, tendo já feito situação no dito olho d'agua, e para situação de seus gados lhes é necéssaria data de sesmaria de tres legoas de comprimento e uma de largura para cada um, correndo o comprimento e largura para onde melhor lhes parecer, correndo os dois ultimos nomeados um emparelhado ao outro com a largura para o norte e o comprimento de leste para oeste e o primeiro fazendo peão no ditto olho d'agua da *Juçara* para todas as bandas ou estendendo-se para onde lhe parecer. Declararão mais os supplicantes por despacho do Provedor que as terras hão de correr todas de leste á oeste de comprido, e os dois ultimos da mesma sorte, emparelhados um com o outro pela banda do norte; e vem a ficar pelo comprimento todos emparelhados, etc.

Fez-se a concessão aos 8 de Junho de 1725.

VII

GOVERNO DE FRANCISCO PEDRO DE MENDONÇA GURJÃO


CABACEIRAS

O tenente Domingos de Farias Castro e o capitão Antonio Ferreira Guimaraes, moradores no sertão do Cariry, desta capitania, sendo senhores e possuidores de um sitio de crear gados, a que chamão *Cabaceiras*, isto no dito

sertão, o qual houverão por compra do capitão Pascacio de Oliveira Ledo, em cujailharga do dito sitio da parte do sul tem um riacho que corre do poente para o nascente, onde têm alguns curraes com posse de 20, 30 e mais annos e como para parte do sul erão matto e não se fazião caso delles, e hoje estão em campos, os quaes os supplicantes os têm feito com muito trabalho e dispendio de sua fazenda, e de presente ambiciosos lhes querem occupar e fazer curraes no dito riacho pela parte do sul, que prejudicão as fazendss dos supplicantes ; por isto pedião tres legoas de terras de comprimento e uma de largura pelo dito riacho acima, começando onde chamão Cachocira, seguindo para parte do poente até entestar com terras do supplicante e pela parte do sul com os providos dos sitios da Cruz e Barro Vermelho e para evitar contendass toda sobra de terras que houver entre elles.

Fez-se a concessão aos 5 de Abril de 1734.

N. 3



Idéa da população da capitania de Pernambuco e das suas annexas, extensão das suas costas, rios e povoações notáveis, agricultura, numero dos engenhos, contratos e rendimentos reaes, augmentos que estes têm tido, etc., etc., desde o anno de 1774 em que tomou posse do governo das mesmas capitánias o Governador e Capitão-Generul, José Cesar de Meneses.

BREVE NOTICIA DA CAPITANIA DA PARAHYBA

capitania da Parahyba do Norte, sybordinada a de Pernambuco, de que dista vinte e seis legoas, tem vinte e sete de costa, principiando ao Sul da linha equinocial, em seis grãos e vinte e tres minutos de latitude e em trescentos e quarenta e oito grãos e quinze minutos de longitude na barra do rio Guajú, que a devide da capitania do Rio-Grande do Norte, correndo o rumo de sueste e sul té sete grãos e seis minutos de latitude e trescentos e quarenta e oito de longitude, em o rio de Abiahi, que o Regimento dos Pilotos chama porto dos Franceses, que lhe faz extrema com a capitania de Pernambuco. Tem mais de cento e cincoenta legoas de comprimento, e mais de cem de largo, confina mais de cento e sessenta com a capitania de Pernambuco, principiando no referido Abiahi pelo sul, e parte do poente com a do Ceará pelo rio do Peixe ao poente, e pelo rio Guajú ao norte com a do Rio-Grande; contem seis ribeiras, Piancó, Piranhas, Espinharas, Sabugy, Patú e Rio do Peixe, e a principal o rio Parahyba que dá nome a cidade derivado da palavra Pará, que no idioma nacional significa Rio, e Elba-Braço, principia ao poente nos vastos sertões do Piancó, corre para

o norte em distancia de oitenta legoas, doze antes da barra do Cabedello, banha as pingues e deliciosas vargens, que comprehendem os engenhos do melhor assucar da America. As margens se ornão de pomposos pomares de espinho e copadas arvores, que fazem amena e deleitosa a situação cheia de muitos habitantes. He navegavel em distancia de tres legoas té ao Varadouro, onde ancorão os navios: abundante de peixe e marisco; sobe a maré mais de sete legoas, conveniente á condução das caixas e mais generos; e comprehende as freguezias seguinles :

FREGUEZIA DA CAPITANIA DA PARAHYBA DA SENHORA DAS NEVES

Esta capitania erecta no anno de mil quinhentos oitenta e quatro, que dista da de Olinda ao sul vinte e sete legoas e quarenta ao norte, a cidade do Natal do Rio Grande do Norte, situada em uma airosa planicie, salutifera, com excellentes aguas, abundante de peixe da praia do Tambaú, que dista uma legoa. Tem esta freguezia de costa nove legoas e quatorze de cumprimento e nove de largo confina ao poente com o do Taipú; ao sul com a da villa do Conde, e ao norte com a de Mamanguape, em distancia de cinco legoas ao norte fica a Fortaleza do Cabedello, que defende a barra, que tem vinte palmos na baixa-mar. Tem tres conventos, do Carmo, de S. Francisco e S. Bento e um que foi dos denominados jesuitas, em que reside o governador, e no Seminario o Ouvidor. Tem Hospicio da Guia do Carmo.

Tem Hospital, Alfandega, Casa de Contos, e da Companhia, Misericordia, oito Igrejas, e a Matriz edificada em quatro de Agosto de mil quinhentos oitenta e tres, dedicada á Senhora das Neves, em reconhecimento da mercê de conseguirem as pases dos Tabajaras e vencerem os Putiguares. Tem vigario encommendado, e da vara, por se achar removido em Pernambuco o vigario collado, e tem segundo o rol da desobriga de mil setecentos e setenta quatro : trinta e tres capellas filiaes, desesete engenhos, dois mil quatrocentos trinta e sete fogos, e deis mil e cincoenta pessoas de desobriga.

FREGUEZIA DO TAIPÚ DA SENHORA RAINHA DOS ANJOS

Esta freguezia desmembrada da da Parahyba em o anno de mil setecentos e quarenta e cinco, fica ao poente distante deis legoas na cidade e onze da Costa, tem vinte e duas de comprimento e quatorze de largo, confina ao Norte com a da cidade, e de Mamanguape, ao sul com a do Desterro : tem cinco engenhocas os Engenhos indicados com disposição para muitos : tem cura amomivel; e pelo rol da desobriga de mil setecentos setenta e quatro tem seis capellas; doze engenhos; noventa e nove fazendas; setecentos oitenta fogos, e tres mil setecentas pessoas de desobriga.

FREGUEZIA E VILLA DA SENHORA DO PILAR

Esta freguezia erecta em villa no anno de mil setecentos sessenta e tres, he de Indios de Nassão Careri e Corema da lingua geral e travada; comprehende

muitos habitantes portuguezes, fica ao poente distante da cidade treze legoas e quatorze da Costa; tem uma legoa em quadro, confina com a do Taipú; o seu commercio é de louça, algodão e mais generos que produz a excellente varze em que está situada; tem uma rica Igreja e Hospicio em que reside o vigario amovivel e coadjutor: e tem pelo rol da desobriga do anno de mil setecentos setenta e quatro, uma fazenda, duzentos e quarenta e nove fogos, novecentas sessenta e cinco pessoas de desobriga.

FREGUEZIA DA CAMPINA GRANDE DA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Esta freguezia desmembrada da dos Careris de fóra em o anno de mil setecentos sessenta e nove, fica ao este da cidade, trinta e cinco legoas e da Costa trinta e seis; é de Portuguezes; tem vinte e uma legoas de largo para o sul, confina com a de Jardim e de comprido vinte e duas para o poente; confina com a dos Careris de fóra; é o seu commercio de gado vaccum e cavallar; tem cura amovivel; e pelo rol da desobriga de mil setecentos setenta e quatro tem tres capellas filiaes; quarenta e sete fazendas; quatrocentos vinte e um fogos; e mil quatrocentas noventa pessoas de desobriga.

FREGUEZIA DOS CARERIS DE FÓRA DA SENHORA DOS MILAGRES

Esta freguezia fica ao poente e dista da cidade sessenta legoas, e sessenta e uma da Costa, composta de Portuguezes tem vinte e cinco legoas de largo para o Norte confina com a Campina-Grande, e de comprido quarenta e cinco para o Poente, confina com a Freguezia do Caicó; o seu commercio é de gado vaccum e cavallar; tem cura amovivel e pelo rol da desobriga de 1774 tem duas capellas filiaes, oitenta e sete fazendas; 410 fogos e 1799 pessoas de desobriga.

VILLA DO CONDE FREGUEZIA DA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Esta villa é de indios da lingua geral, e varios portuguezes, fica ao sul da cidade quatro leguas e da Costa tres; tem cinco de largo para o sul, confina no rio Tapirubú com a freguezia de Goiana para o norte no rio Gramame, confina com a da Parahyba, ao poente com a do Taipú, tem vigario amovivel e coadjutor e pelo rol de desobriga de 1774 tem: duas Capellas filiaes; 3 engenhos; 445 fogos e 744 pessoas de desobriga.

VILLA DA ALHANDRA, FREGUEZIA DA NOSSA SENHORA D'ASSUMPCÃO

Esta villa é de indios da lingua geral, com alguns habitantes portuguezes, fica ao sul da cidade nove legoas e da costa tres, sem outra extenção mais que a da situação, tem vigario e coadjutor amovivel e pelo rol de desobriga de 1774, tem 1 engenho, 620 fogos e 1009 pessoas de desobriga.

VILLA DA TRAIÇÃO, FREGUESIA DE S. MIGUEL

Esta villa é de indios da lingua geral com alguns portuguezes, é situada á beira-mar, ao norte da cidade dose legoas, confina pelo rio Camaraturubá ao Norte com a de Monte-Mór, tem 4 legoas de costa e de comprido 3, tem uma famosa bahia, chamada Traição, capaz de grandes embarcações, onde entrão muitos á commerciar, tem uma grande lagôa de agua doce, com tres legoas de comprido entre a villa e mar; o seu commercio é de pescar; teve no alto um reducto, onde ainda se conservão algumas peças de artilharia, com que se defendia a barra para cuja laboração se destacavão soldados do Cabedello; tem vigario amovivel e coadjutor e pelo rol da desobriga de 1774, tem 265 fogos e 628 pessoas de desobriga.

VILLA DE MONTE-MÓR, FREGUESIA DE S. PEDRO E S. PAULO

Esta villa é de indios da lingua geral, fica ao norte da cidade dose legoas e da Costa sete, com muitos habitantes Portuguezes, com dose legoas de largura, confina ao norte com o rio dos Marcos extrema do Rio-Grande e ao sul no rio Jacoipe com a freguesia do Taipú, e ao Poente confina com o Seridó; tem quarenta e quatro legoas de comprido; tem parochio collado e pelo rol de desobriga de 1774 tem: oito capellas filiaes; quatro engenhos; setenta e cinco fazendas; 1313 fogos e 4498 pessoas de desobriga.

RIBEIRA DO PIANCÓ, VILLA DO POMBAL, FREGUEZIA DO BOM-SUCCESSO

Esta freguezia foi erecta em Villa no anno de 1772, fica ao Poente e dista da Cidade mais de cem legoas, cento e uma da Costa, tem de comprido cincoenta e seis legoas, e de largura mais de trinta e duas. confina ao Norte com a freguezia do Assú, e ao Sul com a de Cabrobó, Capitania de Pernambuco; a situação no centro dos certões é salutifera, tem grande commercio de gados vaccum e cavallar, tem tres serras povoadas e muito ferteis, minas de excellente ouro, que se achão vedadas, comprehendem as ribeiras que se seguem, desobrigando-se os habitadores dellas nesta freguezia: tem Cura e juntamente Vigario da Vara amovivel, e pelo rol da desobriga de 1774 tem: sete capellas filiaes; setenta e sete fazendas; 2451 fogos; e 5422 pessoas de desobriga.

Os disimos desta ribeira forão rematados por tres annos, que tiverão principio em 22 de Novembro de 1774 por 1.355\$000.

RIBEIRA DAS PIRANHAS

Esta ribeira fica ao poente da Cidade distante mais de sessenta e tres legoas, tem setenta e tres de comprido, e sessenta e tres de largo, confina ao norte com a ribeira do Carari e ao Puente com a das Espinharas e Seridó que juntamente tem as fazendas indicadas, uma capella filial, e cento e sessenta e quatro fazendas.

Os disimos forão rematados por tres annos que tiverão principio em 22 de Novembro de 1774 por 1:550\$000.

RIBEIRA DAS ESPINHARAS

Esta ribeira fica ao oeste da Cidade mais de setenta legoas, tem sete (?) de comprido e sessenta e tres de largo, confina ao nascente com a ribeira de Sabugi ao Puente com a do Piancó, ao Norte com a do Assú; o seo commercio é unicamente de gados; tem as fazendas indicadas: tres capellas filiaes e cincoenta e nove fazendas.

Os disimos desta ribeira forão rematados por tres annos que tiverão principio em 22 de Novembro de 1774 por 1:325\$000.

RIBEIRA DO SABOGI

Esta ribeira dista da Cidade sessenta e duas legoas, tem trinta de comprido e sessenta e oito de largo, confina ao Puente com as Espinharas, ao Nascente com a freguezia do Rio-Grande, ao sul com a serra da Borborema; o seo commercio é unicamente de gado e tem as fazendas indicadas, uma capella filial, e setenta e oito fazendas.

Os disimos desta ribeira forão rematados por tres annos que tiverão principio em 22 de Novembro de 1774 por 2:120\$000.

RIBEIRA DO PATU'

Esta ribeira dista da Cidade mais de oitenta legoas, tem vinte e nove de comprido e trinta e oito de largo, confina ao norte com a Serra-Branca, Freguezia do Assú e ao sul com a ribeira das Piranhas; o seo commercio é gado vaccum e cavallar, tem as fazendas indicadas: uma capella filial e cento e vinte sete fazendas.

Os disimos desta ribeira forão rematados por tres annos que tiverão principio em 22 de Novembro de 1774 por 1:760\$000.

RIBEIRA DO RIO DO PEIXE

Esta ribeira é a ultima que dista da cidade cento e quarenta legoas, tem de comprido quarenta e duas e de largo oito, confina ao Poente com a ribeira de Jaguaribe do Seará, ao norte com a freguezia do Rio-Grande e ao Sul com o Pajahú de Pernambuco; o seo commercio é de gados, e tem as fazendas indicadas: uma capella filial e cincoenta e cinco fazendas.

Os disimos desta ribeira forão rematados por tres annos, que tiverão principio em 22 de Novembro de 1774 por 2:800\$000.

Resumo dos rendimentos dos contratos arrematados por tres annos em o de 1774, a saber:

Os disimos Reaes do Carery por tres annos.....	13:020\$000
O subsidio das Carnes.....	8:920:000
O subsidio do Assucar.....	5:500\$000
Os disimos da Ribeira Piancó.....	1:355\$000
Ditos da Ribeira Piranhas.....	1:550\$000
Ditos da Ribeira Espinharas.....	1:325\$000
Ditos da Ribeira Saboji.....	2:120\$000
Ditos da Ribeira Patú.....	1:760\$000
Ditos da Ribeira Rio do Peixe.....	2:800\$000
Rs.....	<u>38:350\$000</u>

RESUMO DOS RENDIMENTOS

Contingentes do anno de 1774:

A dizima e donativo d'Alfanndega.....	5:872\$388
Novos direitos dos officios e cartas de seguro.....	26\$200
Direitos das caixas e fexos.....	469\$360
Disimos da villa do Pilar e Conde.....	37\$840
	<u>6:405\$788</u>

Não entrando o rendimento das mais villas por não estar liquidado.
Rematação nova do contracto dos Barbatões por tres annos 1:000\$000.
Sommando tudo Rs... 45:755\$788.

REZUMO

A Freguezia da Parahiba tem: nove Igrejas, trinta e tres Capellas; cinco conventos; deseseite Engenhos; dois mil quatro centos trinta e sete Fogos; e deis mil e cincoenta pessoas.

A Freguezia de Taipú tem: uma Igreja, seis Capellas, dose Engenhos; noventa e nove Fazendas; sete centos e oitenta Fogos; e tres mil e sete centas pessoas.

Freguezia do Pilar tem: uma Igreja; uma Villa; uma Fazenda; duzentos e quarenta nove Fogos; nove centos sessenta e cinco pessoas.

Freguezia da Campina tem: uma Igreja; tres Capellas; quarenta e sete Fazendas; quatro centos e vinte e um Fogos; mil e quatro centos noventa pessoas.

Freguezia de Jacóca; tem; uma Igreja; duas Capellas; uma Villa; tres Engenhos; quatro centos quarenta e cinco fogos; sete centos quarenta e quatro pessoas.

Alhandra tem: uma igreja; uma villa; um engenho; seis centos vinte fogos; e mil e nove pessôas.

Traição tem: uma igreja; uma villa; duzentos sessenta e cinco fogos; seiscentas vinte e oito pessoas.

Careris tem: uma igreja; duas capellas; oitenta e sete fazendas; quatro centos e deis fogos; e mil sete centos noventa e nove pessoas.

Mamanguape tem: uma igreja; oito capellas; uma villa; quatro engenhos setenta e cinco fazendas; mil tresentos e trese fogos; quatro mil quatro centos noventa e oito pessoas.

Pombal tem: uma igreja; quatorze capellas; uma villa; quinhentos e e sessenta fazendas; dois mil quatro centos e trinta e um fogos; e cinco mil quatro centas e vinte e duas pessoas.

TOTAL

Desoito igrejas; sessenta e oito capellas; cinco conventos; seis villas; trinta e sete engenhos; oito centas e sessenta e nove fazendas; nove mil tresentos noventa e um fogos; e trinta mil tresentas e cinco pessoas.

CAPITANIA DE PERNAMBUCO

DESCRIÇÃO DA FREGUEZIA DE TAQUARA

Tem principio na barra do rio Abiay, ao Porto dos Francêzes, aonde se divide a Capitania da Paraíba em sete grãos e dez minutos de latitude ao sul da linha Equinocial, e em tresentos quarenta e oito grãos e trinta e seis minutos de Longitude, como já dissemos: principia da parte da Costa do rio Abiay, e no rio Capibaribe de Goyana, finda da parte do sul; de norte a sul se contão quatro legoas, de leste a oeste parte com a Villa do Conde dos Indios, comarca da Parahyba, pela parte do sul com a Freguezia de Goyana pelo rio Capibaribe e por esta parte de leste a oeste com a freguezia de Alhandra dos Indios, pela estrada que vai para a Parahyba.

A sua povoação fica longe da Costa legoa e meia, e entre os dois rios Abiay e Capibaribe. Esta povoação é alta e aprasivel com varios arvoredos e na praia com varios coqueiros e curraes de apanhar peixe: foi Curato esta Freguezia até o anno de mil quinhentos noventa e dois. Tem a povoação em si duas igrejas a de Nossa Senhora do Rosario dos pretos e a matriz de Nossa Senhora da Penha de França. Na praia do Gajurá a capella de Santa Rita. Comprehende esta freguezia em si sete engenhos de fazer assucar, seis moem com cavallos e um com agua, todos com suas capellas paramentadas: os povos desta freguezia, os de Beira-mar, vivem de seus pescados, e as conductas destes são para a Villa de Goyana e Praça do Recife donde lhe dão consumo, os da terra de plantarem Tabacos, Roças, Arroz e mais lavours e outros de cultivarem cannas de assucar.

E' vigário colado desta freguezia o Reverendo Sebastião Pereira da Silva e vigário encomendado Pedro de Araujo, e tem segundo o rol de desobriga dez igrejas filiaes; sete engenhos; quinhentos vinte fogos; e — 2347 pessoas de desobriga.

VILLA DA ALHANDRA DOS INDIOS DESTA COMARCA

Foi Missão dos Padres da Congregação do Oratorio da Madre de Deus e de presente vigararia, parte a sua freguezia da parte do Norte com a Capitania da Parahyba; no rio chamado Popoca, que fica na extrema que vai para a cidade da Parahyba, e pela parte de leste com a freguezia de Goyana e com a parte de oeste com a freguezia de Nossa Senhora do Desterro de També, ficando quasi em figura triangular. Nesta Villa ha Casa de Camara, e serve na republica os homens brancos com a gente vermelha. Os habitadores desta freguezia vivem de plantarem tabacos e roças. O contracto dos gados que aqui se matão, está separada do da Villa de Goyana, e é o seo rendimento :

As igrejas que ha, é a Igreja Matriz, orago Nossa Senhora da Assumpção, da qual é vigário interino Antonio Coelho do Amaral, e tem segundo o rol de desobriga : 521 fogos e 1364 pessoas de desobriga.

DEMONSTRAÇÃO

Do augmento que tem tido os contractos Reaes desta Capitania de Pernambuco e suas annexas depois que tomou posse do Governo o Capitão General José Cesar de Menezes.

RENDIMENTOS DA CAPITANIA DA PARAHYBA

Contractos dos dizimos reaes dos Assucares até o Cariri de fóra

Foi arrematado no triennio que decorreo do primeiro de Julho de mil setecentos setenta e quatro, até o ultimo de Junho de mil setecentos setenta e sette, ultima arrematação do tempo do Governador Capitão General antecessor pelo preço annual de 4:340\$000.

Dito no triennio que decorreo de Julho de mil setecentos setenta e sete á Junho de mil setecentos e oitenta, primeira arrematação do tempo do Governador e Capitão General José Cesar de Menezes pelo preço annual de 4:533\$333 1/3.

Era o dito preço em que o dito senhor achou o contracto : 4:340\$000. Importa o augmento em um anno 193\$333.

E nos tres annos importa 580\$000.

No triennio que decorreo de Julho de mil setecentos e oitenta a Julho de mil setecentos e oitenta e tres, segunda arrematação do Illm. Exm. Sr. Ge-

neral, divididos por ordem da junta em mais ramos e resultou desta providencia muita utilidade, e os ramos são :

Os assucares dos Engenhos até o Cariri de fóra	
pelo preço annual.....	2:666\$666 $\frac{2}{3}$
Dizimos da cidade.....	350\$333 $\frac{1}{3}$
Cariris de fóra.....	666\$666 $\frac{2}{3}$
Ribeira dos engenhos.....	151\$666 $\frac{2}{3}$
Curimataú.....	170\$666 $\frac{2}{3}$
Taipú.....	375\$000
Mamanguape.....	333\$333 $\frac{1}{3}$
Praia de Lucena.....	233\$333 $\frac{1}{3}$
	<hr/>
	4:847\$666 $\frac{2}{3}$

Era o preço em que o mesmo senhor achou o contracto 4:340\$000. Importa o augmento em um anno 507\$666 $\frac{2}{3}$ E no triennio importa 1:523\$000. Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e tres á Junho de mil setecentos e oitenta e seis, pelo preço annual a saber :

Os assucares dos engenhos até o Cariri de fóra...	3:833\$333 $\frac{1}{3}$
Dizimos da cidade.....	350\$333 $\frac{1}{3}$
Cariris de fóra	1:666\$666 $\frac{2}{3}$
Ribeira dos engenhos.....	151\$666 $\frac{2}{3}$
Curimataú.....	253\$333 $\frac{1}{3}$
Taipú.....	375\$333 $\frac{1}{3}$
Mamanguape	250\$666 $\frac{2}{3}$
Praia da Lucena.....	233\$333 $\frac{1}{3}$
	<hr/>
Que todas importão por anno.....	7:114\$666 $\frac{2}{3}$
Era o preço em que o mesmo senhor achou o contracto.....	4:340\$000
	<hr/>

Importa o augmento em um anno.....	2:774\$666 $\frac{2}{3}$
E nos tres annos importa em.....	8:324\$000

Dito no triennio de mil setecentos e oitenta e seis á mil setecentos e oitenta e nove pelo preço annual a saber :

Os assucares dos Engenhos até o Carery de fóra....	2:666\$666 $\frac{2}{3}$
Disimos da Cidade.....	472\$000
Carerers de fóra.....	1:677\$333 $\frac{1}{3}$
Ribeira dos Engenhos.....	153\$333 $\frac{1}{3}$
Curimataú.....	500\$000
Taipú.....	646\$666 $\frac{2}{3}$
Mamanguape.....	467\$000
Praia da Lucena.....	334\$000
	<hr/>
	6:917\$000

Era o preço em que estava o contracto.....	4:340\$000
Importa o augmento em um anno.....	2:577\$000
E nos tres annos importa em.....	7:731\$000
Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 4:340\$000 á 6:917\$000 annuaes, e que por este aug- mento entrarão mais nos reaes cofres.....	
	18:158\$000

CONTRACTO DOS DISIMOS DOS GADOS E MIUNÇAS DAS PIRANHAS

Foi arrematado no triennio que decorreo de Julho de mil setecentos e setenta e quatro á Junho de mil setecentos e setenta e sete, ultima arrematação do tempo do Governador e Capitão-General antecessor pela quantia annual de.....	516\$666 $\frac{2}{3}$
Dito no triennio que decorreo de Julho de mil setecentos e setenta e sete á Junho de mil setecentos e oitenta, primeira arrematação do tempo do Governador e Capitão-General José Cesar de Menezes pela quantia annual de.....	668\$000
Era o dito preço em que estava o contracto.....	516\$666 $\frac{2}{3}$
Importa o augmento em um anno.....	151\$333 $\frac{1}{3}$
E nos tres annos importa em.....	454\$000

Dito no triennio que decorreo de Julho de mil setecentos e oitenta a Junho de mil setecentos oitenta e tres, foi administrado pela Real Fazenda, e constando que utilisou a Real Fazenda, em lugar do prejuizo que os Rendeiros receárão se calcula pelos mesmos preços acima, vindo a gosar-se neste triennio o mesmo avanço de 454\$000.

Fol arrematado no triennio de Julho de mil setecentas oitenta tres á Junho de mil setecentos oitenta e seis pelo preço annual de 743\$666 $\frac{2}{3}$.

Era o dito preço em que estava o contrato 516\$666 $\frac{2}{3}$.

Importa o augmento n'um anno 227\$000.

E nos tres annos importa em 681\$000.

No triennio que decorreo de mil setecentos oitenta e seis á mil setecentos oitenta e nove pelo preço annual de 1:100\$000.

Era o preço em que estava o contrato 516\$666 $\frac{2}{3}$.

Importa o augmento em um anno 583\$333 $\frac{1}{3}$.

E nos tres annos em 1:750\$000.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 516\$666 $\frac{2}{3}$ a 1:100\$000 annuaes, e que por este augmento entrarão mais nos reaes cofres 3:339\$000.

CONTRACTO DAS RIBEIRAS DO PIANCÓ

Foi arrematado no triennio que decorreo de Julho de mil setecentos e setenta e quatro a Junho de mil setecentos e setenta e sete, ultima arrematação do tempo do Governador e Capitão-General antecessor pelo preço annual de 451\$666 $\frac{2}{3}$.

Dito no triennio que decorreo desde Julho de mil setecentos e setenta e sete até Junho de mil setecentos e oitenta, primeira arrematação do tempo do Governador e Capitão-General José Cesar de Menezes pelo preço annual de 644\$500.

Era o preço em que estava o contracto 451\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 192\$833 1/3.

E nos tres annos importa em 578\$500.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta a Junho de mil setecentos e oitenta e tres pelo preço annual de 644\$833 1/3

Era o preço em que estava o contracto 451\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 193\$166 2/3.

E nos tres annos importa em 579\$500.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e tres a Junho de mil setecentos e oitenta e seis pelo preço annual de 1:033\$666 2/3.

Era o preço em que estava o contracto 451\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 582\$000.

E nos tres annos importa em 1:746\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e seis a Junho de mil setecentos e oitenta e nove e pelo preço annual de 1:233\$666 2/3.

Era o dito preço em que estava o contracto 451\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 818\$000.

E nos tres annos importa em 2:454\$000.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 451\$666 2/3 a 1:233\$666 2/3 annuaes, e que por este augmento entrarão mais nos Reaes Cofres 5:358\$000.

CONTRACTO DAS RIBEIRAS DOS ESPINHARES

Foi arrematado no triennio que decorreu de Julho de mil setecentos setenta e quatro a Junho de mil setecentos setenta e sete, ultima arrematação do tempo do governador e capitão general antecessor pelo preço annual de 441\$666 2/3.

Dito no triennio que decorreu desde Junho de mil setecentos setenta e sete até Junho de mil setecentos e oitenta, primeira arrematação do tempo do governador e capitão-general José Cesar de Menezes pelo preço annual de 627\$033 1/3.

Era o dito preço em que estava o contracto 441\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 185\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 556\$000.

Dito no triennio que decorreu de Julho de mil setecentos e oitenta até Junho de mil setecentos e oitenta e tres pelo preço annual de 627\$033 1/3.

Era o dito preço em que estava o contracto 441\$666 2/3.

Importa o augmento em um anno em 185\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 556\$100.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e tres até Junho de mil setecentos e oitenta e seis pelo preço de 800\$000.

Era o dito preço em que estava o contracto 441\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 358\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 1:075\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e seis a Junho de mil setecentos e oitenta e nove pelo preço annual de 1:160\$333 1/3.

Era o dito preço em que estava o contracto 441\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 718\$666 2/3.

E nos tres annos importa em 2:156\$000.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 441\$666 2/3 a 1:160\$333 1/3 annuaes e que por este augmento entrarão nos Reaes Cofres mais 4:343\$100.

CONTRACTO DA RIBEIRA DO PATU'

Foi arrematado no triennio que decorreu do primeiro de Julho de mil setecentos e setenta e quatro até o ultimo de Junho de mil setecentos e setenta e sete, ultima arrematação do tempo do governador e capitão-general antecessor pelo preço annual de 586\$666 2/3.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e setenta e sete á Junho de mil setecentos e oitenta, primeira arrematação do tempo do Governador e Capitão-General José Cesar de Meneses pelo preço annual de 808\$333 1/3.

Era o dito preço em que estava o contracto rs. 586\$666 2/3.

Importa o augmento em um anno 221\$666 2/3.

E nos tres annos importa em 665\$000.

No triennio de Julho de mil setecentos e oitenta á Junho de mil setecentos e oitenta e tres, administrou-se pela Fazenda Real, e pelas informações que já existem na contadoria, se vê que houve maior lucro, que o dito preço antecedente, porém como ainda não está liquido por não terem chegado as contas, se orça aqui o mesmo preço antecedente, e por consequencia o mesmo augmento no triennio, que foi 665\$000.

Foi arrematado no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e tres a Junho de mil setecentos e oitenta e seis pelo preço annual de rs. 1:017\$000.

Era o preço em que estava o contracto rs. 586\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno 430\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 1:291\$000.

Dito no triennio que decorreu de Julho de mil setecentos e oitenta e seis a Junho de mil setecentos e oitenta e nove pelo preço annual de 1:611\$666 2/3.

Era o dito preço em que estava o contracto de rs. 586\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno 1:025\$000.

E nos tres annos importa em 3:075\$000.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 586\$666 2/3 á 1:611\$666 2/3 annuaes e que por este augmento entrarão mais nos Reaes Cofres 5:696\$000.

CONTRACTO DO RIO DO PEIXE

Foi arrematado no triennio que decorreu do primeiro de Julho de mil setecentos setenta e quatro até o ultimo de Junho de mil setecentos setenta

e sete, ultima arrematação do tempo do Governador e Capitão General, antecessor pelo preço annual de 933\$333 1/3.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos setenta e sete a Junho de mil setecentos e oitenta, primeira arrematação do tempo do Governador e Capitão-General José Cesar de Menezes pelo preço annual de 970\$666 2/3.

Era o dito preço em que estava o contracto, rs. 933\$333 2/3.

Importa o augmento n'um anno, 37\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 112\$000.

Dito no triennio que decorreo do primeiro de Julho de mil setecentos e oitenta até trinta de Junho de mil setecentos e oitenta e tres pelo preço annual de 1:116\$666 2/3.

Era o dito preço em que estava o contrato 933\$333 1/3.

Importa o augmento n'um anno 183\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 550\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e tres até trinta de Junho de mil setecentos e oitenta e seis pelo preço annual de 1:350\$000.

Era o dito preço em que estava o contrato 933\$333 1/3.

Importa o augmento n'um anno 416\$666 2/3.

E nos tres annos importa em 1:250\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e seis a Junho de mil setecentos e oitenta e nove pelo preço annual de 2:070\$000.

Era o dito preço em que estava o contrato 933\$333 1/3.

Importa o augmento n'um anno 1:136\$666 2/3.

E nos tres annos importa em 3:410\$000.

Mostra-se que o preço do dito contrato subio de 933\$333 1/3 á 2:070\$000 annuaes, e que deste augmento resultou entrar de mais nos Reaes Cofres 5:322\$000.

CONTRACTO DA RIBEIRA DO SABOGI

Foi arrematado no triennio que decorreu do primeiro de Julho de mil setecentos e setenta e um a Junho de mil setecentos e setenta e quatro, ultima arrematação do tempo do governador e Capitão-General antecessor pelo preço annual de 500\$000.

Dito no triennio que decorreu de Julho de mil setecentos e setenta e quatro a Junho de mil setecentos e setenta e sete, primeira arrematação do tempo do governador e Capitão-General José Cesar de Menezes pelo preço annual de 707\$000.

Era o dito preço em que estava o contracto 500\$000.

Importa o augmento n'um anno em 207\$000.

E nos tres annos importa em 621\$000.

Dito no triennio que decorreu de Julho de mil setecentos e setenta e sete a Junho de mil setecentos e oitenta pelo preço annual de 1:000\$000.

Era o dito preço em que estava o contracto 500\$000.

Importa o augmento n'um anno em 500\$000.

E nos tres annos importa em 1:500\$000.

No triennio que decorreu de Julho de mil setecentos e oitenta a Junho de mil setecentos e oitenta e tres se administrou pela Real Fazenda e pelas rematações dos gados se julga exceder ao preço annual da arrematação antecedente de 1:000\$000.

Era o dito preço em que estava o contracto 500\$000.

Importa o augmento n'um anno em 500\$000.

E nos tres annos importa em 1:500\$000.

Dito no triennio que decorreu de Julho de mil setecentos e oitenta e tres a Junho de mil setecentos e oitenta e seis pelo preço annual de 1:000\$666 2/3.

Era o preço em que estava o contracto 500\$000.

Importa o augmento n'um anno em 500\$666 2/3.

E no triennio importa em 1:502\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e seis a Junho de mil setecentos e oitenta e nove pelo preço annual de 1:214\$333 1/3.

Era o preço em que estava o contracto 500\$000.

Importa o augmento n'um anno em 714\$333 1/3.

E no triennio importa em 2:143\$000.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 500\$000 a 1:214\$333 1/3 annuaes, e que por este augmento entrarão mais nos Reaes Cofres 7:266\$000.

CONTRACTO DO SUBSIDIO DAS CARNES

Foi arrematado no triennio que decorreu do primeiro de Janeiro de mil setecentos e setenta e dois até o ultimo de Dezembro de mil setecentos e setenta e quatro, ultima arrematação do tempo do governador e Capitão-General antecessor pelo preço annual de 1:733\$333 1/3.

Dito no triennio que decorreu de Janeiro de mil setecentos e setenta e cinco a Dezembro de mil setecentos e setenta e sete, primeira arrematação do tempo do governador e Capitão-General José Cesar de Menezes pelo preço annual de 2:973\$333.

Era o dito preço em que estava o contracto 1:733\$333 1/3.

Importa o augmento n'um anno em 1:240\$000.

E nos tres annos importa em 3:720\$000.

Dito no triennio de mil setecentos e setenta e oito a mil setecentos e oitenta pelo preço annual de 2:973\$800.

Era o dito preço em que estava o contracto 1:733\$333 1/3.

Importa o augmento n'um anno em 1:240\$466 2/3.

E nos tres annos importa em 3:721\$400.

No triennio de mil setecentos e oitenta e um a mil setecentos e oitenta e tres administrou-se pela Fazenda Real porque não houve quem chegasse ao dito preço por causa da grande mortandade de gado que houve, procedida das extraordinarias seccas que se experimentarão nos annos antecedentes; e rendeu a saber :

No anno de mil setecentos e oitenta e um 1:961\$420.

Dito de mil setecentos e oitenta e dois 1:376\$159.

Dito de mil setecentos e oitenta e tres 1:433\$161.

E nos tres annos importa em 7:770\$740.

Era o dito preço em que estava o contracto por anno 1:733\$333 1/3 que dá no triennio 5:200\$000.

Importa a diminuição que houve e que se abate dos lucros acima em 429\$260.

Tornou-se a administrar o dito contracto no anno de mil setecentos e oitenta e quatro e produziu liquido 2:233\$705.

Era o preço em que estava o contracto 1:733\$333 1/3.

Importa o lucro que houve em 470\$371.

No corrente anno de mil setecentos e oitenta e cinco continúa a administrar-se por conta da Fazenda Real, porque tambem não chegarão os lançadores ao preço da ultima arrematação.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 1:733\$333 1/3 até 2:973\$866 annuaes e que do dito augmento entrarão mais nos Reaes Cofres 7:482\$511.

CONTRACTO DO SUBSIDIO DO ASSUCAR

Foi arrematado no triennio que decorreo de Julho de mil setecentos e setenta e dous até Junho de mil setecentos e setenta e cinco, ultima arrematação do tempo do Governador e Capitão-General antecessor pelo preço de 1:516\$666 2/3.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e setenta e cinco a Junho de mil setecentos e setenta e oito, primeira arrematação do tempo do Governador e Capitão-General José Cesar de Menezes pelo preço annual de 1:833\$333 1/3.

Era o dito preço em que estava o contrato 1:516\$666 2/3.

Importa o augmento em um anno em 316\$666 2/3.

E nos tres annos importa em 950\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta a Junho de mil setecentos e oitenta e tres pelo preço annual de 1:870\$000.

Era o dito preço em que estava o contrato 1:516\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 353\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 1:060\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos e oitenta e tres a Junho de mil setecentos e oitenta e seis pelo preço annual de 2:400\$000.

Era o dito preço em que estava o contrato 1:516\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 883\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 2:650\$000.

Dito no triennio de Julho de mil setecentos oitenta e seis a Junho de mil setecentos oitenta e nove pelo preço annual de rs. 1:870\$000.

Era o dito preço em que estava o contracto, rs. 1:516\$666 2/3.

Importa o augmento n'um anno em 353\$333 1/3.

E nos tres annos importa em 1:060\$000.

Mostra-se que o preço do dito contracto subio de 1:516\$666 2/3 a 2:400\$000 annuaes e que por este augmento entrarão mais nos Reaes Cofres 5:720\$000-

*

Resumo do accrescimo que houve nos preços dos contractos Reaes desta Capitania de Pernambuco e suas annexas e da importancia total do mesmo accrescimo no tempo do Governador e Capitão-General José Cesar de Meneses, calculado o dito accrescimo sobre os preços das arrematações, que corrião quando tomou posse do Governo no anno de mil setecentos setenta e quatro.

CAPITANIA DA PARAHYBA

O contrato dos disimos Reaes dos assucares até o Carery de fóra andava em 4:340\$000, e ao presente está em 7:114\$666 2/3 annuaes, de que resultou entrar mais nos Reaes Cofres 18:158\$000.

O contracto dos dizimos dos gados e miunças das Piranhas andava em 516\$555 2/3 e ao presente acha-se em 1:100\$000 annuaes e deste augmento resultou entrar mais nos Reaes Cofres 3:339\$000.

O contracto dos dizimos da ribeira de Piancó andava em 451\$666 2/3 e ao presente está em 1:233\$666 2/3 annuaes, e por este augmento resultou entrar mais nos Reaes Cofres 5:358\$000.

O contracto dos dizimos da Ribeira dos Espinhaes andava em 441\$666 2/3 e ao presente está em 1:160\$333 1/3, annuaes e deste augmento resultou entrar mais nos Reaes Cofres 4:349\$100.

O contracto da Ribeira do Patú andava em 586\$666 2/3, e ao presente está em 1:611\$666 annuaes, e deste augmento resultou entrar mais nos Reaes Cofres 5:696\$000.

O contracto do Rio do Peixe andava em 933\$333 1/3, e ao presente está em 2:070\$000 annuaes e deste augmento resultou entrar mais nos Reaes Cofres 5:322\$000.

O contracto da Ribeira do Sabugi andava em 500\$000 e ao presente está em 1:214\$333 1/3 annuaes, e deste augmento resultou entrar de mais nos Reaes Cofres 7:266\$000.

O contracto do subsidio das carnes andava em 1:733\$333 e ao presente está em 2:973\$800 annuaes, e deste augmento resultou entrar de mais nos Reaes Cofres 7:482\$511.

O contracto do subsidio do assucar andava em 1:516\$666 2/3 e ao presente está em 2:400\$000 annuaes e deste augmento resultou entrar de mais para os Reaes Cofres 5:720\$000.

Mostra-se que os preços dos ditos contractos tiveram um augmento de 9:894\$666 2/3 annuaes, e que por este augmento resultou entrar mais nos Reaes Cofres pertencente aos annos acima contemplados 62:684\$611.

*

Demonstrando-se finalmente o seguinte accrescimento na capitania de Pernambuco e suas annexas :

Pernambuco	353:373,691
Itamaracá	14:447,487
Seara Grande.....	56:701,900
Parahyba do Norte	62:684,611
Rio Grande do Norte.....	45:837,334

Importa o accrescimento total de todas as capitaulas nos referidos annos em 533:045,023 2/3 que vem á importar em um milhão trêscentos e trinta e dois mil seiscentos e doze cruzados.

MAPPA DOS HABITANTES DA PARAHYBA, DIVIDIDOS PELAS CLASSES ABAIXO
EM VIRTUDE DA ORDEM DE SUA Magestade

Sexo masculino

A' primeira classe pertencem as crianças até a idade de sete annos completos.

A' segunda classe pertencem os rapazes de quinze annos completos.

A' terceira classe os homens até a idade de sessenta annos.

A' quarta classe os velhos de sessenta annos para cima.

	1ª CLASSE	2ª CLASSE	3ª CLASSE	4ª CLASSE	SOMMAS
Cidade da Parahyba....	1.355	1.333	3.729	1.950	8.367
Mamanguape.....	1.360	762	2.121	180	4.423
Conde.....	157	193	588	82	1.020
Pilar.....	150	78	194	30	452
Bahia de S. Miguel.....	189	116	312	22	639
Villa-Flor.....	109	63	207	32	411
Taipú.....	566	592	914	425	2.497
Careri Velho.....	375	405	950	100	1.830
Campina Grande.....	367	268	555	83	1.273
Pombal.....	996	864	2.152	1.083	5.095
Seridó.....	370	459	1.089	132	2.050
Sommas.....	5.994	5.133	12.811	4.119	28.057

Pombal tem quatro velhos que passam de noventa annos, que já vão incluídos na quarta classe : a cidade da Parahyba um e Seridó um ; total seis.

Sexo feminino

A' quinta classe pertencem as creanças até a idade de sete annos completos.

A' sexta classe pertencem as raparigas até a idade de quatorze annos completos.

A' setima classe pertencem as mulheres até a idade de cincoenta annos.

A' oitava classe pertencem as velhas de cincoenta annos para cima.

A cidade da Parahyba tem tres velhas que passão de noventa annos e que hão de ir incluídas na oitava classe ; Mamanguape tem uma ; Campina Grande duas ; Pombal uma ; Seridó duas. Total nove.

	5ª CLASSE	6ª CLASSE	7ª CLASSE	8ª CLASSE	SOMMAS
Cidade da Parahyba....	1.272	1.833	4.172	1.878	9.155
Mamanguape.....	1.087	698	1.753	434	3.972
Conde.....	142	181	557	59	939
Pilar.....	161	89	222	34	506
Bahia de S. Miguel.....	199	78	290	52	619
Villa-Flor.....	115	70	202	77	464
Taipú.....	492	523	596	364	1.975
Careri Velho.....	339	247	623	160	1.369
Campina Grande.....	348	356	427	85	1.216
Pombal.....	153	695	1.392	376	2.616
Seridó.....	362	394	672	152	1.580
Sommas.....	4.670	5.164	10.906	3.671	24.411

As crianças nascidas no dito anno já incluídas na primeira e quinta classe vão designadas na 1ª columna seguinte.

As pessoas fallecidas no dito anno vão designadas na 2ª columna,

E o total das pessoas, tanto do sexo masculino como do feminino, vai designado na 3ª columna.

	1ª COLUMNA	2ª COLUMNA	3ª COLUMNA
Cidade da Parahyba.....	474	461	17.522
Mamanguape.....	155	98	8.395
Conde.....	49	73	1.959
Pilar.....	46	30	953
Bahia de S. Miguel.....	93	58	1.258
Villa-Flor.....	53	42	875
Taipú.....	138	64	4.472
Careri Velho.....	104	33	3.199
Campina Grande.....	121	26	2.489
Pombal.....	235	46	7.711
Seridó.....	197	25	3.630
Sommas.....	1.615	956	52.468

Mappa do total de todos os habitantes comprehendidos nas quatro capitancias deste governo de Pernambuco, extrahido das relações dos parochos no anno de 1782

CAPITANIAS	HABITANTES	VELHOS QUE PASSÃO DE 100 AN.	NASCIDOS NO DITO ANNO	FALLECIDOS NO DITO ANNO
De Pernambuco.....	229.743	35	8.578	7.357
Da Parahyba.....	52.468	15	1.615	956
Do Rio Grande.....	23.812	11	1.123	673
Do Ceará.....	61.408	22	2.470	995
Somma total.....	367.431	72	13.786	9.981

OBSERVAÇÕES

Os velhos que passão de 100 annos e os nascidos vão incluídos na casa dos habitantes.

A comarca da Parahyba tem as seguintes pessoas que passão de 100 annos, a saber : a cidade da Parahyba tem quatro pessoas que passão de 100 annos ; Mamanguape tem uma branca, Ignacia Maria, com uma descendencia de cinquenta varões e sessenta duas mulheres ; Campina Grande tem duas : Pombal cinco ; Seridó tres.

N. 4

MAPPA DOS HABITANTES DA CAPITANIA DA PARAHYBA DO NORTE
EM 1812 E 1811

1812			1811	
HOMENS		MULHERES	HOMENS	MULHERES
Branços.....	17.833	18.169	22.560	22.648
Índios.....	1.567	1.734	1.707	1.698
Pretos.....	3.747	3.776	4.288	4.198
Mulatos.....	17.696	17.652	23.621	24.114
	40.843	41.331	52.116	52.658
CAPTIVOS				
Mulatos.....	1.216	1.291	7.044	6.679
Pretos.....	5.872	4.609	1.900	2.010
	7.088	5.900	8.944	8.689
TOTAL				
Homens.....			47.931	61.060
Mulheres.....			47.231	61.347
Somma.....			95.162	122.407 (*)

Diferença 27.245, numero que representa a diminuição da população em um anno. Talvez haja engano; em lugar de diminuição este numero indicará augmento na população.

(*) Do *Patriota* de 1813, n. 4, pag. 94—Bibliotheca Nacional.



INDICE

CAPIT.	PAG.
Introducção.....	
I — Littoral. Limites.....	5
II — Serras. Rios	11
III — Origens.....	21
IV — Conquista do sertão.....	31
V — Flora.....	43
VI — Fauna.....	55
VII — Fauna fossil.....	63
VIII — Reino mineral. Curiosidades.....	77
IX — Seccas.....	87
X — Continuação.....	99
XI — Agricultura.....	111
XII — Criação e industrias.....	123
XIII — Vias de communicacão. Commercio in- terno	137
XIV — Elementos ethnicos. Usos e costumes..	151
XV — Divisão judiciaria, administrativa e ecle- siastica.....	161
XVI — Cidades (do littoral até a Borborema)..	169
XVI ₁ — Cidades da Borborema e além da serra.	181
XVIII — Villas (do littoral até a Borborema).....	195
XIX — Villas da Borborema.....	207
XX — Villas além da Borborema.....	221
Appendice	229



ERRATA

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
12....	20.....	meos dous guias.....	dous guias
22....	22.....	salientarão-se.....	salientou-se
37....	24.....	Oliveira Lendo.....	Oliveira Ledo
39....	28.....	este esteve.....	elle esteve
48....	27.....	dessa terceira.....	da terceira
51....	2.....	me parecendo.....	nos parecendo
78....	30.....	refiro-me.....	refirimo-nos
81....	26.....	me parecendo.....	nos parecendo
96....	8.....	petó.....	potó
100....	17.....	se revolvem.....	se resolvem
104....	8.....	impetuesidade.....	impetuosidade
124....	27.....	perece.....	parece
128....	8.....	indusiria.....	industria
132....	9.....	nos arenosos.....	nos taboleiros arenosos
138....	29.....	fasenda.....	fasendo
140....	31.....	Governo da Capifania.....	Governo da Parahyba
141....	31.....	nasceu.....	nascendo
149....	16.....	sertão.....	sertoes
152....	4.....	julgo.....	julgamos
158....	5.....	venho.....	vimos
163....	7.....	para cada intendente.....	para os intendentes
163....	22.....	das de Campina.....	as de Campina
167....	20.....	Queixedy.....	Queixody
172....	6.....	feixando o rio.....	beirando e rio
172....	19.....	cita o seguinte facto.....	cita a respeito da de N. S. do Carmo o seguinte facto
173....	5.....	Negreiras.....	Negreiros
179....	2 e 3..	e com essa.....	e comarca
181....	1.....	cidades.....	ciudades
182....	26.....	Ararema.....	Araruna
183....	6.....	o de N. S. do Rosario e a igreja de S. Rita.....	e as igrejas de N. S. do Ro- sario e Santa Rita
184....	23.....	Matto Limpo.....	Matta Limpa
195....	16.....	mesmo decadente.....	mesmo modo decadente
201....	7.....	a 1/2 a O. de Itaipu.....	a 1 1/2a O. de Itaipi
201....	17.....	cala de bella.....	casa de camara de bella
204....	26.....	dos ribeiros.....	dous ribeiros
205....	10.....	Ultimamente. O governo...	Ultimamente o governo
208....	3.....	do Tocimo.....	de Tacima
208....	27.....	Banabugé.....	Banabuyé
211....	19.....	Badocangó.....	Bodocongó
212....	3.....	poucos annos.....	pouco tempo
213....	20.....	Santó.....	Souto
212....	24.....	e comarca.....	da comarca
214....	2.....	Piauihy.....	Picuihy
223....	20.....	e o Rio Grande do Norte...	do Rio Grande do Norte

O texto do «Santuario Mariano» que vem citado a pag. 472, começa nas palavras — No tempo — e acaba nas — recebe vida e saude —.

